NATIONALGEOGRAPHIC.PT | JUNHO 2021

NATIONAL GEOGRAPHIC

AS MÚMIAS GUANCHES

O enigma dos antepassados das Canárias

O MILÉNIO DE IDANHA-A-VELHA | A DAMA ROMANA DA AMADORA | A ÁRVORE DO FIM DO MUNDO

VISIT…

AS ÁRVORES TAMBÉM VIAJAM

A laranja está fortemente associada a Portugal. Faz parte da nossa dieta. E da nossa História. Por isso, pode ser surpresa para muitos quando se fica a saber que, afinal, a laranjeira não é uma planta nativa da flora nacional. E este é apenas um dos muitos casos em que a espécie que damos como "nossa" veio afinal de outras paragens...

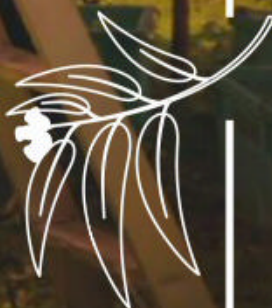
Originária da Ásia, a *Citrus aurantium* (laranja amarga) foi a primeira a ser conhecida pelos europeus, trazida pelos comerciantes árabes para a Península Ibérica. Mas foi a laranja doce, *Citrus sinensis*, que popularizou este citrino, introduzido no nosso país, no século XV, pelos navegadores portugueses que demandaram o sudoeste asiático.

A laranjeira é apenas uma das muitas árvores não autóctones que viajaram para Portugal e aqui encontram as condições de clima e solo propícias para o seu desenvolvimento. Vulgarmente conhecidas como espécies exóticas, muitas ganharam a "nacionalidade" portuguesa e outras são tão comuns que parece que sempre fizeram parte da paisagem. Estão neste lote a nogueira, a oliveira, a tangerineira, a amendoeira, o jacarandá, o carvalho-americano, o pinheiro-negro, o eucalipto, ou os cedros, estes últimos originários de lugares tão díspares como o Líbano; as montanhas do Atlas, no norte de África, e os Himalaias, na Ásia.

Entre as 225 espécies arbóreas utilizáveis em Portugal continental, identificadas pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), 51% são espécies não indígenas, muitas consideradas naturalizadas pelo decreto-Lei n.º 565/99 – como o cipreste, a olaia, o vimeiro ou o plátano – e outras mais, classificadas com interesse para arborização, entre as quais cerca de 20 espécies do género *Eucalyptus*.

O azeite faz parte da cultura nacional, mas a verdade é que a **oliveira** (*Olea europaea*) é nativa da costa da Síria e Israel, Norte do Iraque, Irão e Palestina, devendo-se à civilização grega a sua dispersão pela Europa mediterrânica.

Cultivada e apreciada pelo seu fruto, a noz, a **nogueira-comum** (*Juglans regia*) é proveniente da zona entre a Ásia Central e o Oeste da China. Já a Juglans nigra, ou nogueira-preta, é originária dos Estados Unidos.

Introduzido nos finais do século XVII em Coimbra, o **plátano** (*Platanus hibrida*) que podemos ver nas estradas, parques e jardins nacionais, é um cruzamento entre o Platanus occidentalis, da costa atlântica dos Estados Unidos, e o Platanus orientalis, nativo da Europa oriental e sudoeste asiático.

Em 1829 foram plantados na Quinta da Formiga, a sul de Vila Nova de Gaia, os primeiros eucaliptos (*Eucalyptus obliqua*) de que há registo histórico em Portugal. Outras espécies deste género, como o **eucalipto-comum** (*Eucalyptus globulus*) foram introduzidos no país em 1852 pelo Barão de Massarelos.

SUMÁRIO

Na capa
A múmia guanche do MAN (Museu Arqueológico Nacional de Espanha) pertence à cultura aborígene da ilha de Tenerife. É a múmia guanche mais bem conservada do mundo.

CORTESIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL DE ESPANHA (MAN)/FERNANDO VELASCO MORA

CORTESIA DE RAÚL TEJEDOR/RTVE/STORY PRODUCCIONES (EM CIMA)

REPORTAGENS

SECÇÕES

Envie-nos comentários para nationalgeographic@rbarevistas.pt

Siga-nos no Twitter em @ngmportugal

Torne-se fã da nossa página de Facebook: facebook.com/ngportugal

Mais informação na nossa página de Internet: nationalgeographic.pt

Siga-nos no Instagram em @natgeomagazine-portugal

Assinaturas e atendimento ao cliente
Telefone 21 433 70 36
(de 2.ª a 6.ª feira)
E-mail: assinaturas@vasp.pt

DE CIMA PARA BAIXO: ANYFORMS DESIGN; CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA/MUSEU MUNICIPAL DE ARQUEOLOGIA/FILIPE FRANCO; IAN TEH; CARLTON WARD JR.

ANTÓNIO CARREIRA Lembrando uma rosa do deserto, o Museu Nacional do Qatar foi desenhado por Jean Nouvel. A estética futurista criada a partir de algo orgânico segue um fluxo elíptico e contínuo que evoca as ondulações das dunas do país.

NUNO SOUSA Na Primavera, as antigas salinas da ilha da Morraceira, na foz do Mondego, enchem-se de vida. Sabendo por onde andavam os pernilongos, o autor deitou-se no lodo e esperou que as aves confiassem no vulto camuflado que não se mexia.

NUNO MIGUEL VALENTE Os *drones* mudaram a perspectiva que temos das estruturas ao nível do solo. O fotógrafo conhecia a fachada frontal do Sanatório Albergaria do Grandella, em Cabeço de Montachique, um espaço doado pelo filantropo republicano Francisco Grandella em 1918 ao país e cujo projecto, não concluído, tem a forma de uma estrela de sete pontas. "Nunca me tinha apercebido da geometria do edifício", conta o autor.

Portugal
Enquanto deixa para trás a montanha mais alta de Portugal, um tubarão-azul emerge das águas do canal entre o Faial e o Pico. Apesar de continuar a ser uma das espécies mais abundantes dos nossos oceanos, é vítima de um apetite cada vez mais voraz do mercado asiático.
JOÃO RODRIGUES

Irlanda
No solstício de Inverno, o Sol alinha com o eixo do círculo de Drombeg, tambem conhecido como Altar do Druida, e põe-se numa fenda que existe nas colinas opostas. Parece provável que os construtores do círculo tenham pretendido marcar o solstício, alinhando as pedras de entrada e a pedra horizontal oposta a estas.
KEN WILLIAMS

Índia
Uma mulher escolhe malaguetas perto de Jodhpur. A Índia acolhe algumas das variedades mais picantes do mundo. Uma delas, Bhut Jolokia, foi usada há alguns anos pelas Forças Armadas para fabricar granadas de fumo capazes de dispersar multidões.
BARTOSZ HADYNIAK7GETTY IMAGES

O PÃO DE POMPEIA

Em 79 a.C., a erupção do Vesúvio soterrou as cidades de Pompeia e Herculano e carbonizou muitos dos conteúdos orgânicos, incluindo o pão nas padarias de Pompeia. Farrell Monaco, uma arqueóloga que se dedica à culinária antiga, investigou a história de um pão popular e recriou a receita.

2

Fermentos
Os padeiros da região por vezes usavam fermento para incorporar levedura na massa. Ao contrário dos fermentos modernos de farinha e água, os usados pelos antigos padeiros romanos continham leguminosas ou cascas de uva para impulsionar a fermentação.

Encontrará a receita deste pão em *ngm.com/jun2021*.

1

Panis quadratus
Numa padaria escavada em Pompeia, os arqueólogos descobriram um forno cheio de peças queimadas do chamado *panis quadratus*. O nome deve-se aos quatro entalhes feitos com um fio ou junco para que o pão se partisse mais facilmente em pedaços iguais.

TEXTO: ANNIE ROTH. FOTOGRAFIA: REBECCA HALE

3

Cereais antigos
Durante as escavações, foi encontrado *Triticum aestivum* (trigo panificável) ao lado de *panis quadratus*. Com a expansão do Império Romano, o trigo tornou-se o principal cereal usado para panificação.

4

Na mesa
Denso, com crosta crocante, era o pão ideal para molhar em vinho, sopas e molhos, diz a arqueóloga. Ela mói os grãos com um moinho manual de pedra (canto superior direito) para criar a aspereza da farinha dos antigos romanos.

ANIMAIS PERITOS EM ARMAZENAMENTO

A ANTROPÓLOGA inglesa Alice Roberts ridicularizou tantas vezes as deficiências humanas em comparação com o reino animal que, em 2018, um colega lhe apresentou este desafio: redefinir o corpo, melhorando partes dele. Ao inspirar-se em espécies animais, Alice especulou que nos seriam mais úteis algumas das suas características, incluindo a bolsa do marsupial. Não será tão cedo que se verá uma mãe a colocar o seu bebé numa bolsa, mas muitos animais têm usos vitais para as áreas de armazenamento existentes nos seus corpos. Eis cinco deles. – HICKS WOGAN

1.

2.

3.

4.

5.

1. CAVALO-MARINHO

Ele faz o trabalho duro
Nos casais de cavalos-marinhos, a fêmea deposita os ovos no macho, que os mantém num compartimento frontal. Após 14 a 28 dias, ele dá à luz a 1.500 alevinos num parto aquático.

2. LONTRA

Armazenamento
Sob os antebraços, as lontras têm bolsas de pele solta. Ali podem manter a pedra favorita que utilizam para partir mariscos e guardar a comida que recolheram mas que querem comer mais tarde.

3. EQUIDNA

Aconchegar até doer
Uma fêmea protege o seu ovo numa bolsa temporária formada por músculos abdominais contraídos. A cria permanece ali até os espinhos afiados do seu corpo se desenvolverem.

4. VOMBATE

Evoluir para a limpeza
À semelhança de fêmeas de outras espécies de marsupiais, o vombate tem uma bolsa onde os filhotes começam a vida. Esta bolsa na barriga abre-se para trás para que, ao escavarem não encham a bolsa nem e salpiquem a prole com sujidade.

5. ESQUILO

Despensa na bochecha
Um dos mais pequenos membros da família dos esquilos, a tâmia-oriental-americana pode encher as bochechas com comida até estas ficarem quase tão grandes como o seu corpo. Para sobreviver no Inverno, alimenta-se da reserva que transportou para a toca desta forma.

FOTOGRAFIAS: GEORGE GRALL (CAVALOS-MARINHOS); JEFF WILDERMUTH, NATIONAL GEOGRAPHIC IMAGE COLLECTION (LONTRA); MITSUAKI IWAGO, MINDEN PICTURES (EQUIDNA); AFLO/NATURE PICTURE LIBRARY (ESQUILO); GERRY ELLIS, MINDEN PICTURES (VOMBATE)

ELOGIO DA DIFERENÇA CROMÁTICA

Na ilha da Geórgia do Sul, entre a multidão de *smokings* negros dos pinguins-reis, a plumagem amarela deste indivíduo pode parecer estranha. No entanto, os animais com falta de pigmentação (uma condição chamada leucismo) não são raros: ocorre um em cada 20 mil pinguins, por exemplo. Embora a coloração seja impressionante para a fotografia, o facto de se destacar pode prejudicar a capacidade da ave para encontrar parceira e aumenta o risco de ser engolido por uma orca ou uma foca-leopardo.
— JASON BITTEL

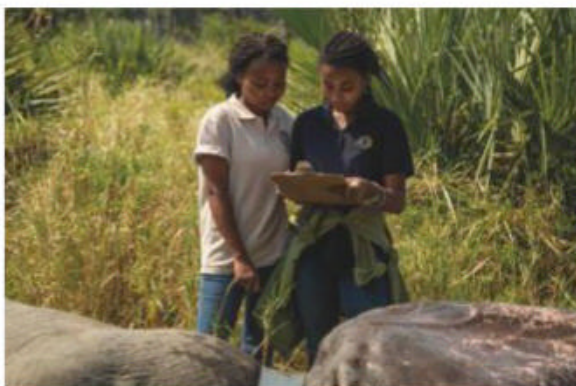
FOTOGRAFIA DE YVES ADAMS, KENNEDY NEWS

SAÚDEM
A RAINHA
NATIONAL
GEOGRAPHIC
Genius:
Aretha
Disney+

O seu apoio tornou possível à National Geographic Society financiar este e outros projectos de exploração científica.

"NÃO PODEMOS CRIAR ILHAS DE CONSERVAÇÃO"

TEXTO DE **GONÇALO PEREIRA ROSA**

Animais complexos, com memórias acumuladas de traumas e de velhas rotas históricas, os elefantes são um dos emblemas da Gorongosa e o objecto da investigação de Dominique Gonçalves. **Leia a entrevista completa em** *nationalgeographic.pt*

QUANDO A NATIONAL GEOGRAPHIC Society apresentou a iniciativa Half Earth Day com a Fundaçao E.O. Wilson, o Parque Nacional da Gorongosa foi convidado a apresentar os resultados da sua actividade. No dia da comunicação do projecto, coube à jovem bióloga Dominique Gonçalves falar sobre o parque. Talvez naquele dia ninguém pudesse imaginar que, no palco, estava uma futura especialista em ecologia de elefantes.

Anos mais tarde, já distinguida como "fellow" da National Geographic, Dominique estuda uma população de animais com memória dos anos traumáticos, mas resiliente e em expansão. Numa área protegida, nenhum organismo pode ser concebido isoladamente e a investigação em curso para compreender a ecologia dos elefantes tem permitido saber mais sobre o ténue equilíbrio entre seres humanos e animais. "Não podemos criar ilhas de conservação", diz.

"Os elefantes nunca desapareceram da Gorongosa, mas chegaram a existir menos de duzentos", diz. "Não são tão dóceis como os de outros parques internacionais. Na Gorongosa, persiste aquilo a que chamamos 'marcas do passado', uma espécie de trauma dos sobreviventes do tempo em que os elefantes eram dizimados, mas o tempo vai curar essas marcas", explica.

A bióloga moçambicana aposta também nos clubes de raparigas e no valor do exemplo como fonte de inspiração. "A minha maior inspiração foi a conservacionista Wangari Maathai. Um dia, um dos meus professores trouxe uma foto dela, contou a sua história e eu não conseguia acreditar que o Dia do Cinturão Verde começara com uma mulher africana", diz. "Talvez metade das raparigas com que contactamos hoje possa também inspirar-se no nosso exemplo." ◻

REBECCA HALE (NO TOPO); CARLA REBAI/CORTESIA PARQUE NACIONAL DA GORONGOSA (À ESQUERDA)

BEAR ESTÁ DE VOLTA
NATIONAL GEOGRAPHIC APRESENTA
FAMOSOS EM PERIGO
COM BEAR GRYLLS
NOVA TEMPORADA
SEGUNDAS 23:00
NATIONAL
GEOGRAPHIC

A National Geographic Society é uma organização global sem fins lucrativos que procura novas fronteiras da exploração, a expansão do conhecimento do planeta e soluções para um futuro mais saudável e sustentável.

NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE PORTUGAL

GONÇALO PEREIRA ROSA, *Director*
MIQUEL APARICI, *Director de Arte*
HELENA ABREU, *Coordenadora editorial*
JOSÉ LUIS RODRÍGUEZ, *Tratamento de imagem*

CONSELHO CIENTÍFICO

AIRES BARROS, *Presidente;*
ALEXANDRE QUINTANILHA, *Biologia*
CARLOS FABIÃO, *Arqueologia*
CARVALHO RODRIGUES, *Aerospacial*
CLÁUDIO TORRES, *Arqueologia*
FRANCISCO ALVES, *Arqueologia Náutica*
FRANCISCO PETRUCCI-FONSECA, *Zoologia*
GALOPIM DE CARVALHO, *Geologia*
JOÃO DE PINA CABRAL, *Antropologia Social*
JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA, *História da Expansão*
SALOMÉ PAIS, *Botânica*
SUSANA MATOS VIEGAS, *Antropologia Social*
TERESA LAGO, *Astronomia*
VANDA SANTOS, *Paleontologia*
VIRIATO SOROMENHO-MARQUES, *Ambiente*
VICTOR HUGO FORJAZ, *Vulcanologia*

TRADUÇÃO E REVISÃO

Bernardo Sá Nogueira, Coordenação de tradução; Bernardo Sá Nogueira, Erica da Cunha Alves e Luís Pinto, Tradução; Elsa Gonçalves, Revisão

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Anyforms; Filipa Capela (Internet e redes sociais); João Rodrigues; José Séneca; Ken Williams; Mário Rio; Pedro Martins

SIGA-NOS TAMBÉM EM

nationalgeographic.pt
facebook.com/ngportugal
zinio.com/NatGeoPT
instagram.com/natgeo_revistaportugal
Canal National Geographic Portugal no YouTube

PROPRIETÁRIA/EDITORA

RBA Revistas, S.L.
Avda. Diagonal, 189 – 08018 Barcelona
CIF: B 64610389
nationalgeographic@rbarevistas.pt

RBA PUBLIVENTAS
rbapublivintas.com

ARIADNA HERNÁNDEZ FOX, Directora-geral
M.ª LUZ MAÑAS, Directora comercial Madrid
mluz-m@rba.es - Tel.: 91 510 66 00

ANA GEA, Directora comercial Barcelona
ana-gea@rba.es - Tel.: 93 415 23 22

SERAFÍN GONZÁLEZ, Director de negócios digitais e serviços comerciais

IMPRESSÃO E ENCADERNAÇÃO

Rotocobrhi, S.A.U.
Ronda de Valdecarrizo n.º 13
28760 Tres Cantos – Madrid

ASSINATURAS

VASP-PREMIUM
Tel.: (351) 21 433 70 36 (de 2.ª a 6.ª feira)
assinaturas@vasp.pt

DISTRIBUIÇÃO

VASP, Distribuidora de Publicações, SA
MLP – Media Logistic Park
Quinta do Grajal
2739-511 Agualva - Cacém
Tel.: (351) 214 337 000

Periodicidade: mensal
Depósito Legal n.º B-8123-2021
ISSN 2182-5459
Registo de imprensa n.º 123811
Tiragem média: 40.000
Estatuto editorial:
nationalgeographic.pt/lei-transparencia

Interdita a reprodução de textos e imagens

Licença de
NATIONAL GEOGRAPHIC PARTNERS, LLC.

RICARDO RODRIGO, Presidente
ANA RODRIGO, Editora
JOAN BORRELL FIGUERAS, Director-geral Corporativo
AUREA DIAZ ESCRIU, Directora-geral
BERTA CASTELLET, Directora de Marketing
JORDINA SALVANY, Directora Criativa
ISMAEL NAFRÍA, Director Editorial
JOSEP OYA, Director-geral de Operações
RAMON FORTUNY, Director de Produção

Capital social: € 250.000
ACCIONISTAS – SÓCIO ÚNICO:
RBA Holding de Comunicación, S.L.U.

MIL ANOS EM IDANHA

O curioso palimpsesto de Idanha

TEXTO DE **GONÇALO PEREIRA ROSA**

NO TERRITÓRIO interior do Norte e Centro de Portugal, entre o Douro e o Tejo, não houve cidade mais importante do que Idanha-a-Velha durante mais de um milénio. Relevante no período romano, sede de bispado suevo-visigótica, capital de uma cura islâmica e posto templário, Idanha-a-Velha manteve relevância política e religiosa em todos estes momentos. O solo da actual aldeia histórica pode ser entendido como um palimpsesto, um pergaminho sucessivamente escrito e apagado. Enquanto cidades romanas como Ammaia ou Conímbriga apagaram-se em prol de cidades medievais emergentes, Idanha-a-Velha foi o centro nevrálgico da Beira Baixa durante 1.200 anos. Até ao dia em que a transferência da sede do bispado para a Guarda ditou o seu colapso.

Pode não parecer, mas as cidades são seres vivos, que nascem, vivem, prosperam e morrem. A morte de um núcleo urbano com esta complexidade deixa cicatrizes difíceis de interpretar e talvez tenha sido esse um dos motivos para o distanciamento que a comunidade arqueológica guardou destas ruínas. Em 1938, ao visitar o local, o arqueólogo Vergílio Correia não deixou de registar a sua desilusão por encontrar "campos cultivados ou muros rotos nos locais onde populosas e fortes cidades antigas se desenvolveram e prosperaram".

Em 2020, a Fundação para a Ciência e Tecnologia atribuiu financiamento a um projecto de investigação que se propõe resgatar o palimpsesto de Idanha-a-Velha e descodificar todas as suas marcas. Nesta edição, encontrará os primeiros ecos desse trabalho científico.

Expostas aos humores meteorológicos, algumas das muitas inscrições de Idanha-a-Velha fazem a guarda de honra ao edifício da Sé Episcopal, a partir do qual a cidade visigoda foi-se reorganizando. À esquerda, uma das peças notáveis de Idanha-a-Velha: a estatueta de madeira de uma divindade.

FOTOGRAFIAS DE PEDRO MARTINS. CORTESIA MUSEU FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

A múmia guanche do Museu Arqueológico Nacional de Espanha (MAN) deve ter feito parte da grande gruta sepulcral do barranco de Herques, no Sul da ilha de Tenerife, onde foram encontradas centenas de múmias. Chegou a Madrid em 1764 e foi exibida na Exposição Universal de Paris de 1878. Conserva todos os pormenores do seu corpo e até a expressão facial. Agora, a tecnologia mais moderna revela os seus segredos.

CORTESIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL (MAN)/FERNANDO VELASCO MORA

PARECEM DORMIR, MAS HÁ SÉCULOS QUE SE ENCONTRAM ANCORADAS NO TEMPO. COM A AJUDA DAS MAIS MODERNAS TECNOLOGIAS, AS MÚMIAS CANÁRIAS DÃO AGORA RESPOSTAS SOBRE O POVOAMENTO DO ARQUIPÉLAGO.

PACTO COM A ETERNIDADE

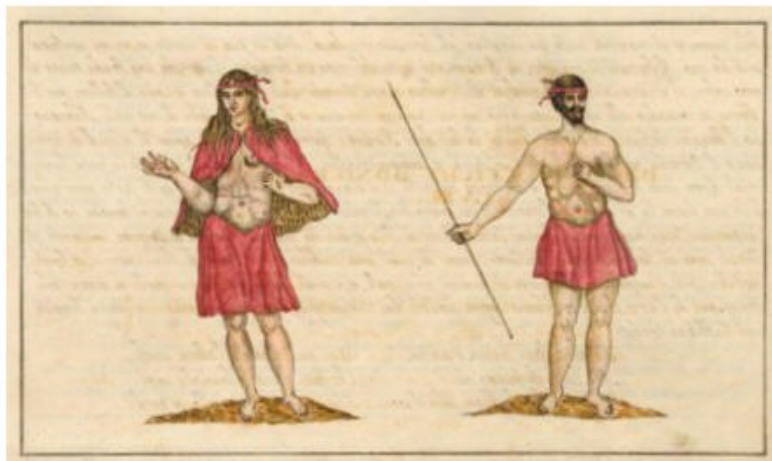
TEXTO DE **EMMA LIRA**

FOTOGRAFIAS DE **ALMUDENA CUESTA**

Tenerife, com a montanha do Teide ao fundo, é a maior das míticas Ilhas Afortunadas. Embora alguns navegadores e a expedição de Juba II no século I d.C. as considerassem um cenário real, foram praticamente invisíveis para a Europa até à chegada dos navegadores maiorquinos e genoveses, no século XIV. E os seus habitantes com elas.

ISTOCK/GETTY IMAGES

A tomografia axial computorizada (TAC) feita à múmia guanche no Hospital Universitário QuirónSalud de Madrid fornece pormenores do seu interior que, de outro modo, não poderíamos apreciar sem danificar a sua estrutura. A dúvida mais importante era se, à semelhança dos egípcios, os guanches evisceraram os seus mortos.

CORTESIA DE RAÚL TEJEDOR/RTVE/ STORY PRODUCCIONES

DETENHO-ME. A boca da gruta é quase invisível. Neste ponto, o barranco estreita-se e "observa-me" com os olhos cegos das suas centenas de cavidades. Qualquer delas pode ser a que procuramos. Ou talvez não, talvez seja outra, ainda não descoberta. Aqui, a história ainda não está escrita.

Em 1764, neste barranco situado no lado meridional da ilha de Tenerife, nas Canárias, foi encontrada a gruta que deu origem ao mito das mil múmias. O escritor iluminista José Viera y Clavijo, sacerdote em Tenerife, descreveu esse achado em pormenor nas suas *Noticias de la historia general de las Islas de Canaria*: "Acaba de se descobrir um panteão excelente [...]. Encontra-se num outeiro escarpado do barranco de Herques, entre Arico e Güímar, na região de Abona, e tão cheio de múmias que não se contaram menos de mil."

Haverá poucas actividades que suscitem mais entusiasmo do que caminhar sobre o ambíguo fio entre a história e a lenda. O relevo do barranco de Herques foi esculpido por uma antiquíssima explosão de lava solidificada e vegetação ressequida, roubada ao solo, cujo interior alberga segredos como este. Dois séculos e meio volvidos sobre a descoberta, encontramo-nos agora no lugar que grande parte dos arqueólogos de Tenerife atribui à Gruta das Mil Múmias. A sua localização foi sendo transmitida oralmente, sem coordenadas escritas, como que entre eleitos, e a entrada passa despercebida ao caminhante. Acompanhada por amigos insulares, sinto-me privilegiada por aceder à gruta onde, um dia, repousaram os seus antepassados. Agacho-me e inspecciono a estreita abertura. Ligo a luz da lanterna de cabeça e arrasto-me sobre o solo irregular e esbranquiçado. A descida dos primeiros metros por um túnel claustrofóbico traz recompensas: a câmara, alta e espaçosa, que logo se abre à minha frente é promessa de uma viagem ao passado da ilha.

"Nós, arqueólogos, partimos do princípio de que a expressão 'mil múmias' terá sido um exagero, uma maneira de dizer que existiam em grande número, às centenas", explica a historiadora e egiptóloga canarina Mila Álvarez Sosa. No interior da gruta, os olhos habituam-se pouco a pouco à escuridão, medindo os espaços, tentando localizar a mítica necrópole neste tubo vulcânico escavado nas entranhas da vertente do Herques.

Antes do século XVIII, já se tinham encontrado múmias, evidentemente, mas foi em torno desta gruta sepulcral que surgiu a lenda de que poderia tratar-se do panteão dos *menceyes*, os reis guanches, cuja localização os nativos guardavam ciosamente. Talvez por isso tenha desaparecido tão repentinamente como apareceu. A sua localização esbateu-se, pelo menos para a história oficial, e isso transformou-a no Santo Graal da arqueologia canarina. Quem perguntar aos autóctones, provavelmente escutará que a localização não é divulgada para protecção da memória dos antepassados. Ou que a gruta que vimos é falsa e que uma derrocada tapou a verdadeira para sempre. Geralmente, quando alguém faz perguntas, os autóctones contam-lhe muitas coisas. E silenciam outras. Todas fascinantes. (*Continua na pg. 14*)

ILUSTRAÇÃO DE DOIS INDÍGENAS DE LA GOMERA, LEONARDO TORRIANI, *DESCRIPCIÓN E HISTORIA DEL REINO DE LAS ISLAS CANARIAS*, BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

As crónicas localizam a Gruta das Mil Múmias entre as centenas de grutas que esburacam o barranco de Herques, ou de Los Muertos (no topo), em Tenerife. Na Universidade de La Laguna, a geneticista Rosa Fregel (em cima, à direita) extrai um dente de uma múmia encontrada em Tenerife no século XVIII, a fim de rastrear, com recurso às mais modernas tecnologias paleogenómicas, a origem das comunidades que povoaram o arquipélago canarino.

HIPÓLITO GONZÁLEZ (NO TOPO); CORTESIA DE STORY PRODUCCIONES (EM CIMA).

ENIGMAS POR RESOLVER

Graças a exames de DNA às múmias guanches, provas arqueológicas e estudos filológicos e antropológicos, existe actualmente consenso entre os peritos quanto à origem norte-africana dos primeiros habitantes do arquipélago das Canárias. No entanto, a questão de quando, a partir de onde e como foram povoadas as ilhas continua a ser um debate apaixonante, aberto a várias hipóteses.

1 Populações norte-africanas povoaram sete das oito ilhas das Canárias. Não sabemos se houve uma só vaga ou mais. Depois de fixadas nas ilhas, estas populações evoluíram de forma independente e com escassos intercâmbios entre ilhas.

2 Tiveram de chegar por via marítima, mas ignoramos se o fizeram a partir da região mais próxima do continente africano ou se vieram de mais longe, nem se chegaram voluntariamente ou foram trazidos à força. Apesar da escassez de recursos, não eram populações pré-históricas: formavam sociedades fortemente hierarquizadas, prestavam culto aos antepassados, exprimiam-se em línguas com um tronco comum, representavam textos escritos e imagens e tinham em comum um mundo espiritual politeísta governado por uma divindade astral.

3 Trouxeram animais domésticos (cabras, ovelhas e porcos) e culturas (cereais como trigo e cevada e leguminosas como feijões, lentilhas, ervilhas) e adaptaram-se progressivamente a um novo ambiente insular com recursos diferentes (inexistência de metais), incorporando igualmente a captura de marisco e a pesca.

ILUSTRAÇÃO: ALMUDENA CUESTA.
FONTES: LEONARDO TORRIANI E RECONSTITUIÇÃO DE FRANCISCO PERAZA (RECONSTITUIÇÃO DA EMBARCAÇÃO); PLÍNIO, *O VELHO*, E GOVERNO DAS CANÁRIAS (TOPÓNIMOS, ENDÓNIMOS E GENTÍLICOS)

Stramonita haemastoma

6 As ilhas proporcionavam aos possíveis colonizadores recursos valiosos, como a pesca (no banco canarino-saariano), a madeira, o sal, além dos líquenes e dos moluscos para elaboração da púrpura.

Pormenor do painel rupestre encontrado em Fuerteventura

4 Conheciam a escrita, caracterizada por uma estreita proximidade com a escrita (e a língua falada) de outros lugares do Norte de África. Assim o comprovam as inscrições encontradas nas ilhas e no continente.

Moeda de Juba II

7 Segundo Plínio, *o Velho*, o rei da Numídia e da Mauritânia Juba II (52 ou 50 a.C. – 23 d.C.) enviou uma expedição às Canárias e deu nome a cinco delas (Canária, a actual Gran Canária; Nivaria ou Ninguaria, a actual Tenerife; Iunonia Maior, talvez La Palma ou Lanzarote; Capraria, talvez Fuerteventura ou La Gomera; e Iunonia Minor, talvez Fuerteventura) e a uma delas um nome grego (Ombrios, a actual El Hierro). Juba II fora levado para Roma por Júlio César após a derrota e morte do pai, o rei berbere da Numídia, Juba I. Casado com Cleópatra Selene, filha de Cleópatra e de Marco António, a sua requintada educação romana levou-o a escrever textos sobre história natural, geografia, gramática, pintura e teatro. Plínio defendia que Juba II teria dado às ilhas Canárias este nome devido aos enormes e ferozes cães (em latim, *canarius*) que encontraram durante a expedição.

5 Encontramos um testemunho vivo do legado guanche na toponímia (Gáldar, Tijarafe, Telde, Tuineje, Reguise, Tacoronte), na fauna e na flora (tabaiba, tajinaste, chajorra, chuchanga, folelé), na actividade ganadeira e pastoril (baifo, jaira, gambuesa) ou em palavras vinculadas à cultura indígena (gofio, tagoror, mencey), entre outros aspectos.

8 O cacto *Euphorbia canariensis*, uma das plantas endémicas das Canárias, poderá dever o seu nome científico a Euphorbus, médico do rei Juba II. Existe outra espécie, de presença muito generalizada nas Canárias, a tabaiba selvagem, cujo nome, *Euphorbia regis-Jubae*, também lhe faz referência – e ao rei Juba.

Tajinaste
Echium wildpretii

Euphorbia canariensis

Em 2012, ocorreu um achado fortuito na ilha de Lobos, entre Fuerteventura e Lanzarote, que revelou um povoado inédito em todo o arquipélago. Todo o material arqueológico encontrado era importado e datava de cerca do século I, fazendo supor a existência de uma fábrica para a elaboração da apreciada púrpura de Tiro, a cor dos imperadores romanos.

OLIMPIO FANTUZ / FOTOTECA 9×12

“Há quem pense que mais além se encontram as Afortunadas, em frente do costado esquerdo da Mauritânia, no rumo da oitava hora do sol.”

Plínio, *o Velho*, século I d.C.

“Os seus ritos funerários: foi o que mais chamou a atenção dos conquistadores castelhanos”, prossegue Álvarez Sosa, recordando um choque cultural ocorrido em Tenerife em finais do século XV, entre 1494 e 1496. Mila gosta de imaginar o momento em que uma potência europeia dos alvores do Renascimento que navegava nos mares, montava a cavalo e brandia a espada se encontrou, cara a cara, com um povo quase saído do Neolítico. Não era o primeiro confronto entre os ilhéus e os europeus, mas seria o último. Os guanches, nome dos povoadores nativos da ilha de Tenerife, “não conheciam os metais, utilizavam paus e pedras como ferramentas, vestiam-se com peles e viviam em grutas. Em contrapartida, honravam os seus mortos, preparando-os para a sua última viagem. Preservavam-nos.”

Que palavra tão bonita: preservar. O estranho fascínio pela morte levou a que os recém-chegados aprendessem rapidamente o nome dos habitantes daquelas necrópoles colectivas, os *xaxos*, e o processo utilizado para prepará-los para a eternidade, o *mirlado*, duas palavras registadas nas suas crónicas. “Estes são os termos correctos. As múmias e a mumificação foram contaminações provenientes da terminologia utilizada a partir do século XVIII. “Napoleão pôs o Egipto na moda”, graceja a egiptóloga.

Aqui, imersa na escuridão, imagino o fascínio que, em pleno Século das Luzes, sentiria Luis Román, capitão de infantaria de Tenerife, quando em 1764 acedeu àquela necrópole acompanhado por alguns homens da região, com o objectivo de levar consigo alguns exemplares para serem estudados. Reconstituiu o momento em que ergueu a tocha e viu centenas de corpos congelados no tempo, com uma sensação entre a profanação e o entusiasmante afago da história. O achado causou uma impressão profunda nos mais eruditos da ilha e o regedor José de Anchieta resumiu-o nos seus apontamentos. Curiosamente, deixou em branco o espaço onde deveria figurar a localização. Um nome que, como demonstram as mais recentes investigações, não foi apagado – simplesmente, nunca foi escrito. Se a sua intenção era proteger a gruta dos salteadores, infelizmente não o conseguiu. Segundo várias fontes, em 1833 já não restava nenhum corpo.

Foi uma triste forma de culminar um encontro entre duas realidades que se tinham misturado apenas 300 anos antes: a dos conquistadores e a dos conquistados, como condenados a perderem até a memória dos seus mortos. As primeiras incursões em Lanzarote e Fuerteventura datam ainda do século XIII, mas foi só em 1496 que o fidalgo Alonso Fernández de Lugo conquistaria Tenerife, a última ilha do arquipélago a capitular, para grande glória da coroa de Castela que, numa década fantástica, acabava de conquistar a Granada de Boabdil e de encontrar um gigantesco continente na rota para as Índias.

PONHO-ME DE PÉ. Sacudo o pó esbranquiçado das mãos e joelhos. O meu frontal alumia precariamente as paredes, e o meu coração – mais do que o cérebro – espera encontrar em cada cavidade da rocha um desses *xaxos* como os descreveu Viera y Clavijo, envoltos nos seus sudários de pele de cabra, deitados sobre macas, sem tocarem no solo. “O processo é o mesmo que poderia ser seguido com um alimento. Os seus corpos eram tratados com ervas de secagem e eram deixados a secar ao sol e ao fumo da fogueira”, explica Mila Álvarez Sosa (*ver ilustração, na página 19*). Assim, os *xaxos* canarinos demoravam somente 15 dias até ficarem prontos, comparados com os 70 dias das múmias egípcias. O trabalho era feito por especialistas, outra diferença fundamental relativamente ao Egipto, onde se verificou a prática de necrofilia: “Nas Canárias, se o morto fosse uma mulher, era preparado por mulheres”, esclarece a egiptóloga.

PEÇAS ARQUEOLÓGICAS

Sem metais nem minerais preciosos, os povoadores do arquipélago canarino utilizaram os materiais disponíveis (madeira, barro, pedra) para elaborarem desde simples objectos domésticos a armas.

1 2 3 4 5

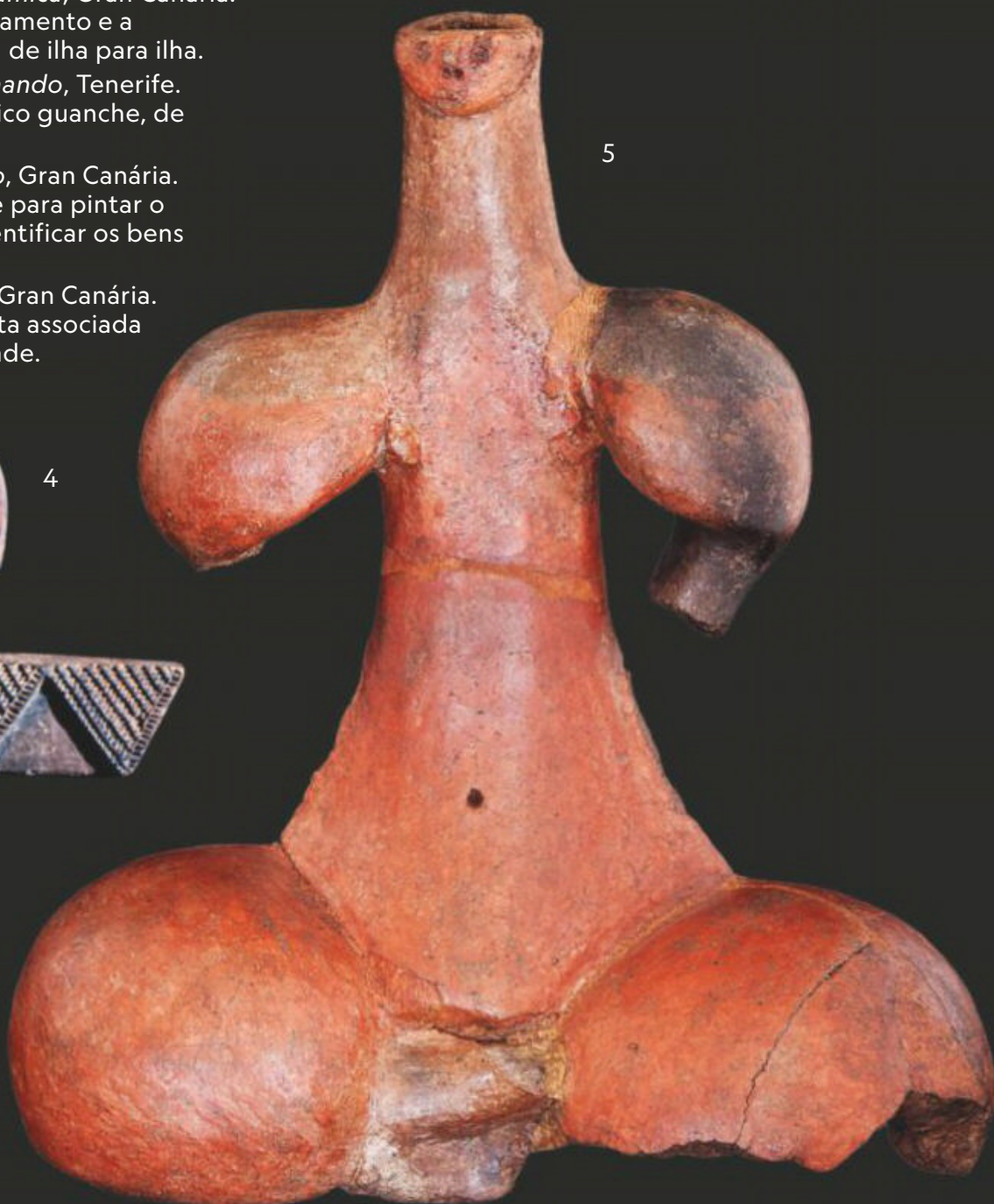
1. *Colar guanche com contas de barro cozido*, Tenerife. Os elementos de adorno pessoal são encontrados habitualmente nas grutas de enterramento.

2. *Vasilha de cerâmica*, Gran Canária. As formas, o acabamento e a decoração variam de ilha para ilha.

3. *Bastão de comando*, Tenerife. Símbolo hierárquico guanche, de madeira.

4. *Selos de barro*, Gran Canária. Podiam utilizar-se para pintar o corpo ou para identificar os bens de uma família.

5. *Ídolo de Tara,* Gran Canária. Figura de terracota associada a ritos de fertilidade.

ORONOZ/ALBUM (1, 2, 3 E 4); CORTESIA DO MUSEU CANÁRIO (5)

A primeira representação de uma gruta com enterramento guanche é esta gravura de Charles-Nicolas Cochin, que se baseou no relato de um médico galês que afirmava tê-la visitado. Figurou em 1746 no livro do Abbé Prévost e, surpreendentemente, reproduz a gruta que seria descoberta quase 20 anos mais tarde e que ainda hoje é conhecida como Gruta das Mil Múmias, possível panteão dos reis da ilha.

Os familiares estavam encarregados de "embalar" os defuntos em peles de cabra curtidas e cuidadosamente cosidas entre si. Quanto maior o número de camadas, maior o prestígio social do morto. Alguns fardos funerários encontrados na Gran Canária, onde também foram encontradas múmias, chegavam a ter 12 camadas, que podiam ser ornamentadas por raspagem ou policromia, sendo por vezes descobertos dentro de troncos de árvore vazios e envoltos numa esteira de juncos. A técnica apresenta características semelhantes nas duas ilhas, embora com diferenças importantes que os peritos atribuem ao facto de os restos mortais poderem datar de épocas distintas.

"Durante muito tempo, olhámos para o passado das ilhas como uma circunstância plana", afirma Teresa Delgado, técnica do Museu Canário de Las Palmas. "Antigamente contemplávamos 1.200 ou 1.800 anos de história como se fossem um único momento. Só agora começamos a fixar uma cronologia." Com efeito, na Gran Canária, não aparecem só cadáveres em grutas funerárias. Há também enterramentos tumulares, à semelhança do que se observa no Magrebe pré-islâmico, como na necrópole de Arteara. Além de Tenerife e da Gran Canária, nas restantes ilhas não se encontram vestígios de mumificação. Os corpos encontrados poderiam corresponder a uma conservação natural, produzida por condições ambientais.

"Ainda há muitas perguntas por responder. E poucos exemplares para investigar", lamenta a arqueóloga María García, conservadora do Instituto de Bioantropologia de Santa Cruz de Tenerife. Ela sabe-o melhor do que ninguém. Conhece cada história, cada datação e cada ponto da ilha de onde provêm todos os restos mortais preservados nos caixotes do Instituto. Cuidadosamente classificados, como numa imaculada morgue, os restos mortais de homens, mulheres e crianças continuam a desafiar a eternidade, ocultos no subsolo da capital da ilha. O que aconteceu às mil múmias de Viera y Clavijo? Terão sido uma invenção? "Foi um saque sistemático", afirma a investigadora. "Durante os séculos XVII e XVIII, as múmias converteram-se num chamariz para as classes cultas europeias. Os nossos *xaxos* percorreram meio mundo e foram integrados em museus e colecções privadas, chegando a ser transformados em pó, a partir do qual se elaboravam afrodisíacos."

Em alguns casos, como Mila Álvarez Sosa afirma no livro *Tierra de momias*, alguns *xaxos* acabaram no fundo do mar – lançados borda fora quando, durante a sua viagem até à Península Ibérica ou até à América, as condições ambientais da travessia reactivavam o processo de decomposição, interrompendo o eterno parêntesis no qual se encontravam suspensos. Nenhum arqueólogo descobriu um *xaxo* no seu contexto", conta María García com tristeza. "Quando os técnicos chegaram, as necrópoles já tinham sido contaminadas e o possível espólio descontextualizado."

NÃO É A PRIMEIRA VEZ QUE VIAJO para as Canárias em busca de respostas. Há oito anos, desci em *rapel* pelo barranco de Los Muertos, espreitei nas grutas em busca das mil múmias, reli as crónicas pioneiras de Fray Alonso de Espinosa, Juan Abreu Galindo, ou Gadifer de La Salle e entrevistei peritos para desvendar a origem das populações canárias. Felizmente, hoje em dia, a tecnologia não deixa espaço para dúvidas quanto aos povoadores de ilhas que, durante séculos, pareceram reinos de fantasia.

Em pleno Renascimento, constatou-se que as míticas Ilhas Afortunadas existiam a meio do oceano. Provavelmente no século I da nossa era, navegadores cartagineses, gregos e romanos já tinham chegado às ilhas. No entanto, os europeus que as redescobriram na Idade Média perceberam que, ao contrário do que sucedia nos restantes arquipélagos atlânticos, estas ilhas encontravam-se habitadas e as suas populações pareciam viver isoladas há séculos. A pergunta era inevitável: de onde vinham? Durante muitos anos, as crónicas que mencionavam indivíduos altos e de pele branca abriram terreno a teorias fantasiosas sobre bascos e vikings naufragados, navegadores iberos e celtas e até atlantes sobreviventes.

A sua origem foi um enigma que perdurou durante muitos séculos. Hoje, são precisamente as múmias que nos dão a resposta.

SE O LUGAR ONDE ME ENCONTRO for, realmente, a gruta descrita por Viera y Clavijo, a múmia que nos contempla nestas páginas empreendeu o seu longo périplo a partir daqui. A sua primeira viagem, em 1764, conduziu-a a Madrid, como presente oferecido ao rei Carlos III, para que a corte apreciasse o trabalho realizado pelos guanches no momento de eternizar os seus mortos. Em 1878, foi exibida na Exposição Universal de Paris e, repousou naquilo que hoje é o Museu Nacional de Antropologia, até ser trasladada para o Museu Arqueológico Nacional (MAN).

Numa noite de Junho de 2016, em condições de extrema segurança, fez o mais curto dos seus trajectos, rumo ao Hospital Universitário QuirónSalud de Madrid. Tratava-se de uma visita breve. Iria ser submetida a uma tomografia axial computorizada (TAC). O mesmo exame que, quatro anos mais tarde, em 2020, sob os auspícios do doutor Manuel Maynar e de Conrado Rodríguez, director do Museu da Natureza e Arqueologia (MUNA) de Tenerife, se realizaria na clínica Hospitén Rambla de Tenerife a 21 restos mortais, incluindo 13 múmias adultas e um feto, para analisar as doenças mais comuns da população nativa.

"Já submetemos a TAC diversas múmias egípcias", esclarece Javier Carrascoso, chefe associado de Radiologia do Hospital Universitário QuirónSalud. "A iniciativa partiu de Regis López, director da Story Producciones, e de uma colega nossa, a radiologista Silvia Abadillo, no sentido de filmarmos a série de documentários 'La vida secreta de las momias', difundida pela plataforma Playz da RTVE. A TAC permitia-nos inspeccionar o interior sem danificá-las. Vicente Martínez, chefe do serviço de Radiologia, acolheu a proposta com entusiasmo." Com efeito, a TAC permitiu obter dados científicos que deitaram por terra as hipóteses que variavam entre a secagem natural e os processos copiados, ou herdados, do mundo egípcio, a cinco mil quilómetros de distância.

"Foi impressionante", recorda Javier Carrascoso. "A múmia guanche encontrava-se em muito melhor estado de conservação do que as egípcias. Mantinha toda a musculatura e as mãos e pés eram perfeitos. Parecia uma talha de Cristo de madeira." O interior proporcionou a informação mais relevante até agora obtida: ao contrário das homólogas egípcias, a múmia guanche não fora eviscerada.

Os seus órgãos, cérebro incluído, tinham secado na perfeição graças a uma mistura de substâncias minerais e vegetais drenantes, cujo objectivo era impedir a proliferação bacteriana e refrear assim a putrefacção. "No interior, podia observar-se a presença de *lapilli*, introduzidos pelo recto. Encontravam-se também em duas regiões intercostais."

O *xaxo*, igualmente analisado através de técnicas de radiocarbono, forneceu ainda mais dados: era um macho alto, saudável, possivelmente de uma elite, tendo em conta o bom estado das mãos e pés e os dados nutricionais obtidos a partir da sua dentição. Teria 35 a 40 anos no momento da sua morte, ocorrida entre os séculos XII e XIII, muito antes de os castelhanos chegarem e perturbarem a paz da sua ilha. A coluna vertebral apresentava um dismorfismo muito comum entre as populações norte-africanas e as suas feições eram igualmente relacionáveis com o continente vizinho.

Há vários anos que Rosa Fregel, investigadora do Departamento de Bioquímica e Genética da Universidade de La Laguna, em Tenerife, estuda os nativos das ilhas Canárias, tendo aplicado a 40 indivíduos provenientes de todo o arquipélago as mais recentes técnicas paleogenómicas que aprendeu na Universidade de Stanford. O DNA não engana. Por isso, os estudos genéticos que comprovam um parentesco com as populações norte-africanas já não deixam lugar a hipóteses: os primeiros povoadores chegaram às ilhas vindos do Magrebe.

Isso não significa, porém, que tivessem vindo todos da mesma região, nem que tivessem vindo no mesmo momento: "Descobrimos que as populações de cada ilha têm características peculiares, o que nos impede de classificar a população do arquipélago como uma entidade homogénea", avisa.

A etimologia, a epigrafia e as fontes etno-históricas já sugeriam uma origem africana que, dependendo dos interesses políticos, ora se ignorava ora se apregoava. Mas a ciência oferece agora uma verdade imutável. Séculos antes da chegada do islão, o Norte de África encontrava-se povoado por diversas tribos númidas pertencentes a um tronco comum. Gregos e romanos chamaram a esses povos berberes. Autodenominavam-se *amazigh*, "homens livres". Eram grupos populacionais de agricultores e, sobretudo, de criadores de gado que exportaram o seu modo de vida para o arquipélago vizinho, para onde tiveram de transferir os seus meios de subsistência e os seus animais domésticos. Este facto inquestionável gera, no entanto, novas perguntas. Quando se fixaram aqui? Por que motivo abandonaram os seus locais de origem? E, sobretudo, como alcançaram ilhas a 100 quilómetros da costa mais próxima, sem que exista qualquer prova arqueológica de que soubessem navegar e quando os próprios cronistas afirmaram que não conheciam a navegação?

O MIRLADO

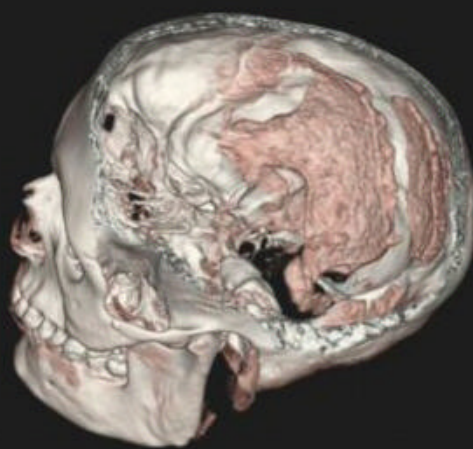
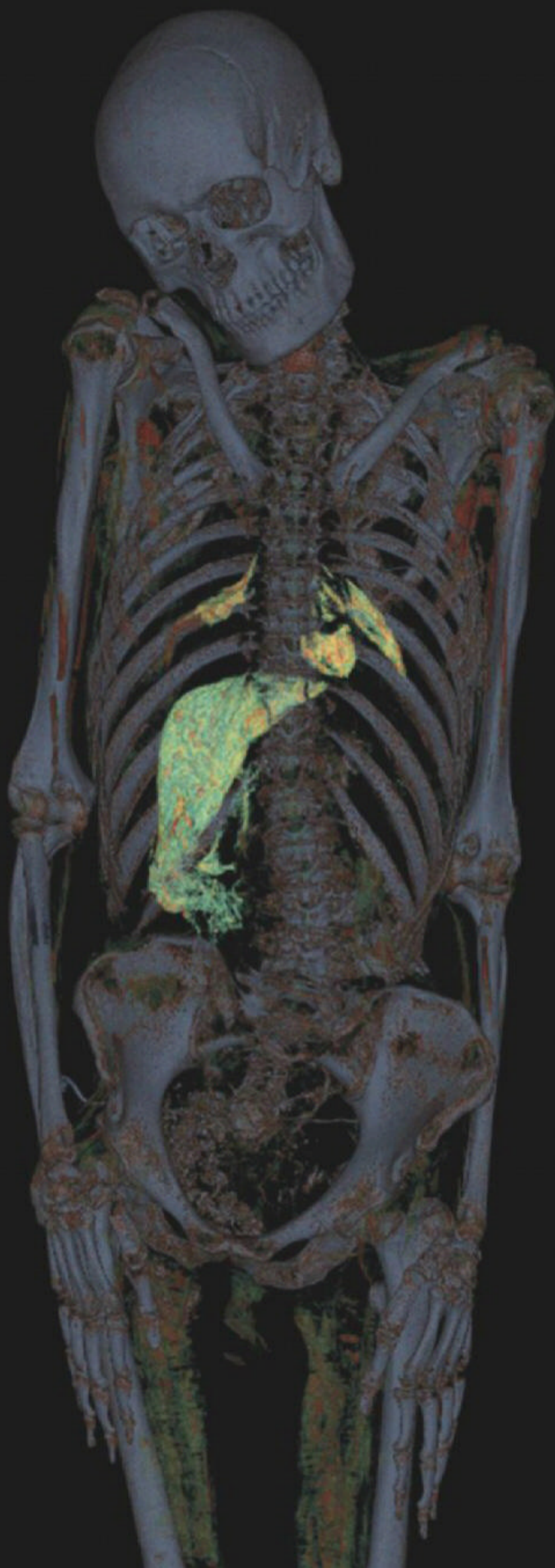
Mirlado é o nome para definir o tratamento dado aos corpos para transformá-los em múmias. Tal como no Antigo Egipto, era realizado por profissionais, embora ainda não esteja esclarecido se, por manusearem cadáveres, seriam segregados da sociedade. A última parte do processo cabia às famílias.

1 Lavavam todo o corpo com água e ervas, para limpá-lo de impurezas, e untavam-no com gordura de animais, normalmente de cabra, mas também de porco.

2 Revestiam-no com uma mistura de seiva de dragoeiro e substâncias de secagem, minerais e vegetais, que evitavam a putrefacção. Toda a superfície do corpo era coberta. Para travarem a decomposição, introduziam – pela boca, pelo recto e através de pequenas incisões nos intervalos intercostais – uma mistura de terra e pó de pedras vulcânicas como *lapilli*, evitando assim a evisceração.

3 Processo de secagem ou desidratação do corpo. Durante 15 dias, o corpo era exposto ao sol sobre areia queimada e, de noite, ao fumo de uma fogueira.

4 Passados 15 dias de secagem, os familiares envolviam o corpo com peles de animais. Uma vez embalsamado, levavam-no até ao seu destino definitivo: uma das grutas existentes nos barrancos, criadas pelo temível vulcão do Teide. O lugar reunia as condições ambientais ideais para garantir a sua conservação.

ILUSTRAÇÃO: ALMUDENA CUESTA. FONTES: MILA ÁLVAREZ SOSA; *LAS MOMIAS GUANCHES*, STORY PRODUCCIONES

CORPOS POR EVISCERAR

Até agora, a visão mais completa da múmia guanche do MAN era a fotografia captada para a Exposição Universal de Paris de 1878 (à direita). A melena de cabelo que actualmente cobre a sua cabeça encontra-se artificialmente presa ao crânio. As análises demonstram que a antiguidade do cabelo corresponde à do corpo, do século XII ou XIII, mas desconhece-se se lhe pertencia, em que momento se decidiu fixá-lo ao corpo e a razão por que se procedeu assim.

Ao contrário dos processos de mumificação egípcios, os *xaxos* não se encontram eviscerados. A TAC feita à múmia fornece informação importante a este respeito, podendo ver-se nela os órgãos internos: fígado, rins, pulmões e coração (à esquerda). O cérebro também permanece na caixa craniana (em cima). A secagem foi perfeita, não só das vísceras, mas também da pele, da musculatura e dos ossos, graças a uma mistura de ervas e pedras drenantes, com as quais o corpo era tratado e a putrefacção travada, preservando-o ao longo do tempo.

> “Acaba de se descobrir um panteão excelente [...] e tão cheio de múmias, que não se contaram menos de mil.”
>
> — José Viera y Clavijo, 1772

“Agora que possuímos uma fotografia do passado, talvez devamos perguntar o que estava a acontecer no Norte de África na época em que ocorreu uma mudança dos métodos de cultivo, dos meios de produção ou do tipo de enterramento, no arquipélago”, sugere Teresa Delgado. “Sempre se falou em vagas migratórias, mas talvez se tratasse apenas de grupos de famílias chegados em diferentes épocas. Talvez os acontecimentos no Norte de África, desde o domínio romano à chegada do islão, provocassem esse êxodo do continente.”

O momento em que acontecem as vagas migratórias e o motivo a que obedeceram são as duas perguntas mais importantes do povoamento das Canárias. Quantas pessoas são necessárias para gerar uma população estável no tempo? A ciência e as provas encontradas noutros povoados fornecem números interessantes: três casais geram 23% de probabilidades de um povoado prosperar. Com 14 casais, a taxa de sucesso eleva-se a 81%, assevera José Farrujia, professor da Universidade de La Laguna. As únicas certezas é que sete das oito ilhas têm estado habitadas de maneira constante, pelo menos, nos últimos dez séculos, que as suas populações partilham características e elementos identitários, que possuem uma linguagem com tronco comum (o líbio berbere) e que as manifestações cosmogónicas e rupestres descobertas nas ilhas são semelhantes às representações encontradas no Saara Ocidental, no Tassili argelino ou no Atlas marroquino, segundo o especialista.

ATÉ AQUI, REINA O CONSENSO. Os historiadores canarinos respondem de maneira diferente às outras três grandes perguntas: como chegaram, quando chegaram e por que vieram? Para Antonio Tejera Gaspar, catedrático de Pré-História da Universidade de La Laguna, não há lugar para dúvidas: o povoamento das ilhas é um fenómeno relativamente recente, tendo ocorrido entre os anos 25 a.C. e 25 d.C. no contexto das revoltas berberes contra Roma. “As leis romanas aplicavam como castigo o degredo para ilhas”, garante, baseando-se nas fontes historiográficas. “Todo o Norte de África era um barril de pólvora desde a queda de Cartago.” À sua tese subjaz a lenda das línguas cortadas, recolhida por Gadifer ou Abreu e Galindo, segundo a qual um rei, um legado ou um pretor cortava a língua dos insurgentes como castigo da sua sublevação, desterrando-os para as ilhas. Tejera Gaspar considera que esse rei foi Juba II, governador da Mauritânia durante o reinado de Augusto.

Para muitos historiadores, Juba II foi o grande descobridor das Canárias. Filho do rei vencido da Numídia, Juba I, foi educado em Roma e casado com Cleópatra Selene, única herdeira dos

CRONOLOGIA DO POVOAMENTO DAS CANÁRIAS

HÁ CERCA DE 20 MIL ANOS
Grupos de pastores nómadas, que habitam uma extensa região do Norte de África, desde o oceano Atlântico à Líbia, e desde o Mediterrâneo ao Sael, partilham o mesmo grupo de línguas amazigh ou berberes.

INÍCIO DO PRIMEIRO MILÉNIO ANTES DE CRISTO
A colonização grega, fenícia e púnica do Norte de África e os seus povoados costeiros deslocam a população berbere para o interior montanhoso, longe dos centros urbanos. Segundo algumas teorias, o primeiro povoamento das ilhas Canárias terá ocorrido neste período, coincidindo com a expansão fenícia.

SÉCULO IX A.C.
Indícios do primeiro povoamento das ilhas Canárias, encontrados em Lanzarote. Segundo investigações realizadas por carbono 14, o sítio arqueológico de Buenavista, no município de Tenguise, contém as datas mais antigas de todo o arquipélago.

SÉCULOS VI-V A.C.
De acordo com algumas datações por radiocarbono, por volta do ano 500 a.C. já havia populações de origem berbere fixadas em Lanzarote, Tenerife e La Palma. Na obra O *périplo de Hanão*, um relato de viagem pela costa atlântica do Noroeste de África, realizada por uma frota cartaginesa comandada por Hanão, são referidos lugares que poderão coincidir com as Canárias.

malogrados Cleópatra e Marco António. Numa tentativa de assimilação, Augusto destacou este casal de origem africana e educação romana para o governo da Mauritânia, um vasto território que se estendia de Tunes ao Saara Ocidental. E Juba, erudito, escritor e naturalista, dedicou-se a explorar o Norte de África de onde era originário e a compilar a informação num volume, *De Libia*, infelizmente desaparecido.

"A sua crónica perdeu-se, mas Plínio, *o Velho*, conta-a na sua *História Natural*. A resposta esteve ali todo o tempo. Juba organizou uma expedição às Ilhas Afortunadas em 46 a.C. É a primeira que menciona as ilhas, referindo-se a uma delas como Canária e falando das principais características de cada uma, bem como dos animais que as habitam. E se não faz referência aos seus povoadores, é porque não estão povoadas", sublinha Tejera Gaspar. "Seria então, a partir do século I, que foram povoadas – não voluntariamente, mas como desterro para os insurrectos."

Esta hipótese, já sugerida pelos primeiros cronistas, é minuciosamente analisada por Tejera Gaspar no seu livro *Bereberes contra Roma*, escrito em co-autoria com Alicia García. "Não é possível que fosse uma colonização orquestrada porque as ilhas não oferecem aos povoadores nada que não existisse na sua terra de origem: não há grandes riquezas, nem sequer metais."

A descoberta feita em 2012 em La Calera, no ilhéu de Lobos, entre Fuerteventura e Lanzarote, permite uma nova visão. O achado fortuito de vestígios de cerâmica trouxe à luz do dia algo até ao momento inédito nas ilhas: materiais não indígenas, vasilhas fabricadas no vale do Guadalquivir, lucernas de *terra sigillata* e anzóis e arpões de metal. Estes objectos utilitários eram importados e relacionados com a dimensão comercial do Mediterrâneo Ocidental e do estreito de Gibraltar. Como chegaram aqui essas peças?

Os vestígios de concheiros e a tradição da zona atlântica levaram os investigadores a propor uma nova teoria: o povoado corresponderia a um estabelecimento temporário para a exploração de um molusco (*Stramonita haemastoma)*, a partir do qual se obtinha a púrpura de Tiro, a tintura mais apreciada desde o tempo dos fenícios, cuja utilização era reservada aos imperadores romanos. As Canárias já tinham então algo valioso para oferecer aos colonizadores. A arqueóloga Carmen del Arco, investigadora do povoado de Lobos, considera que o achado obriga a rever o isolamento que habitualmente se considera envolver as ilhas. "Uma fábrica de púrpura demonstra que o arquipélago se encontrava na órbita económica do mundo romano, que o território já fora percorrido, que era conhecido e que os seus navios poderiam ser utilizados para transportar novos *stocks* biológicos: animais, plantas e pessoas."

A datação que situa o povoado num período entre a época da República tardo-romana e o governo de Tibério, entre os séculos II a.C. e I d.C., aponta para um novo arco cronológico que pode coexistir com as teses de Tejera Gaspar, sem considerar o desterro a única causa de povoamento e sem descartar uma presença ainda mais antiga nas ilhas. "Há cronologias que expressam uma ocupação precoce, anterior ao início da nossa era, em diversas ilhas", afirma Del Arco. "Precisamos de ponderar que, quando acontece essa exploração de recursos pela mão dos romanos, já havia população."

SÉCULOS III-II A.C.
Presença romana no Norte de África. Sucedem-se as Guerras Púnicas, opondo Roma a Cartago, as duas principais potências do Mediterrâneo Ocidental. Em 146 a.C., Roma destrói Cartago e consolida o poder.
Segundo outras teorias, o primeiro povoamento estável das Canárias aconteceu no período romano.

SÉCULOS I A.C. – I D.C.
Expedição de Juba II, rei da Numídia e da Mauritânia, às Canárias. Indícios de ocupação ligada ao mundo romano na ilha de Lobos, com fábricas especializadas na exploração da púrpura.

IDADE MÉDIA
Fontes árabes fornecem informação sobre ilhas atlânticas, provavelmente as Canárias. A notícia chega à Europa. O arquipélago figura em cartas de marear e portulanos medievais, como o atlas catalão da autoria do maiorquino Cresques Abraham. Primeira visita documentada às Canárias do navegador de origem genovesa Lanceloto Malocello, em 1312.

SÉCULO XV D.C.
Conquistas normanda e castelhana das Canárias (1402-1496). O castelhano substitui as línguas berberes e os alfabetos líbio-berbere e líbio-latino, utilizados há muitos séculos. As tradições culturais e religiosas indígenas desaparecem ou integram-se na nova ordem implantada pela coroa de Castela. As práticas funerárias nativas são condenadas pela Inquisição.

O tratamento de *mirlado* preservou a múmia guanche do MAN com um realismo surpreendente. Era um homem de 35 a 40 anos de idade que viveu há quase 900 anos. Ao contrário das múmias egípcias, mais consumidas pelo natrão, o *xaxo* mostra a musculatura, os tendões e até as unhas das mãos e dos pés, cuidadosamente atados entre si.

CORTESIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL DE ESPANHA (MAN)/FERNANDO VELASCO MORA

“Os nossos antepassados disseram-nos que Deus aqui nos pôs, aqui nos deixou e aqui nos esqueceu.”

—Andrés Bernáldez, cronista régio, 1495

A tese encaixa no modelo defendido por José Farrujia, isto é, de uma população amazigh que chegou ao arquipélago em dois momentos distintos. “Temos sítios arqueológicos em Lanzarote do primeiro milénio antes da nossa era. Em Tenerife, foram obtidas datações do século VI a.C. e em La Palma do século III a.C. Além disso, faz todo o sentido pensarmos que as ilhas seriam povoadas de leste para oeste, começando pelas mais próximas da costa africana até às mais distantes.”

O que demonstra isto? “Que o povoamento das ilhas é mais antigo do que se pensa”, responde Jose Farrujia. “Que as populações não chegam numa só vaga, nem vindas de um único ponto de origem, mas em momentos diferentes e a partir de lugares diferentes nos actuais Saara, Marrocos, Argélia e Tunísia. Que evoluíram de maneira diferente, porque provinham de sítios diferentes e tiveram muito tempo para fazê-lo. E, sobretudo, que não dependeram de outros. Podem ter chegado voluntariamente, em embarcações como as que se utilizavam na costa africana.”

O investigador alude às representações rupestres de barcos, semelhantes aos *hippoi* fenícios, encontradas nas diversas ilhas do arquipélago, bem como às fontes etnográficas. Leonardo Torriani, engenheiro italiano contratado pelo rei Filipe II em 1584 para construir o molhe da ilha de La Palma, chegou a descrever um barco feito de madeira de dragoeiro. “Nada nos diz que não soubessem navegar. Terão existido embarcações, mas os materiais perecíveis não deixam vestígios”, lamenta Jose Farrujia. Menciona também tipos diversos de grafia para defender a sua hipótese de povoamentos em épocas distintas: “Em Lanzarote e Fuerteventura, encontrámos escritos rupestres a que chamamos escrita líbia canarina. Trata-se de um líbio berbere, com tradução em latim. Remetem para uma população amazigh já romanizada, que utilizava os dois alfabetos.”

Para alguns investigadores, a teoria de Jose Farrujia levanta um problema: a datação por radiocarbono de organismos com vida longa é inconclusiva. Uma datação baseada em restos de carvão nada nos diz sobre a pessoa que acendeu aquele fogo, mas apenas sobre a árvore da qual foi extraída a lenha. E os restos mortais humanos encontrados nas Canárias não remontam além do século IV d.C., garante Conrado Rodríguez. De momento, evidentemente, uma vez que, ao contrário de outros cenários em que a arqueologia é uma ciência exacta, nos quais conhecemos dinastias que perduraram quatro mil anos ou deciframos hieróglifos, no arquipélago das Canárias tudo é novo e está em constante mudança. Achados sepulcrais, restos mortais, ídolos enterrados, painéis com provável significado astronómico... La Palma, Tenerife, Gran Canária, La Gomera... O mais entusiasmante é que as descobertas ainda só estão a começar.

QUEM SOMOS? DE ONDE VIMOS? Feitas as contas, tudo responde à demanda das origens. Uma resposta que ainda poderia permanecer oculta numa gruta por explorar, numa necrópole ainda mais antiga, numa nova gravura ainda por descobrir. A topografia canarina, feita de barrancos, escorrências de lava, tubos vulcânicos e areias deslocadas pelo vento, contribui para a invisibilidade e para o segredo.

Apago o meu frontal e refugio-me no silêncio absoluto desta gruta que me acolhe, como se fosse um útero, sem frio, sem calor, sem medo. Vim em busca de respostas e levo comigo o presente de que ainda sobram perguntas. Os meus companheiros, todos canarinos, põem-me à frente um *gánigo*, uma malga de cerâmica igual à que os antigos guanches utilizavam para promessas colectivas – os *pactos de colacia*. Se beberes leite com outra pessoa, transformas essa pessoa em teu irmão colaço, e o compromisso assumido é sagrado. Neste caso, só me fazem uma pergunta: Juras não revelar a ninguém a localização desta gruta? Na escuridão, não consigo ver os olhos das outras pessoas, que certamente brilham com o mesmo entusiasmo que os meus. Ouve-se apenas a minha voz, para sempre reunida às outras vozes que, durante séculos, povoaram a gruta: sim, juro. ◻

E pour ce que iadis souloit on mettre
en escript les bonnes chevaleries q̄
les princes et les conquereurs souloiēt
faire ainsi que on treuve es anciens
hystoires voulons nous cy faire mē
cion de lemprinse que gadifer de la
sale et bethencourt chevaliers nez du royaume de france
lun poitevin du pais de touarlois lautre normāt du pais de caux

Capa policroma do códice Egerton 2709, o texto G de *Le Canarien*. Constituída pelas crónicas de Jean Le Verrier e Pierre Boutier, capelães dos normandos Jean IV de Bettencourt e Gadifer de La Salle, esta obra constitui a primeira documentação escrita sobre a campanha de expedição e conquista das Canárias, organizada pelos normandos, abarcando um período de 87 anos, entre 1404 e 1491.

BRITISH LIBRARY/ÁLBUM

TEXTO DE **MICHELE L. NORRIS**
FOTOGRAFIAS DE **WAYNE LAWRENCE**

PENSAMENTOS OCULTOS SOBRE A RAÇA **EM SEIS PALAVRAS**

Quando **MICHELE L. NORRIS** pediu pela primeira vez a estranhos que resumissem os seus sentimentos sobre raça em apenas seis palavras, presumiu que poucos estariam dispostos a partilhar reflexões pessoais sobre um tema tão sensível. Agora, depois de o Projecto Race Card receber mais de meio milhão de respostas, sabe que, afinal, não é assim.

«HE'S MY DAD, NOT THE GARDENER»

"É o meu pai, não é o jardineiro"

Kelly Stuart-Johnson segura uma fotografia da mãe e do padrasto, captada em 1995. As seis palavras que enviou para o Projecto Race Card sugerem como a raça conduz, frequentemente, a ideias erradas.

KELLY STUART--JOHNSON

«HE'S MY DAD, NOT THE GARDENER»

"É o meu pai, não é o jardineiro"

Brooklyn, Nova Iorque

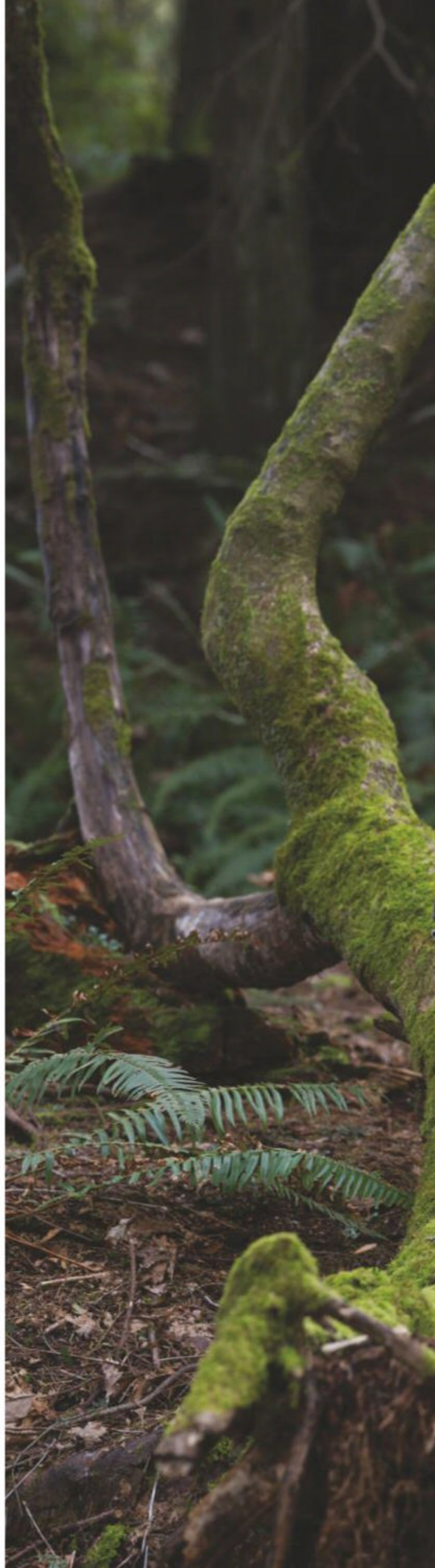
TANDY JUNE, filha de Kelly Stuart--Johnson, segura o retrato de Alfred Brown, Jr., o padrasto que Kelly considera ser o seu verdadeiro pai. Em pequena, Kelly sonhava ter o seu próprio quarto e um quintal com baloiço. Alfred arranjou um segundo emprego e a família mudou-se para uma casa maior. Há alguns anos, alguém apontou para uma fotografia da casa de Kelly e perguntou se o homem que lá estava a arrancar ervas daninhas era o jardineiro. "Fiquei furiosa", escreveu. No entanto, ficou grata por ter oportunidade de afirmar em público que Alfred Brown "é o homem que fez de mim quem eu sou".

AS CONVERSAS MAIS REVELADORAS, honestas e sérias sobre raça e etnia são as que nunca chegamos a ouvir porque ocorrem em espaços privados. Num balneário ou num quarto de dormir. À mesa ou numa pausa para fumar um cigarro à porta da fábrica. As conversas que as pessoas têm consigo próprias, enquanto lavam os dentes ou conduzem até ao local de trabalho.

A crescente implantação das redes sociais abriu novas janelas para espreitarmos a nossa consternação relativamente às questões étnicas. No entanto, mesmo com essa brisa de candura, continuam a existir filtros auto-impostos que impedem as pessoas de fazerem as perguntas mais secretas ou de exprimirem lamentações num fórum onde o mundo as possa ver.

Esse terreno é difícil de navegar para um estranho e, contudo, passei mais de dez anos a fazer precisamente isso, graças a um simples projecto que iniciei. Tinha escrito um livro de memórias sobre a complexa herança racial da minha família e estava prestes a partir numa viagem promocional que visitaria 35 cidades, nos velhos tempos em que ainda era possível fazer esse tipo de viagem. Estava nervosa por várias razões, mas sobretudo porque sabia que iria enfrentar o público, pedindo às pessoas que participassem em conversas sobre etnias.

National Geographic Society, Empenhada em dar a conhecer e proteger as maravilhas do nosso mundo, a National Geographic Society financiou o trabalho de Michele L. Norris, jornalista e exploradora, que visa incentivar conversas sinceras sobre etnicidade.

ILUSTRAÇÃO DE JOE MCKENDRY

GENE TAGABAN

«NATIVE AMERICANS, AMERICA'S INVISIBLE INVISIBLE INVISIBLE»

"Nativos americanos: os invisíveis dos invisíveis dos invisíveis da América"

Ruston, Washington

"NÃO SOMOS RECONHECIDOS nas nossas próprias terras, nos nossos próprios continentes, nos nossos próprios territórios, nem nos livros de história... mas aqui estamos nós, os povos invisíveis", diz Gene Tagaban, de 56 anos, originário de Ruston, no estado de Washington. Tagaban, cujo nome Tlingit é Guuy Yaau, tem antepassados cherokee, tlingit e filipinos. Luta para conservar a sabedoria ancestral e a história do seu povo através da partilha de histórias, orientação, curas e aprendizagem.

A verdade é que, ainda há uma década, eu estava convencida de que os americanos preferiam saltar de um precipício a terem uma conversa sincera, ou pessoal, sobre o tema em público. Afinal, estava enganada.

Numa tentativa de criar um ponto de partida para uma conversa difícil, comecei a pedir às pessoas que pensassem na palavra "raça" e depois pegassem naquilo que lhes viesse à cabeça e reduzissem esse pensamento, lema ou pergunta numa frase com apenas seis palavras.

Imprimi cartas-postais com as palavras "Race. Your thoughts. 6 words. Please Send." (Raça. Os seus pensamentos. 6 palavras. Por favor, envie.) e distribuí-os pelos sítios por onde passava. Não fazia a mais pálida ideia de que, anos mais tarde, seria inundada por um maremoto gigante, carregado com todo o tipo de emoções, quando as histórias começaram a chegar à minha caixa de correio postal e, por fim, à minha caixa de correio electrónico.

Não imaginava que estava a criar uma raiz primária que me levaria aos espaços mais privados das pessoas, a cidades que me eram desconhecidas, a países que nunca visitara e a culturas simultaneamente estranhas e familiares.

Não fazia a mais pálida ideia de que havia tantas pessoas ansiosas por falar sobre raça e identidade a ponto de se mostrarem dispostas a partilhar os seus pensamentos com uma estranha, sabendo que as suas histórias seriam publicadas numa página de Internet, onde seriam lidas.

DEMASIADO NEGRA PARA SER AMADA
POR HOMENS NEGROS

• • • • • •

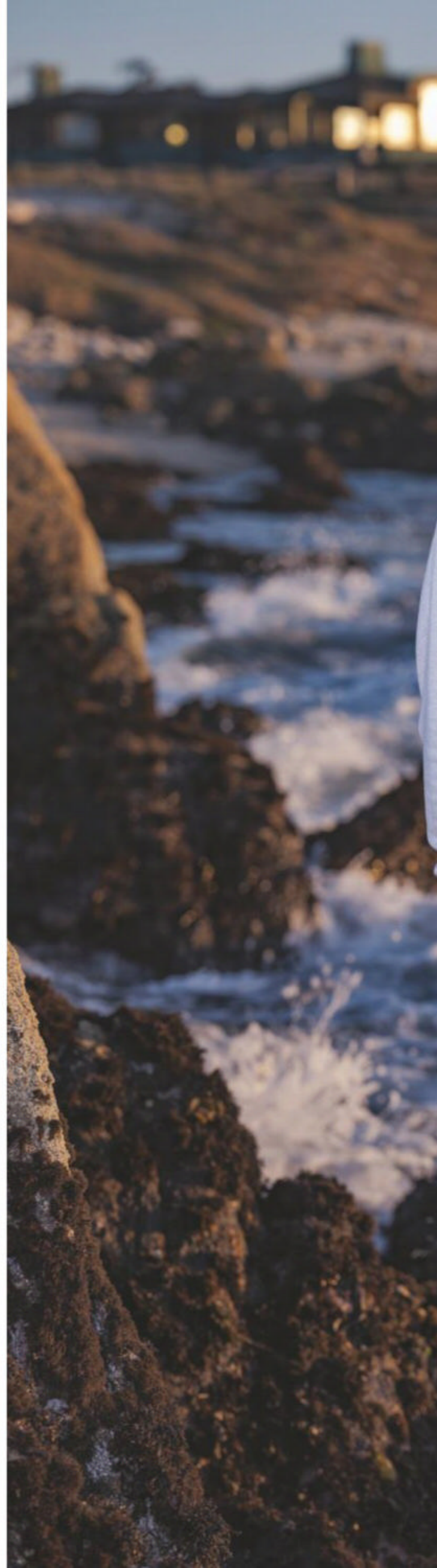
TERÁ O MEU AVÓ SULISTA PARTICIPADO
EM LINCHAMENTOS?

• • • • • •

QUE ENGRAÇADO, NÃO PARECES JUDIA!

QUANDO COMEÇÁMOS a recolher histórias digitalmente (e não apenas através de postais), acrescentámos uma opção ao formulário de submeter histórias com seis palavras. Era uma simples pergunta antes de finalizar o formulário: "Tem algo mais para dizer?" Parecia que tínhamos deitado fogo ao pavio de uma bomba. As pessoas foram muito além de seis palavras, contando histórias em meia dúzia de frases ou ensaios longos, profundos e reveladores.

Um homem de Ohio contou que foi, durante quase toda a vida, o único afro-americano na sala de aula e no trabalho. Segundo conta, consideravam-no "seguro" e "não ameaçador", mas, no seu íntimo, sentia-se "cheio de raiva".

Uma mulher que cresceu no Colorado nunca revelou que a sua avó era índia choctaw, com medo que a denunciassem e mandassem para uma reserva. A avó era uma mulher orgulhosa que, apesar do ódio e discriminação que grassavam na sua cidade, contava histórias sobre os seus antepassados choctaw na segurança do seu lar. Essas histórias hoje são acarinhadas.

MARC QUARLES

«WITH KIDS, I'M DAD, ALONE... THUG!»

"Se estiver com os filhos, sou um pai; se estiver sozinho... bandido!"

Pacific Grove, Califórnia

OS VIZINHOS do seu bairro até se mostravam amigáveis quando ele aparecia acompanhado pela mulher, que é branca e alemã, e os filhos mestiços, diz Marc, de 58 anos. Contudo, o tratamento era menos amigável quando ele saía sozinho. Técnico de ecografias com longas rastas, Marc tornou-se uma pequena celebridade quando a sua história foi divulgada pela National Public Radio e agora as pessoas da sua comunidade sabem quem ele é. Isso é bom porque agora os filhos já andam na faculdade e não podem ajudar as pessoas a sentirem-se seguras perto dele, explica.

LINDSEY LOVEL HEIDRICH

«I'M ASHAMED FOR MY ANCESTORS' RACE»

"Sinto vergonha da raça dos meus antepassados"

Brooklyn, Nova Iorque

LINDSEY LOVEL HEIDRICH trabalha para uma grande organização filantrópica em Nova Iorque, mas as suas raízes estão no Sul. Conta-nos que os seus antepassados tinham uma pequena plantação na Geórgia e possuíam escravos. "Quando tento levantar o assunto ou tento criticar o Sul, nunca corre bem com a família", diz Lindsey, de 33 anos. "Estou a falar das pessoas que me educaram e fizeram de mim quem sou, mas há uma enorme distância entre nós no que diz respeito à nossa relação com o passado. É quase como se víssemos o mundo através de lentes diferentes e eu faço um esforço para descobrir uma posição comum. Provavelmente mais agora do que há uma década."

De súbito, uma torrente de humanidade começou a fluir, desafiando o preconceito de que existia medo de falar abertamente sobre o tema.

A MINHA MÃE ODIAVA
A MINHA PELE ESCURA

SOU BRANCA, MAS NÃO SOU BÁSICA

SOU MEXICANO, MAS SÓ QUANDO
ME DÁ JEITO

AO LONGO DO PROJECTO, arquivámos mais de 500 mil histórias, provenientes dos 50 estados dos EUA e de cerca de cem países e territórios. Recebemos histórias de lugares distantes, onde há mais probabilidade de as pessoas se preocuparem mais com a religião e a casta do que com a etnia. No entanto, há um campo semântico associado à palavra: poder, rejeição, pertença e medo.

Este projecto começou numa altura em que os acontecimentos e tendências evidenciavam uma mudança na ordem social dos EUA: uma família

HANA PEOPLES

«I AM NOT AN EXOTIC CREATURE»

"Não sou uma criatura exótica"

Seattle, Washington

HANA PEOPLES, de Seattle, disse que o constante jogo de adivinhas sobre a sua identidade a fazem sentir-se uma ave rara. A sua história em seis palavras, "não sou uma criatura exótica", nasceu de um sentimento de puro desespero.

Hana, de 27 anos, disse ter sido alvo de assédio e atenção indesejada de "homens esquisitos", que têm fetiches com uma mulher asiática e negra. "Sempre que saía para o mundo, ficava hiper-consciente de que as pessoas estavam a olhar para mim", disse. "Como tenho uma 'aparência ambígua', muitas pessoas tentam adivinhar o que eu sou", escreveu. "Designam-me por mexicana, filipina, nepalesa ou chinesa, mas raramente adivinham que sou simultaneamente afro-americana e japonesa."

negra na Casa Branca; mudanças dramáticas na atitude face ao casamento homossexual e questões LGBTQ; as consequências do 11 de Setembro; e alterações demográficas visíveis na publicidade, nas multidões dos centros comerciais, nos estudantes inscritos nas escolas e nos estados dos EUA (seis, por enquanto) onde a população branca não-hispânica passou a ser minoritária.

Nos Estados Unidos, os debates nacionais sobre etnia costumam ser ditados e definidos por eventos grandes e explosivos: debates sobre imigração, um pioneiro que vence a barreira da cor ou o derrube de um monumento confederado. Contudo, há um certo factor de intimidade nas histórias que as pessoas tendem a partilhar neste projecto. Há, de facto, referências directas à escravatura, às quotas de acção afirmativa e ao primeiro presidente negro dos EUA, mas é mais frequente a partilha de relatos sobre os filhos e colegas de trabalho, o bairro ou igreja, sobre a maneira como o mundo reage ao seu sotaque, às suas tradições ou ao tamanho do seu corpo.

Há muitas histórias de mulheres que são confundidas com amas por não se parecerem com os filhos multiétnicos. Muitas histórias de homens negros que vêem as pessoas puxar as carteiras para junto de si quando passam junto deles na rua. Muitas histórias de pessoas brancas que afirmam nunca terem tido escravos e estão fartas de lhes ser incutida culpa por causa de um passado que não tem relação directa com as suas vidas.

Também tomámos conhecimento de muitas famílias desejosas de se assegurarem que os seus filhos são considerados "genuinamente" americanos. Partilham um objectivo comum, mas as suas definições variam. Isso também mudou desde que iniciei este trabalho, uma vez que as alterações demográficas fixam os EUA numa trajectória na qual as minorias de hoje acabarão por transformar-se em maioria.

E embora a nossa actividade se desenvolva sob a égide do Projecto Race Card, muitos dos nossos contadores de histórias enviam-nos relatos que nada têm que ver com as opções que seleccionaram para a sua cor de pele ou etnicidade no inquérito. As histórias giram em torno do serviço militar, da orientação sexual, da deficiência ou da cor do cabelo.

COMO É QUE O TEU BEBÉ SAIU RUIVO?

ANTIGAMENTE, ANDAVA COM RASTAS, MAS APRENDI A LIÇÃO

DEMASIADO LOURA PARA O PERFIL "ÉTNICO"

Este trabalho permite-nos ver as pessoas como elas se vêem a si próprias. Elas escolhem aquilo que querem dizer. Em função disso, conseguimos ver uma parte do mundo que costuma ser ocultada. Já ouvi agentes da polícia, professores, agricultores, eleitores e profissionais de saúde que se encontram nas linhas da frente. Já ouvi prisioneiros libertados, soldados regressados de missões militares, adolescentes em processo de mudança de género e pessoas que nunca pretenderam fingir e disfarçar a identidade que herdaram, mas perceberam que era simplesmente mais fácil não corrigir alguém que pensava que elas eram caucasianas, cristãs ou filipinas.

Esta tela multicolor sublinha algo que frequentemente nos escapa quando pensamos no tema da raça. Essa palavra, com toda a sua carga, costuma estar associada à toxicidade histórica do racismo. Nos EUA, devido a um passado ditado pelas leis Jim Crow, isso significa que a palavra "raça" costuma invocar um cenário de privilégio branco e preconceito contra os negros. No entanto, essa cobertura binária acaba por obscurecer ou apagar outras correntes culturais. Na grande discussão sobre raça e etnicidade nos EUA, os latinos, asiáticos, iranianos, árabes, nativos americanos, são empurrados para a margem.

UM TURBANTE NÃO SIGNIFICA TERRORISTA

SOU APALACHE – É UMA ETNICIDADE INVISÍVEL

PERGUNTA: MLK APOIARIA OS DIREITOS DOS HOMOSSEXUAIS?

ESTA MANTA DE RETALHOS abrange todas essas correntes. Micro-ensaios profundos que sublinham uma verdade dura. Sim, a América está mais integrada e tolerante, devido a alterações legislativas e à mudança de atitudes, mas as nossas experiências, pressupostos e medos relacionados com raça tornaram-se mais complicados e há mais... problemas de indigestão.

Ao fazer este trabalho há tantos anos, tenho a sorte de poder acompanhar algumas histórias ao longo do tempo e aprendi lições valiosas sobre a noção fluida de identidade. Numa América em mudança, é menos provável que todos os tipos de identidade (etnicidade, género, classe) se definam pela escolha de certezas antigas, eternamente codificadas.

Alguns destes relatos com seis palavras confirmam que a identidade, os lemas e as atitudes evoluem em função do tempo e das circunstâncias. A visão de longo prazo traz consigo, frequentemente, muitas surpresas. As pessoas transformam-se ou constrangem-se. As atitudes mudam ou calcificam-se. Acontecimentos fora do controlo podem catalisar imediatamente os pontos de vista de uma nação e criar uma sensação de vertigem pessoal.

EU SOU TUDO O QUE DONALD TRUMP ODEIA

ODIADO POR SER UM POLÍCIA BRANCO

O ÁRABE INVISÍVEL ATÉ 12 DE SETEMBRO

OUVIR ESTA SINFONIA ao longo de tantos anos tem sido muito compensador, mas também tem sido duro. É um desafio manter o projecto vivo. Estou grata a todos os que nos confiaram a suas histórias e a um pequeno exército de pessoas que viram o potencial do projecto e ajudaram a financiá-lo. Tivemos triunfos, avanços e epifanias, mas o tema principal deste arquivo é a etnia. Por isso, todas as semanas trazem um novo tipo de ansiedade ou intensidade. Não estou a insinuar que seja um fardo, mas os contornos do meu coração mudaram uma década mais tarde. Compreendo melhor os desafios em torno da raça, as raízes que alimentam o racismo e a tendência automática para desejar que tudo simplesmente acabasse, em vez de tentarmos perceber melhor a razão pela qual não conseguimos ultrapassar aquilo que nos separa.

A MINHA AVÓ MANDOU-ME $100 QUANDO NOS SEPARÁMOS

ESTOU MORTO PARA O MEU PAI

APONTARAM-ME UMA ARMA… TENTEI NA MESMA

A EXPRESSÃO "PÓS-RACIAL" ainda pairava no ar quando iniciei este projecto em 2010. No entanto, mesmo naquela altura, muitos aspectos das nossas vidas sugeriam que a etnicidade não iria desaparecer da mesa de debate. Agora, dez anos depois, os sociólogos falam sobre um fenómeno de saúde pública denominado fadiga da batalha racial – uma condição definida como o resultado cumulativo de uma resposta de *stress* repetida em condições mentais e emocionais perturbadoras, associadas a tensões raciais persistentes. Lá se foi o pós-racial.

Vivemos um tempo em que muitas pessoas dizem sentir-se cansadas com os conflitos raciais, mas simultaneamente fazem enormes esforços para defenderem o seu ponto de vista particular. Estaremos mesmo cansados do assunto ou simplesmente não temos interesse em explorar um mundo que não é o nosso? Na realidade, a exploração de mundos e perspectivas alternativos é, de certa forma, mais difícil devido à polarização política e à segmentação dos meios de comunicação social. Muito daquilo que vemos, ouvimos e lemos só confirma aquilo em que já acreditamos. É nisso que este projecto é diferente. Cada contributo é uma janela com vista para os domínios de outra pessoa.

O arquivo do Projecto Race Card abrange um amplo leque de pontos de vista e experiências de vida. Poderá encontrar algo familiar, algo que faça a sua cabeça acenar num gesto de concordância. No entanto, posso também garantir-lhe que, ao ler estas histórias, descobrirá frases que causarão incómodo ou dar-lhe-ão vontade de chorar, de contorcer-se ou de esbracejar.

Não admira. É uma viagem através da etnicidade e da identidade. É um projecto que põe o mundo diante de um espelho. Tendo em conta o tema, como poderia alguém esperar de gostar ou aceitar tudo o que vê?

Ao longo da última década, o Projecto Race Card transformou-se num espaço de confiança que desenterra verdades ocultas e questiona narrativas empedernidas. O exercício de escrita das seis palavras e o arquivo de narrativas é actualmente utilizado em escolas e universidades de todo o país e também fora dos EUA. É igualmente utilizado por instituições de todos os tipos que pretendem estimular debates ou trazer à superfície histórias sobre as quais não se costuma falar.

Daqui a décadas, este vasto arquivo de narrativas na primeira pessoa sobre um dos assuntos mais incómodos da história ajudará historiadores, sociólogos e jornalistas a perceberem a experiência vivida da etnicidade e da identidade numa época agora pontuada por uma pandemia global, manifestações de rua e agitação política. O arquivo é como um almanaque, um catálogo, um repositório de pequenos contributos que compõem a imagem panorâmica. Somos definidos por leis, acontecimentos e tendências, mas são os momentos mais pequenos e pixelados que realmente completam essa imagem.

Passei dez anos a trabalhar num projecto que partiu de um pressuposto errado. Pensei que ninguém queria falar abertamente sobre um tema tão sensível como a etnicidade. Estava gloriosamente errada. Por vezes, abrimos a porta errada e vamos parar ao sítio certo. ▫

CONTE A SUA HISTÓRIA

Para se juntar a esta conversa, visite *theracecardproject.com*. Siga as instruções e escreva a sua história com seis palavras. Escreva mais, se quiser, e leia os contributos de outras pessoas.

ESAYAS MEHRETAB

Richmond, Virginia

«BLACK BOY. WHITE WORLD. PERPETUALLY EXHAUSTED»

"Rapaz negro. mundo branco. permanentemente exausto"

NA NOITE em que Esayas Mehretab se mudou para um apartamento novo com um colega em 2012, decidiu sair com um grupo de seis amigos. Amontoaram-se dentro de uma carrinha e foram explorar o bairro, nos arredores da Universidade Virginia Commonwealth, em Richmond.

Segundos mais tarde, foram mandados parar pela polícia municipal, que os mandou sair do veículo um a um, de mãos no ar. "Fiquei furioso porque mandaram-nos parar e nós só pensávamos 'o que se passa?'", diz Esayas. "Começou com um carro de polícia, depois dois e, a seguir, quatro, cinco e seis. Não paravam de chegar. Dizer que ficámos com medo é pouco."

Esayas diz que a polícia algemou os estudantes, mandou que se deitassem e tirou-lhes as carteiras. Passados cerca de 30 minutos, tiraram-lhes as algemas e deixaram-nos levantar-se. Explicaram-lhes depois que tivera lugar um assalto naquela noite e dois dos estudantes que estavam na carrinha (os dois eram negros) correspondiam à descrição dos suspeitos.

"Foi assim que fui apresentado à cidade de Richmond", diz Esayas. Ele e os amigos que estavam consigo na carrinha nunca voltaram a falar sobre o incidente e ele só o mencionou aos pais anos mais tarde, quando decidiu partilhar a sua história em seis palavras: "Rapaz negro. Mundo branco. Permanentemente exausto."

A família de Esayas Mehretab veio para os Estados Unidos como refugiada, numa tentativa de escapar à perseguição na Etiópia durante a guerra civil que assolou o país. Esayas tinha 5 anos na altura e, ao longo da maior parte da sua vida, foi-lhe dito que se concentrasse nas suas conquistas, no estudo e no desporto.

"Sempre vivi com a sensação de não haver espaço para falar sobre as minhas experiências, as minhas lutas e como a vida era, realmente, para mim, enquanto rapaz negro", afirma.

Hoje, trabalha como recrutador sénior numa empresa de Richmond e acabou por decidir que os pais precisavam de saber os desafios que ele enfrenta enquanto homem negro e imigrante, incluindo o seu encontro com a polícia. O seu silêncio, diz, normalizou essa situação. Em retrospectiva, considerou aquele momento como um rito de passagem, algo que iria acontecer, mais cedo ou mais tarde. Nada de especial. "Lidei com a situação. Ultrapassei-a."

"Deveria ter-me zangado e não o fiz. E isso é ainda mais triste do que aquilo que aconteceu."

Pouco antes de entrar na universidade, em Richmond, Esayas Mehretab teve um encontro assustador com a polícia. Na altura, não quis contar aos pais, que tinham fugido às perseguições na Etiópia. Mais tarde, contudo, descobriu que ficar calado sobre os desafios que enfrenta enquanto jovem negro é um preço alto a pagar.

Daniel Robbins é um defensor convicto da igualdade, mas sente-se perturbado pela sua reacção aparentemente involuntária quando vê alguma pessoa pertencente a uma minoria sair-se bem. Esforça-se por erradicar estas baixas expectativas.

DANIEL CHAIM ROBBINS

Seattle, Washington

«ASHAMED THAT ACCOMPLISHED MINORITIES SURPRISE ME»

"Vergonha de ficar admirado com o sucesso das minorias"

POR VEZES, OS CONTRIBUTOS para o Projecto Race Card atingem as pessoas como um murro no estômago e as seis palavras de Daniel Robbins enquadram-se certamente nessa categoria. Tendem a fazer as pessoas sentir-se incomodadas. As pessoas sentem-se zangadas por ele se atrever a dizer uma coisa destas em voz alta. Sentem-se ofendidas com a sua sinceridade.

A minha posição é diferente. Aprecio a sua franqueza, por representar um comportamento muito frequente no local de trabalho e na sala de aula – na verdade, em qualquer sítio onde os feitos de pessoas oriundas de grupos historicamente marginalizados colidam com as expectativas enraizadas. Daniel é *designer* em Seattle e enviou-nos as suas seis palavras em 2014, depois de participar num programa de liderança que explorou as raízes e o impacte do racismo.

"Por mais liberal e progressista que diga que sou, por mais seminários em que tenha participado ou ensaios que leia sobre privilégios e a desigualdade social, ainda ouço a minha voz interior exprimir uma surpresa agradável quando vejo uma minoria sair-se bem", escreveu numa curta história que dava contexto às suas seis palavras. "Seja por ver alguém de uma minoria ter sucesso num negócio, escrever um editorial na imprensa nacional ou a fazer rondas médicas um hospital, penso para mim próprio: 'Olha que bem!'"

E acrescentava: "Não me orgulho disto e não sei como resolvê-lo."

Anos mais tarde, ainda procura essas respostas, ainda se empenha em tornar-se vulnerável e sair da sua zona de conforto. E ainda admite ouvir aquela vozinha de espanto entusiasta quando reconhece excelência em sítios que considera inesperados. Todas as pessoas são diferentes, mas ele acha que o primeiro passo é reconhecer essa voz interior e, em seguida, descobrir como lhe responder.

"[Terei de] Entender que se trata de uma voz interior e que, por vezes, pode ser mais respeitoso expressá-la a cru, tal como mostraria a qualquer outra pessoa" – disse Robbins numa entrevista. "É mais ou menos como se o meu lado branco liberal e progressista quisesse dizer: 'Oh, meu Deus, mas que bela ideia. Como pensaste nisso?' Mas eu não diria isso a um colega branco", reconheceu numa entrevista.

«WHITE HUSBAND BECAME IRANIAN 11/9.»

"11-S: marido branco torna--se iraniano."

Maren Robinson (à esquerda)

«YOU DON'T LOOK IRANIAN!» «I AM»

"Não pareces iraniano!" " mas sou."

Rom Barkhordar (à direita)

MAREN ROBINSON

«WHITE HUSBAND BECAME IRANIAN SEPTEMBER 11TH»

"11-S: marido branco torna--se iraniano."

ROM BARKHORDAR

«YOU DON'T LOOK IRANIAN!» «I AM»

"Não pareces iraniano!" "Mas sou."

Chicago, Illinois

NA MANHÃ de 11 de Setembro de 2001, Maren Robinson e Rom Barkhordar estavam a viajar de automóvel pelo país e pararam numa estação de serviço no Arkansas para reabastecer e comer. Quando entraram, todos os presentes estavam a olhar para uma televisão na parede. Havia fumo a sair de dois arranha-céus, um ao lado do outro, na cidade de Nova Iorque.

"O que se passa?", perguntou Rom. Um homem sentado ao balcão explicou-lhe que o World Trade Center estava a ser atacado. Depois, outro homem sentado perto deles pronunciou um insulto genérico dirigido às pessoas com ascendência do Médio Oriente. Rom Barkhordar olhou para a sua mulher e disse: "Vamos embora daqui."

Rom é irano-americano. A sua mulher, Maren, é loura e tem ascendência europeia. O 11 de Setembro tornou-se uma fronteira nas suas vidas. "Diria que foi, definitivamente, a primeira altura em que temi fisicamente pela segurança [do Rom] e isso nunca mais desapareceu", diz Maren.

Depois de ouvir um programa radiofónico sobre o Projecto Race Card, Maren e o marido sentiram-se inspirados para partilhar a sua história, mas nenhum deles sabia o que o outro dissera quando as enviaram.

A mudança que sentiram depois do 11 de Setembro é patente nas seis palavras enviadas por Maren: "Marido branco tornou-se iraniano depois do 11 de Setembro". Ela também enviou uma história para contextualizar a sua escolha de palavras. "Vi como o meu marido, meio iraniano e nascido nos EUA passou de ser considerado branco... para ser considerado vagamente do 'Médio Oriente' (suscitando hesitações nos comboios e buscas adicionais nos aeroportos) depois do 11 de Setembro."

Maren é consultora de guiões para vários teatros na região de Chicago e trabalha em funções administrativas na Universidade de Chicago. Rom é actor, com uma longa lista de participações em teatro, televisão e interpretações vocais em videojogos. No seu contributo para o Projecto Race Card, escreveu: "Não pareces iraniano!", "Mas sou."

Antes do 11 de Setembro, era visto como um homem branco moreno capaz de interpretar uma série de papéis. Depois do 11 de Setembro, as personagens que lhe foram propostas foram com mais frequência vilões árabes, o tipo de papel representado em argumentos sobre terrorismo.

A partir de então, Rom e Maren começaram a receber correio e chamadas de telemarketing em persa e em árabe, idiomas que nenhum deles fala. O súbito influxo de mensagens do Médio Oriente era um mistério para eles. Hoje suspeitam que estavam a ser vigiados por alguma iniciativa governamental com o objectivo de avaliar os homens com ascendência do Médio Oriente dos EUA.

"Tenho um cadastro completamente limpo e imaculado", diz Rom. "Eles estavam simplesmente a basear-se no facto de eu ter um apelido iraniano e de ser um homem de determinada idade, enquadrando-me por isso naquele perfil."

Com o vigésimo aniversário do 11 de Setembro à vista, esta família ainda sente o ferrão. A experiência tornou a sua ligação ao passado étnico de Barkhordar ainda mais forte, sobretudo através do trabalho teatral. Maren promove histórias que examinem um espectro mais largo de culturas e personagens. E Rom deixou crescer a barba, em parte para se identificar melhor com a sua cultura, dentro e fora do palco.

MARISHA VANDENBERG diz que nunca fora tão feliz na vida. Depois de criar três filhos com o seu marido Richard, voltou à faculdade com a intenção de fazer um mestrado em educação. No entanto, quando um dos seus professores na Universidade Baptista da Califórnia, em Riverside, pediu aos alunos que enviassem as suas histórias em seis palavras para o Projecto Race Card, em 2017, Marisha escreveu sobre arrependimento.

"Negra-mexicana de língua espanhola não ensinou os filhos" são as seis palavras que escolheu para o seu trabalho de casa. As primeiras três são uma biografia rápida: o seu pai é negro e crioulo, e a família da mãe é originária do México. Marisha foi criada no seio de uma família unida que incluía os avós latinos, dois tios e três tias.

As três palavras seguintes, "não ensinou os filhos" remetem para uma decisão que agora gostaria de poder mudar. O seu marido é branco e de ascendência europeia: fez um teste de DNA e descobriu que tinha antepassados noruegueses, suecos, alemães, ingleses e holandeses. Marisha chama-lhe, na brincadeira, o seu "viking".

Quando ela e Richard formaram família, a mãe de Marisha incentivava os bebés Vandenberg a exprimirem-se em espanhol quando estavam a aprender a falar. Marisha sempre presumiu que os filhos seriam bilingues como ela, mas Richard teve medo de que eles ficassem confusos. Ela insistiu que iria correr tudo bem. "Ele nunca tivera ninguém bilingue em casa", disse ela sobre o marido. "Nenhuma das minhas garantias o sossegou."

As pessoas que vêem a sua história no sítio do Projecto Race Card na Internet podem precipitar-se a concluir que Richard não se sente à vontade com a cultura latina, disse Marisha. Contudo, ela insiste que tal não é verdade.

Com o tempo, ela concordou com uma abordagem unicamente inglesa à educação dos filhos, mas como eles passavam tanto tempo com a sua família alargada, ela nutria a esperança secreta de eles aprenderem espanhol quase por osmose. Para sua tristeza, isso não aconteceu. Na verdade, os avós, os tias-avós e os tios acabaram por aprender mais inglês com os miúdos do que os miúdos aprenderam espanhol com os mais velhos.

Enquanto isto acontecia, o mundo em redor estava a mudar. Sobretudo na Califórnia, a facilidade na expressão alternada em espanhol e inglês era cada vez mais valorizada pelos empregadores e, por vezes, recompensada com ordenados mais altos.

Quando os filhos chegaram à adolescência, os Vandenberg decidiram mudar de rumo. Asseguraram-se de que eles aprendiam espanhol na escola e deram luz verde aos seus parentes para serem embaixadores da língua. Os miúdos estão a evoluir, diz Marisha. Sabem o básico, mas a mãe admite que o espanhol não lhes sai com fluidez da boca. Ironicamente, por ter trabalhado em restaurantes muitos anos durante a juventude, Richard exprimia-se melhor em espanhol do que os filhos, mas eles já melhoraram.

"Quem me dera que a minha ignorância de juventude não me tivesse deixado ceder", diz Marisha. "Mas nunca é tarde para corrigir alguns erros."

MARISHA VANDENBERG

«BLACKCICAN SPANISH SPEAKER DIDN'T TEACH KIDS»

"Negra-mexicana que fala espanhol não ensinou os filhos"

Riverside, Califórnia

«BLACKCICAN SPANISH SPEAKER DIDN'T TEACH KIDS»

"Negra-mexicana que fala espanhol não ensinou os filhos"

Marisha e Richard conheceram-se no liceu, casaram-se e criaram três filhos (a partir da esquerda): Taylor, 20, Teresa, 20, e Kaili, de 18 anos. Os seus filhos finalmente aprenderam a língua espanhola.

«WE AREN'T ALL "STRONG BLACK WOMEN"»

"Nem todas somos mulheres negras fortes"

A CELESTE GREEN não se importa que as pessoas a considerem uma mulher negra forte. Na verdade, ela é todas essas três coisas. O que aborrece esta médica de 32 anos é isso ser, frequentemente, tudo o que as pessoas vêem, menosprezando as qualidades que a fazem igualmente sentir-se orgulhosa: graciosidade, inteligência, paciência e compostura.

Por isso, quando redigiu o ensaio que acompanhou a sua segunda candidatura à faculdade de medicina, desenvolveu-o em torno da história de seis palavras que enviara para o Projecto Race Card em 2012: "Nem Todas Somos 'Mulheres Negras Fortes'".

"Não sou apenas uma Mulher Negra Forte, de cara fechada, avançando pela vida como se tivesse uma lista de verificação com itens para riscar", escreveu na sua candidatura à faculdade de medicina da Universidade da Carolina do Norte. "O meu dever não é fingir força nem superioridade moral, mas transformar as minhas experiências em empatia."

A candidatura de Celeste foi aceite e a médica está agora a fazer a residência em ginecologia e obstetrícia. Continua a considerar o estereótipo da mulher negra forte como uma faca de dois gumes. Com demasiada frequência, essa atitude é prejudicial às mulheres que se convencem de que têm sempre de estar à altura dessa expectativa. E é perigosa quando as pessoas pensam que as mulheres negras conseguem lidar com quase tudo sem ajuda ou sem descanso. Esse estereótipo está tão fixado na imaginação popular que é frequentemente considerado um elogio.

"A força interior traz consigo muitas expectativas", escreveu. "'Por que haveremos de dar-lhe mais remédios para as dores? Ela é forte.' E estes exemplos parecem hiperbólicos, mas quando olhamos para os números díspares da saúde, dos salários, do reconhecimento da nossa arte, da nossa defesa, da nossa inteligência... As mulheres negras continuam a ser ignoradas."

"Se uma mulher negra se sentir no seu estado mais poderoso e capaz quando se descreve como forte, então apoio completamente a sua existência nesse estado", escreveu Green. "Sinto-me muito mais forte agora do que naquela altura em que escrevi a minha história em seis palavras. 'Mulher negra e forte' pode rapidamente deixar de ser um ornamento e passar a um ser fardo."

Muito frequentemente, escreveu, "é uma desculpa para exigir mais de nós à custa do nosso bem-estar e da nossa paz".

Quando Celeste Green enviou as suas seis palavras ao projecto, elas desencadearam um debate de vários dias na Internet. "Será que 'forte' se tornou um eufemismo para 'não interessa como as tratamos porque elas sobrevivem?'", escreveu um comentador.

KRISTEN MOORHEAD | Silver Spring, Maryland

«I WISH HE WAS A GIRL»

"Quem me dera que ele fosse uma rapariga"

KRISTEN MOORHEAD enviou as suas seis palavras para o projecto no dia 26 de Novembro de 2014, o dia em que a polícia de Cleveland divulgou um vídeo de vigilância granulado mostrando como Tamir Rice, de 12 anos, fora alvejado por um agente segundos após a chegada deste ao local para o qual fora pedida ajuda num telefonema para as emergências. Afinal, a criança tinha uma pistola de brincar.

Tal como Tamir Rice, Che, o filho de Kristen Moorhead, tinha 12 anos na altura. A sua mãe escreveu: "Quem me dera que ele fosse uma rapariga." Disse que este sentimento era como um grito silencioso.

"Sempre disse ao meu filho que ele poderia ser tudo o que quisesse", escreveu nesse dia. "Ele tem 12 anos agora. É quase da minha altura e jura que não vê cores. As suas possibilidades são infinitas, mas há uma desvantagem cruel. Podes ser tudo o que quiseres, mas primeiro tens de sobreviver."

Neste Inverno, vi Kristen ler as suas seis palavras ao filho, que tem actualmente 18 anos. Ela explicou que não desejou uma criança diferente, mas estava a reflectir um medo profundamente enraizado, devido ao facto de tantos homens e rapazes negros serem mortos pela polícia.

Com 1,80 metros de altura, Che é mais alto do que a mãe. Graças a vários programas para crianças dotadas e talentosas, está agora a preparar-se para a faculdade e já não diz ser indiferente à cor. Em vez disso, disse que a sua cor e género são a primeira faceta que o mundo frequentemente vê nele.

"Ainda tenho o hábito de, sempre que entro numa mercearia ou mesmo quando passo por alguém na rua, dizer sempre 'olá' ou 'bom dia' ou tentar ter uma pequena interacção porque a forma como eu falo costuma alterar a percepção que as pessoas têm de mim", disse Che, que ainda tem voz de menino. "São interacções insignificantes, mas preciso de ter sempre um sorriso no rosto... e de erguer esta barreira que me torna uma figura unidimensional que pode existir enquanto pessoa, ou nem sequer como pessoa, mas com algo parecido com uma pessoa e não com uma ameaça."

É possível que os leitores já tenham ouvido falar na tradição de os pais negros e mulatos terem "a conversa" com os filhos, aconselhando-os a comportarem-se de maneira a chegarem seguros a casa, sobretudo se tiverem um encontro com a polícia. Este episódio foi "a conversa" ao contrário. Uma criança explicou à mãe pela primeira vez como absorveu e se comportou conforme o seu conselho. Kristen está satisfeita por o filho ter aprendido as lições, mas sente mais dor do que orgulho.

"Sinceramente, há um certo nível de ressentimento por o meu filho ter de aprender isto e de eu ter de ensinar-lho", disse. "Não há qualquer satisfação em vermos o nosso filho ser bom nessas matérias."

Kristen Moorhead gostaria que o filho, Che, fosse uma rapariga porque os jovens negros são "considerados culpados até prova de inocência", disse. Quanto a Che, ele sente-se pressionado para ser a "minoria modelo", disse. "Tenho de ser uma pessoa perfeita. É esgotante."

MIL ANOS EM IDANHA

DURANTE MAIS DE UM MILÉNIO, IDANHA-A-VELHA FOI UM CENTRO URBANO DE IMPORTÂNCIA IBÉRICA. ROMANOS, SUEVOS E VISIGODOS, ÁRABES E CAVALEIROS TEMPLÁRIOS DEIXARAM **A SUA MARCA** NO TERRITÓRIO. ESSAS MARCAS ESTÃO DE NOVO A EMERGIR.

Do ar, tornam-se palpáveis os motivos que terão orientado a escolha do local de implantação da velha cidade: a protecção do rio, a colina íngreme de acesso e talvez a influência espiritual do *inselberg* granítico de Monsanto.

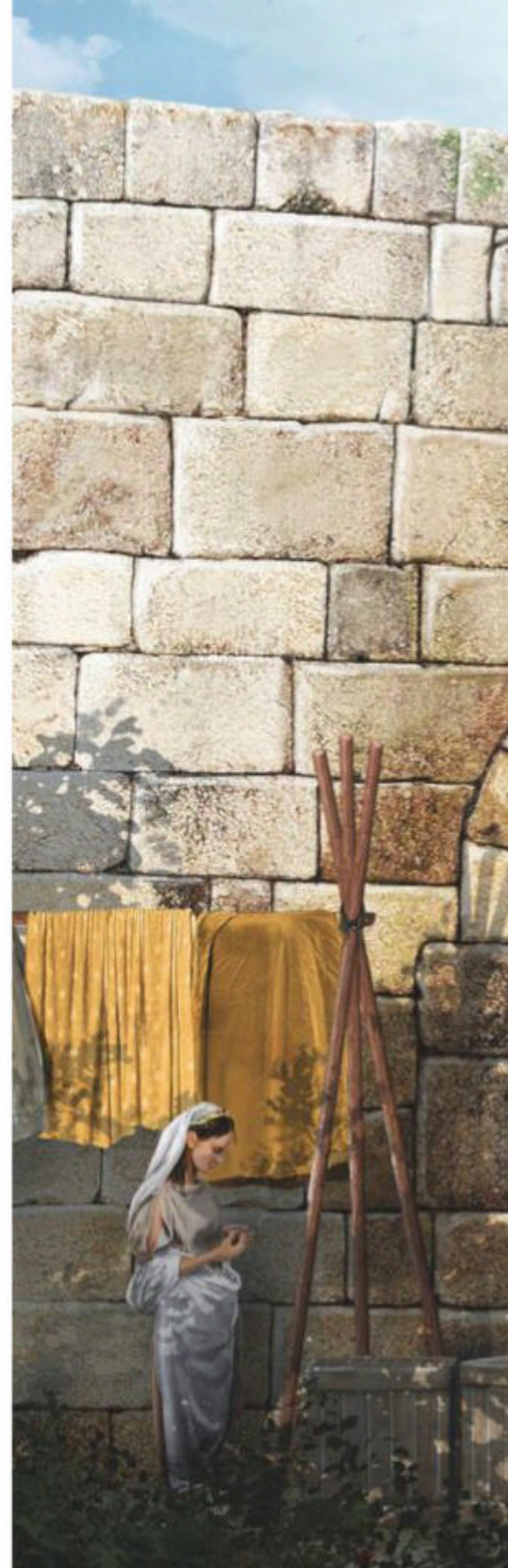
Uma azinheira cresce há quatro séculos sobre as muralhas meridionais de Idanha numa metáfora da luta incessante entre o homem e natureza.

TEXTO DE **GONÇALO PEREIRA ROSA**
FOTOGRAFIAS DE **PEDRO MARTINS**
ILUSTRAÇÕES DE **ANYFORMS DESIGN**

A NOTÍCIA NÃO FOI MUITO DIVULGADA EM 2018, MAS TEVE AMPLO SIGNIFICADO ARQUEOLÓGICO E SIMBÓLICO PARA O CONHECIMENTO DO PASSADO DE IDANHA-A-VELHA: UMA EQUIPA DE ARQUEÓLOGOS ENCONTROU ENTÃO A PORTA SUL. HÁ MAIS DE UM MILÉNIO QUE NINGUÉM PASSAVA ENTRE AQUELES BLOCOS.

Não é fácil interpretar o passado em Idanha-a-Velha. A cinquenta quilómetros de Castelo Branco e a pouco mais de trinta da fronteira com Espanha, a aldeia parece um manuscrito antigo, cujas páginas, por falta de uso, se colaram, amalgamando vicissitudes de épocas diferentes. Félix Alves Pereira, o arqueólogo que no início do século XX veio aqui para inventariar o acervo de epigrafia conservado na aldeia, chamou-lhe o "perfeito cadáver de pedra que o tempo descarna". Não estava errado.

Durante vários séculos, Idanha-a-Velha foi sarando a cicatriz deixada pela perda progressiva de importância a partir do momento em que Dom Sancho I transferiu a sede do bispado para a Guarda. Fê-lo com a condição de que a população sujeita a esse bispado continuasse a ser designada por egitaniense (ainda hoje o é), mas foi fraco consolo nessa machadada final de uma história espantosa de mais de um milénio de influência. Pouco antes, "os templários, como gente estranha, desfizeram uma cidade para fazer uma fortaleza", dirá no século XVIII o pároco de Idanha-a-Velha nas "Memórias Paroquiais". E a aldeia, desmantelada, despovoada e mal servida de estradas e acessos, foi sendo esquecida. Um manto de terra e de vegetação foi cobrindo as ruínas. A memória oral perdeu-se. A gigantesca borracha da história limitou a recordação de uma velha cidade aos eruditos que, desde o século XVIII, aqui acorriam em busca de tesouros clássicos, mal adivinhando que o verdadeiro tesouro era menos palpável.

EM 2020, OS ARQUEÓLOGOS Pedro Carvalho e Catarina Tente submeteram um pedido de financiamento à Fundação para a Ciência e Tecnologia para retomarem as escavações em Idanha-a-Velha, procurando ordenar este bolo de camadas revolto que era – e é – o registo arqueológico da aldeia. Foi uma candidatura invulgar porque juntava duas universidades portuguesas (Coimbra e Nova de Lisboa) no mesmo projecto de investigação.

A descoberta da Porta Sul pela equipa dos arqueólogos Pedro Carvalho (à esquerda) e Catarina Tente suscitou novas teorias sobre o acesso à cidade no fim do Império Romano. Talvez as letras monumentais estivessem expostas no Fórum para serem lidas à distância.

ENTRE O FÓRUM E AS MURALHAS ESTENDE-SE UM EXTENSO OLIVAL. O SUBSOLO NÃO ERA ALI REVOLVIDO HÁ MAIS DE UM MILÉNIO, COM EXCEPÇÃO DOS OCASIONAIS SACHOS E ENXADAS.

Foi igualmente peculiar porque os dois arqueólogos beirões se propunham dotar as instituições locais de ferramentas para construir uma narrativa sobre Idanha-a-Velha capaz de ser apreendida por turistas e agentes económicos, num último fôlego para travar o despovoamento da aldeia. E foi rara porque se aglutinaram, na mesma equipa, historiadores, arqueólogos, antropólogos, geógrafos, especialistas em genética e em física num grupo que, ao longo de um almoço, tanto pode começar por discutir a epigrafia da aldeia como terminar com as possibilidades de sequenciamento de DNA antigo.

Ao longo do século XX, a aldeia foi intervencionada em alguns períodos e o seu espólio foi alvo de cobiça. As campanhas mais extensas foram desenvolvidas entre as décadas de 1950 e 1970 por Dom Fernando de Almeida, médico especializado em obstetrícia mas arqueólogo por paixão. O seu contributo real ainda é discutido nos fóruns de história de arqueologia. Devem-se-lhe seguramente a identificação de estruturas fundamentais na aldeia, como um dos baptistérios, segmentos da muralha, as termas e o aqueduto ou a recuperação da Sé Episcopal (que, na década de 1950, fazia as vezes de cemitério local, sem telhado). Devem-se-lhe em contrapartida intervenções extravagantes como a montagem de uma porta *à romana* ou a remontagem da Basílica com evidente perda de informação sobre o edifício que terá existido antes desta. Era consensual, porém, no início do século XXI, que havia ainda muito trabalho por fazer em Idanha – "trabalho e questões que nem esta geração conseguirá resolver na totalidade", diz Catarina Tente.

Entre 2017 e 2019, apenas com apoio do município de Idanha-a-Nova, a equipa das duas universidades escolheu o sector da muralha como primeiro local para uma sondagem arqueológica de prospecção. "A ideia era trabalhar uma zona desconhecida da velha cidade, onde não tivessem tido lugar intervenções arqueológicas e onde fosse possível encontrar uma estratigrafia completa", diz Pedro Carvalho. A zona sul da actual aldeia, a caminho do apertado meandro do rio Pônsul, era a candidata. Ao nível do solo, entre a última casa construída e o sector de muralhas, estende-se um extenso olival, bem visível na imagem aérea que publicamos nestas páginas. O subsolo não era ali revolvido há mais de um milénio, com excepção dos ocasionais sachos e enxadas.

"A escolha do local não foi acidental", diz o arqueólogo da Universidade de Coimbra. O urbanismo romano é, de certo modo, previsível. Do Fórum, parte quase sempre o cardo, o eixo orientador das cidades, sobretudo daquelas que são planeadas de raiz. Ora, há muito que se identificou a arruinada Torre Templária de Idanha como o local onde, na Antiguidade esteve implantado o templo do Fórum romano. "Assumimos que o cardo se desenvolveria de modo convencional, de norte para sul e, de facto, encontrámos a porta perto do ponto onde esse eixo encontra a linha de muralhas."

Em que data foi aberta a porta? Essa é uma pergunta que permanece sem resposta. Aliás, quando se pergunta em Idanha uma datação a um dos especialistas da equipa, a resposta reflecte cautelas e hesitações pelo simples motivo de que, por enquanto, é difícil atribuir datas a peças e materiais escavados sem método estratigráfico. Existe um vasto acervo encontrado ao longo de décadas de escavação, mas sem informação preservada sobre o contexto. É como um *puzzle* de largas centenas de peças para o qual o fabricante não forneceu o desenho final. E, no entanto, as questões de datas e tempos são importantíssimas em Idanha-a-Velha praticamente desde a fundação da cidade.

TERÁ EXISTIDO uma Idanha pré-romana? Não há provas directas disso. Leite de Vasconcelos, um dos pais da arqueologia portuguesa, defendeu que a abundância de nomes pré-romanos referidos nas inscrições e em mais de metade das divindades citadas validaria a tese de um povoado lusitano-romano no local. Até agora, a arqueologia não encontrou qualquer prova disso.

Em contrapartida, há dados muito concretos sobre a fundação de Idanha romana ou, pelo menos, os primeiros anos de vida da cidade. No ano 16 a.C., Quinto Tálio, um alto dignitário de Mérida (recém-designada capital da província romana da Lusitânia), ofereceu à cidade um relógio de sol, conforme se comprova por uma valiosa inscrição.

vereadores de Lysboa não Deuẽ deter por
mal e pregado Remedare siquer as cal
cadas e Pontes q os Antigos fizerão o Re.
dor de Lysboa. q disso se estão queixando.
Para cujo efeito lhes Dou aqui o Desegno
Destas Pontes pa Redificare a de Sacauẽ e as
outras do Ryo Tejo. e esta he a Ponte dalcatara
de Castella q foy Portugal sobre o mesmo Ryo Tejo.

FEYTA · AO · IMPERADOR · TRAIANO ·

O contributo de Francisco de Holanda

No século XVI, numa viagem de regresso a Roma, o humanista Francisco de Holanda deteve-se na Ponte de Alcântara, em Espanha, desenhando esta monumental obra de engenharia e a inscrição ali implantada, que descreve as comunidades que financiaram a obra. Os primeiros da lista são os *igaeditani*, os cidadãos de Idanha. À direita, uma rara moeda islâmica encontrada numa escavação em Idanha-a-Velha. Embora com menor exuberância, os árabes também passaram pela cidade e deixaram aqui o seu cunho.

BIBLIOTECA NACIONAL (EM CIMA). MOEDA: CORTESIA DO MUNICÍPIO DE IDANHA-A-NOVA

"Há aqui um simbolismo evidente", diz Pedro Carvalho. "O relógio alinha o tempo da cidade pelo tempo do Império." Pouco depois, em 3 ou 4 d.C., uma inscrição alusiva aos netos do imperador Augusto foi colocada no pedestal de uma estátua, confirmando essa integração da cidade na envolvência política e religiosa do Império.

O próprio nome da cidade romana ainda hoje alimenta controvérsias. Uma inscrição fundamental foi colocada na Ponte de Alcântara, do lado de lá da fronteira, aquando da inauguração do monumento em 105 d.C. É uma obra importante de engenharia romana, mas não se tratou de um *opus publicum populi romani*, construído a expensas do povo romano. Foi uma obra comunal de várias populações servidas pela estrada que passava na ponte e que são referidas na inscrição. "A encabeçar a lista, estão os *igaeditani*. Ora, o território que se estendia até ao Tejo era seguramente da *civitas Igaeditanorum,* pois este nome não levanta dúvidas. Mas não sabemos ao certo o nome da cidade capital desse território, que poderia ser Igaedis", diz Pedro Carvalho. "Plínio refere muitas *civitates/populi*, mas não refere os *igaeditani* e não nos chegou qualquer inscrição que esclareça definitivamente a questão." Na viragem para a nossa era, a cidade teria então importância regional, era reconhecida pela capital provincial e atraía forasteiros. Estava em curso uma das páginas mais nobres de Idanha.

NÃO HÁ SÍTIO ARQUEOLÓGICO mais rico no país em epigrafia romana do que Idanha-a-Velha. Não há também outro sítio onde as inscrições tenham gerado tanta controvérsia. Escrevendo em 1951, o historiador Fernando Pina Lopes lembrou que, na primeira visita de Leite de Vasconcelos a Idanha-a-Velha, após um percurso diabólico no lombo de um burro, o fundador do Museu Nacional de Arqueologia (MNA) não tardou a... entesourar. "Se é certo ter-se descoberto ao aproximar-se de Idanha-a-Velha e, numa saudação cheia de ternura pela velha e gloriosa cidade, ter gritado: 'Salvé Egitânia', verdade é também que, pouco depois, de lá saíam, num só dia, em 44 carros de bois para a estação do caminho-de-ferro com destino ao Museu Etnológico Português, dezenas de aras e inscrições, preciosidades que da Beira Baixa deviam ser legítima pertença", anotou.

Parte dessas inscrições foram devolvidas à região quando Dom Fernando de Almeida assumiu a direcção do MNA na década de 1970. Hoje, quase todas estão estudadas e publicadas, constituindo um curioso portal de acesso ao passado. "Mas não é um portal para todo o passado", esclarece

Em baixo, uma das piscinas baptismais, ou baptistérios, após o final da intervenção do arqueólogo José Cristóvão. À direita, uma reconstituição de um baptismo pascal no século V.

Pedro Carvalho. "Há um vasto acervo epigráfico, mas ele corresponde só aos séculos I e II d.C. Depois, desaparece ou as pessoas começaram a escrever em registos mais perecíveis."

Ao longo dos anos, realizaram-se estudos de recuperação da pigmentação original de muitas inscrições funerárias, depositadas ao longo das estradas para honrar os mortos e lembrar aos vivos que os descendentes preservavam os títulos dos defuntos. Algumas, repintadas com o chamado vermelho pompeiano, desafiam o mundo romano sempre branco que a iconografia dos filmes nos habituou a imaginar. Por todo o lado, há inscrições, incluindo letras monumentais, com mais de meio metro de altura, que formariam palavras ou uma frase escrita para ser lida à distância num dos monumentos da cidade. Alguns esforços tentaram ordenar esses fragmentos mas não foram bem-sucedidos.

Armando Redentor é o membro da equipa que organiza esse vasto legado epigráfico. Várias inscrições estão espalhadas pelo país e a sua leitura tem vindo a ser reunida para análise. Há também uma segunda fase da investigação que procura encontrar rasto de Igaedis no mundo romano. "As pessoas movem-se, mas levam consigo a sua terra de origem", diz Pedro Carvalho.

Um bom exemplo disso é Caius Cantius Modestinus. O seu nome figura em inscrições na Bobadela (Oliveira do Hospital) e em Idanha-a-Velha, com a serra da Gardunha pelo meio. Provavelmente, este homem estaria ligado à exploração do ouro e tinha vasta actividade filantrópica. Natural de Idanha, mandou fazer inscrições ligadas à construção de quatro templos: os de Vénus e Marte em Idanha, e os monumentos a Vitória e ao Génio do Município na Bobadela.

FOTOGRAFIA: MUNICÍPIO DE IDANHA-A-NOVA

HÁ MUITO QUE SE IDENTIFICOU A ARRUINADA TORRE TEMPLÁRIA DE IDANHA COMO O LOCAL ONDE, NA ANTIGUIDADE, EXISTIU O TEMPLO DO FÓRUM ROMANO.

"Quando alguém morre longe da sua cidade natal, faz questão de mencionar a sua origem na inscrição", acrescenta Catarina Tente. E o processo deixa um rasto, contrariando o preconceito leigo de que, na Antiguidade, as pessoas vivem e morrem no mesmo local.

UMA DAS EXPECTATIVAS da equipa é encontrar no vasto olival que será escavado nas próximas campanhas uma sequência cronológica que explique melhor os eventos decisivos na vida da cidade. Naquela centena de metros entre a Torre Templária e as muralhas, talvez se encontrem respostas para dúvidas fundamentais sobre as fases de prosperidade e crise na cidade.

A muralha é certamente tardia, pois reaproveita materiais arquitectónicos e decorativos da cidade alto-imperial. É provável que tenha sido erguida no final do século III, quando os tambores da guerra já não estavam longe da região. Um muro, por definição, é uma estrutura de defesa para manter à distância um invasor. Ora, o mundo romano ameaçava então ceder ao progresso territorial dos povos germânicos. Os suevos chegaram à região e instalaram-se – não se sabe se com violência ou se não terão encontrado resistência. Uma segunda vaga trouxe também visigodos. Idanha ficava numa zona de fronteira. É talvez difícil imaginá-lo hoje, mas os olivais pacíficos que hoje se estendem até ao Pônsul poderão ter sido locais de confrontos durante cinco séculos. Entre suevos e visigodos até à conquista do reino suevo. Entre os reinos cristãos e islâmicos. Entre territórios deste lado da fronteira e pretendentes de León.

"Não sabemos as datas, mas sabemos que a muralha foi reconstruída várias vezes", diz Catarina Tente. "E isso também certifica que ainda existiam monumentos da cidade romana para desmontar na Alta Idade Média." A porta, agora descoberta, foi fechada, talvez no momento em que o conflito entre suevos e visigodos se agudizou. Voltaria a ser aberta. A muralha foi tombando e sendo reconstruída. Nada é mais sugestivo de um território em frequente agitação bélica do que um muro que se reconstrói regularmente.

UMA SEGUNDA SURPRESA aconteceu em 2019 e terá repercussões em todos os fóruns internacionais onde se discutem os primeiros séculos do cristianismo. A equipa do Projecto Igaedis enviou para datação amostras da argamassa construtiva dos dois baptistérios que, a norte e a sul da Basílica, foram identificados por Dom Fernando de Almeida e José Cristóvão e datados por comparação com estruturas idênticas de outras regiões.

É muito invulgar a coexistência de dois baptistérios contemporâneos no mesmo local. "O baptistério era usado uma vez por ano, na Páscoa", explica Catarina Tente. "Tem, por norma, um edifício associado sobre o qual nada sabemos aqui em Idanha." Em Idanha-a-Velha, as estruturas estão numa posição central, aceitando a premissa de que, à medida que o mundo romano vai entrando em colapso, o centro nevrálgico da cidade também se deslocou do Fórum para a zona da Basílica.

Quando os resultados da datação chegaram, Catarina Tente e Pedro Carvalho entreolharam-se. A datação proposta para o baptistério norte é o século IV d.C. E o segundo, mais nobre, a sul, é do século V. "Confesso que não estava à espera", diz Catarina Tente. "Numa *villa* romana privada, não me espantaria a existência de um baptistério para culto de uma família. No centro de uma cidade romana, às claras, foi espantoso. As cidades pós-romanas têm processos muito diferentes, mas o núcleo religioso modifica-se. Há casos em que evoluiu a partir do Fórum, como terá acontecido em Viseu. Desmantela-se o Fórum, mas ocupa-se esse lugar. E há casos de descentralização. Ainda não compreendemos bem o que aconteceu aqui, mas a datação dos baptistérios (particularmente, o primeiro, que ainda é romano), por não ter contexto envolvente com um monumento, sugere que essa descentralização já está em curso no século IV."

A datação dos baptistérios, já publicada em duas revistas internacionais, comprova a existência de espaços cristãos no centro das cidades da Península Ibérica no século IV d.C. Mais: "Já se está a fazer proselitismo, conversões às claras, num sítio aberto", diz Catarina Tente. "Estão a expandir a religião no quadro do Império Romano, no final do século IV."

O Fórum no século I d.C.

Embora conjectural, a configuração do Fórum de Idanha-a-Velha não deveria fugir desta reconstituição, pois os modelos romanos são canónicos e repetidos em quase todas as cidades.

O edifício principal do templo dominaria o conjunto como centro nevrálgico de poder,

Torre defensiva

No século XII, as preocupações mudaram. A cidade tem utilidade enquanto bastião defensivo e o velho Fórum serviu de alicerce para a construção de uma torre.

Através de uma inscrição num cunhal, foi possível datar com precisão esta fase do monumento.

Os templetes de apoio, talvez consagrados a Vénus e Marte e financiados por Caius Cantius Modestinus, ainda não foram encontrados.

Do Fórum à Torre

Ainda são visíveis, na base da arruinada torre templária, os níveis que correspondiam à base do templo do Fórum Romano. No século XII, os templários tomaram a aldeia e terão usado os materiais disponíveis para fortalecer as linhas defensivas.

N

RECONSTITUIÇÃO DO FÓRUM A PARTIR DE ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ LUÍS MADEIRA

O segundo baptistério, que os visitantes mal descortinam entre o vidro sujo de uma instalação arquitectónica menos feliz, é mais nobre. Usa mármore, é maior e mais opulento. No passado, a sua construção fora interpretada como marco de um momento importante na vida da cidade, como a sua elevação a sede de bispado visigodo em concílio. No entanto, as primeiras notícias sobre a existência de um bispado em Idanha são do século VI d.C. e o baptistério é seguramente mais antigo.

"Em arqueologia, não há sensações; há datações", brinca Catarina Tente. "Mas esta datação levantou novas questões. É certo que não sabemos a data de fundação do bispado, mas também ponderei a hipótese de o abandono de um baptistério mais rudimentar e a construção de um novo, mais opulento, estarem relacionados com os conflitos entre arianismo e catolicismo."

O rei Leovigildo professava o arianismo, uma heresia cristã. Após a conquista visigoda da região, ainda persistiam bispos arianos em Idanha (então já designada como Egitânia, como se atesta pelo vasto acervo numismático que tem sido encontrado), mas, no ano de 589, o seu filho forçou a conversão ao catolicismo de todos os bispos do reino. "Prescindem do arianismo, professam o credo de Niceia e passam a ser católicos. Entre eles está naturalmente o bispo de Idanha", diz Catarina Tente.

Uma vez mais, porém, as datas colidem com as hipóteses teóricas. A consagração do primeiro bispo católico é posterior à data de construção do segundo baptistério. "Resta a hipótese de esse

Na década de 1950, a Basílica era usada como cemitério local. Faltava o telhado e o monumento episcopal estava em franco declínio, como se constata na fotografia histórica. A reconstituição promovida por Dom Fernando de Almeida travou a degradação, mas também privou os arqueólogos de informação sobre o monumento que antecederia a basílica.

monumento acompanhar um evento importante na cidade que ainda desconhecemos", remata Pedro Carvalho. "Do ponto de vista político-religioso, esta narrativa é uma prova de expansão do cristianismo. Neste momento, Idanha tem os baptistérios mais antigos da Península Ibérica e isso é irrefutável. Mas quem sabe disso quando visita a aldeia?"

NÃO HÁ OFICINAS ROMANAS DE MOEDAS associadas a Idanha-a-Velha, mas, em contrapartida, há um importante espólio numismático visigodo e muitas foram até batidas na Egitânia (o nome pelo qual a cidade passou a ser conhecida). Pelo menos sete reis fizeram cunhar moeda com o nome da cidade, indício da importância simbólica da Egitânia entre os séculos V e VIII.

Do ponto de vista material, a numismática e alguns elementos arquitectónicos são os vestígios mais palpáveis da passagem visigoda pela cidade. Menos monumental do que a cultura romana, a cultura germânica manteve a ligação ao amplo território que em tempos fora governado pela Civitas Igaeditanorum, mas agora subordinado à diocese e ao poder religioso. As moedas fazem parte desse jogo de poder. "A moeda visigoda não é uma moeda de circulação", lembra Catarina Tente. "É uma moeda de prestígio e acredita-se que seria até uma moeda de entesouramento para pagamento de impostos. Destina-se às elites. Desde Leovigildo que não se podia cunhar moeda sem autorização do rei. As moedas que nos chegaram e que aparecem em locais tão distantes como Conímbriga marcam a relação entre o rei e os seus dependentes, como prestação de tributo."

Em 711, a Península Ibérica foi abalada por um novo choque civilizacional. A invasão, desta vez, partiu do Norte de África e rapidamente modificou a relação de forças em quase todo o território. Idanha não foi excepção, embora subsistam muitas interrogações sobre o que se terá passado nesta região durante os anos de influência muçulmana.

As fontes árabes são dispersas, por vezes com um século de intervalo entre si. Num itinerário geográfico de Al Rahzi, redigido no século X, menciona-se Antanya, embora o autor provavelmente recorresse a fontes mais antigas porque há anacronismos evidentes. Menciona por exemplo mil habitantes para Idanha, o que é improvável. E os territórios de limite que fornece para a cura (o nome dado à antiga diocese visigótica) é gigantesco, de Marvão a Alcântara, em Espanha.

Na "Vida de ib Marwhan", do final do século IX, menciona-se também que o guerreiro terá reforçado Idanha na sua quarta revolta contra o emir. E existe, por fim, uma referência a um rebelde do século VIII, originário de Idanha, que protagonizou uma heresia de cariz islâmico durante alguns anos.

Dom Fernando de Almeida afirmou peremptoriamente que Idanha fora arrasada durante a ocupação islâmica, mas o registo arqueológico não o validou. É evidente que a cidade perdeu relevância. Gabriel de Souza, bolseiro de doutoramento da NOVA FCSH e membro da equipa, está a catalogar todos os elementos arqueológicos provenientes de Idanha ao longo de mais de um século de escavações. "Menos de 1% corresponde a material islâmico", diz. "É aquilo a que chamaríamos uma prova indirecta da menor influência desta civilização no território: a ausência de vestígios."

"É HOJE UM ESCALAVRADO CAMPO DE RUÍNAS, RUÍNAS DE RUÍNAS", ESCREVEU FÉLIX ALVES PEREIRA EM 1909. IDANHA-A-VELHA AINDA TENTA CONTRARIAR ESTA VISÃO.

QUEM ERAM OS CIDADÃOS de Idanha? De onde vinham? Até aqui, eruditos e cientistas têm especulado sobre a presença de indígenas na cidade romana e sobre outros movimentos populacionais, mas faltam dados concretos. João Teixeira é talvez o investigador que pode temperar esse debate com condimentos até aqui inexistentes.

Formado no Porto, mas ligado agora a duas universidades australianas e e ao Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra, o investigador conduzirá a investigação genética com os vestígios osteológicos humanos encontrados na cidade. "Queremos perceber o impacte potencial de diferentes povos que tenham habitado a cidade e avaliar se deixaram marcas", diz. Para tal, trabalhará com cerca de 50 indivíduos sepultados em Idanha ao longo de um milénio – embora a maioria já seja de época medieval, pois o ritual romano de incineração dificulta o estudo. Não está descartada a hipótese de uma campanha orientada para encontrar uma necrópole dos séculos I e II.

"As diferenças populacionais costumam ser muito reduzidas, mas há *nuances* ou variantes genéticas: tanto podem ser introduzidas ao longo do tempo como extintas", explica. Há um osso no crânio que preserva melhor o DNA. A sua perfuração em condições controladas permite extrair moléculas de DNA, que revelam as variantes genéticas. O processo permitirá, pela primeira vez em Portugal, encontrar pistas sobre a herança genética dos indivíduos analisados e intuir sobre movimentos populacionais através de modelação e estatística. "Mas gosto sempre de lembrar que herança genética é uma coisa e herança cultural é outra bem diferente", sublinha João Teixeira.

Talvez, afinal, algumas respostas sobre a identidade dos fundadores da cidade romana surjam afinal, não do subsolo, mas de um laboratório.

"HOJE, PRESTAMOS homenagem ao gastrónomo Apício, especialista romano do século I, que nos deixou algumas dezenas de receitas e vastos conhecimentos sobre a relação dos romanos com a comida." Maria Caldeira de Sousa gosta de deixar uma impressão duradoura nos clientes do seu restaurante Casa da Velha Fonte (o único em Idanha-a-Velha) – tão duradoura como os paladares da sua arte culinária.

Mestranda em Alimentação na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, desenvolve um curioso projecto de junção da gastronomia com a história e personifica com o marido, Rui Sousa, uma aposta muito particular. Quando muitos saem de Idanha-a-Velha, Maria, Rui e os filhos vieram para ficar.

As ementas são piscadelas de olho ao mundo romano e à produção da região, introduzindo ingredientes há muito esquecidos, recuperando ervas aromáticas e procurando usar produtos locais, frescos e com certificação biológica.

Fechando os olhos, o visitante pode, por instantes, regressar ao passado e imaginar uma refeição romana, a cem metros do Fórum, num tempo em que os habitantes de Idanha nem poderiam sonhar com o milénio de glória que esperava a cidade.

É um contraponto de esperança, talvez, face às palavras que, em 1909, Félix Alves Pereira deixou sobre o futuro desta aldeia histórica. "É hoje um escalavrado campo de ruínas", escreveu em "Elenco de Epigrafia Lusitano-Romana". "São ruínas de ruínas multiplicadas, os dolorosos vestígios de povoações sucessivas que aí devem ter existido desde a época lusitano-romana pelo menos. Três civilizações ali se sobrepuseram, mas na ruína presente se confundem porque a mão do homem, inimigo do homem, calabreou tudo inexoravelmente, destruindo para ter de edificar como debaixo do império de uma maldição, e agora detendo-se na tarefa destrutiva sem nova energia para construir. Sobre o ignoto ergueu-se a povoação romana; sobre a ruína desta, surgiu uma cidade visigótica; em cima da aniquilação da Egitânia goda e da subjugação de uma hipotética almedina, firmou-se a cidadela dos templários; e por cima do tríplice destroço destas civilizações paira o descalabro presente e agoniza uma aldeola humílima e apagada."

Através da arqueologia, da história, da antropologia (e, quem sabe, da gastronomia e do turismo), Idanha-a-Velha ainda tenta contrariar esta visão. ☐

O mundo epigráfico romano é rico e destina-se tanto à transição para outros mundos como para sublinhar aos contemporâneos as virtudes e títulos do defunto. Em Idanha-a-Velha, existe a maior colecção epigráfica romana do país.

APROXIMAÇÃO FACIAL

TEXTO DE **GONÇALO PEREIRA ROSA**
ILUSTRAÇÕES: **CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA/MUSEU MUNICIPAL DE ARQUEOLOGIA/FILIPE FRANCO**

A dama romana da Amadora

NUMA NECRÓPOLE NA AMADORA, EMERGIU UM DOS PROJECTOS MAIS INTERESSANTES DOS ÚLTIMOS ANOS: A RECONSTITUIÇÃO DE UM ROSTO COM QUASE DOIS MILÉNIOS.

No século XVI, Francisco de Holanda, o incansável cronista e desenhador de ruínas e monumentos clássicos, deu conta dos vestígios de um aqueduto romano nos arredores rurais de Lisboa. O humanista chegou a propor a Dom Sebastião a construção de um novo aqueduto a partir do aqueduto romano, na Amadora. Debalde. Como muitas das reminiscências de Holanda, a informação pairou no imaginário dos eruditos posteriores, ora entendida como lenda, ora como sugestão de uma realidade desaparecida. No século XX, animou campanhas de prospecção amadoras, mas entusiásticas, num território então em franco crescimento urbanístico. E viria, por fim, a desencadear uma curiosa descoberta.

Na Falagueira, a escassos metros de uma movimentada estrada, foi encontrada uma *villa* romana, que viria a ser classificada em 2012 como Sítio de Interesse Público, embora já fosse escavada desde 1997. É a única *villa* da Antiguidade encontrada no concelho.

Identificado nas campanhas arqueológicas do Moinho do Castelinho, o crânio de um indivíduo do sexo feminino foi minuciosamente estudado, medido e sequenciado. Uma equipa multidisciplinar permitiu chegar a esta aproximação facial plausível da dama romana da Amadora.

As escavações da necrópole associada à *villa* romana confirmaram duas fases de ocupação na Antiguidade, além de vestígios bastante mais anteriores: a fase ocupacional data da Época Republicana, a partir de meados do século I a.C.; e uma fase funerária, cujos vestígios correspondem ao período entre meados do século III e meados do século V d.C. As arqueólogas Gisela Encarnação e Vanessa Dias extraíram dessa informação os alicerces de um projecto único em Portugal: "Quisemos dar um rosto à *villa* romana", conta Gisela Encarnação. "Partimos do fragmento e do sítio arqueológico do qual a maioria das pessoas não consegue extrair toda a informação e tentámos humanizar estas comunidades antigas que viveram na Amadora."

Das 42 sepulturas identificadas em covachos escavados na rocha, foram escavadas 38 e alguns vestígios ósseos foram datados por radiocarbono. Um dos esqueletos em melhor estado de conservação foi escolhido para personificar o projecto de interpretação de traços fisionómicos sugeridos pela morfologia externa do crânio. "Chamámos-lhe por brincadeira a nossa dama romana", diz Vanessa Dias. "A datação sugere fortemente que terá morrido entre os anos 321 e 428 d.C., o esqueleto estava quase completo, percebendo-se que teria entre 35 e 45 anos."

O espólio cerâmico e numismático é compatível com esta datação e a sepultura não fora perturbada. Era portanto a candidata perfeita.

"Com as ferramentas modernas, procurámos vencer o tabu da aproximação facial", conta Gisela Encarnação. "Pretendemos que o processo tivesse a maior cientificidade possível. O osso do nariz, por exemplo, assegura a projecção e reconstituição da volumetria do nariz. A conservação das arcadas permite a reconstituição muscular do rosto. No fundo, todos os traços fisionómicos teriam de ser suportados por evidências anatómicas ou genómicas." Mas outras surpresas esperavam a equipa quando o processo foi ganhando forma.

A antropóloga Liliana Matias de Carvalho, da Universidade de Coimbra, realizou o exame biológico completo ao esqueleto da dama romana. Mediu todo o crânio, anotando diligentemente as possíveis patologias e os traços que nos distinguem dos restantes seres humanos. A investigadora Yuliet Quintino Arias, do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, digitalizou o crânio ao longo de três extenuantes dias. Uma equipa da Universidade de Viena, constituída por Ron Phinasi e Daniel Fernandes, promoveu igualmente a análise de DNA. "Todo o processo foi pensado para fornecer ao ilustrador Filipe Franco, da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, o máximo de informação possível sobre a fisionomia da dama romana, já sepultada com uma orientação canónica cristã", acrescenta Vanessa Dias.

Não foram encontradas patologias significativas na dama romana da Amadora. Tratar-se-ia de uma mulher de 1,65m a 1,69m (alta para os padrões da época), robusta, com um ligeiro afastamento entre os dentes e a marca de uma ligeira protuberância no crânio que tanto pode ter resultado de uma pancada sarada como de um defeito ósseo. O esmalte dentário não revelou *stress*, nem cáries. "Terá tido seguramente um regime alimentar equilibrado", diz Vanessa Dias.

A *pars petrosa* do osso temporal é onde melhor se conserva a nossa informação genética, mas ela pode ser recolhida em todo o esqueleto. A sequenciação do genoma a partir do osso temporal da dama romana permitiu confirmar o sexo do indivíduo, a possível proveniência geográfica dos antepassados, a cor dos olhos e do cabelo e o tom de pele.

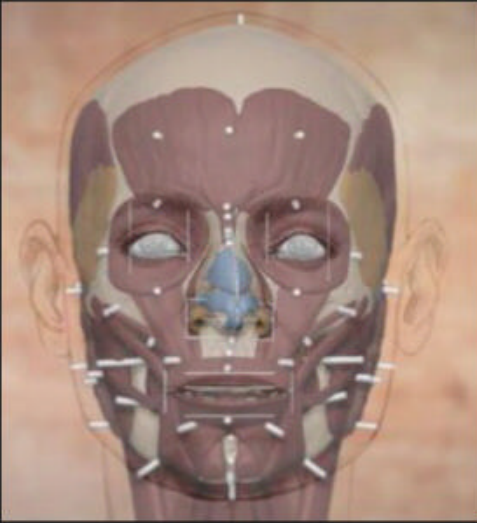
A equipa contactou então Ron Phinasi, um dos especialistas europeus em sequenciação de DNA antigo. Ao comparar os dados obtidos na leitura do genoma com as tabelas já existentes para indivíduos deste período, a equipa acabou por perceber que a mulher teria grande proximidade genética com as populações ancestrais que habitaram as regiões da Sardenha, Sicília e Península Ibérica. Durante as suas pesquisas, o ilustrador Filipe Franco referiu que, actualmente, na Sardenha, os olhos e cabelos claros são características frequentes na população. A restante aproximação facial e composição do penteado apoiou-se também em representações artísticas na estatuária do século IV/V d.C. que a arqueóloga Vanessa Dias pesquisou.

Após uma maratona de exames que permitiu a definição de um rosto para um esqueleto da Antiguidade, a equipa pretende repetir o processo com um segundo indivíduo da necrópole do Moinho do Castelinho, cujo rosto possa também ser trazido à luz do dia. "O município da Amadora figura quase sempre nas notícias de forma ingrata", diz Gisela Encarnação. "Quisemos com este projecto encontrar no património colectivo um factor de identificação e aproximação cultural. A arqueologia não é só o estudo de um monte de cacos." ◻

COMO SE FAZ A RECONSTITUIÇÃO?

A APROXIMAÇÃO FACIAL não é um exercício *ad hoc* de criatividade artística. A equipa do município da Amadora definiu como premissa que todos os elementos do rosto teriam de ser suportados por evidências antropológicas e genómicas, de forma a que nada ficasse ao acaso. A capacidade de digitalização pormenorizada do crânio e a identificação dos ossos fundamentais foram as razões para a escolha deste indivíduo entre os 38 já escavados na necrópole do Moinho do Castelinho. A antropóloga Liliana Matias de Carvalho conduziu a análise antropológica, medindo todas as facetas anatómicas e procurando patologias e anomalias. Yuliet Quintino Arias conduziu depois a digitalização do crânio em 3D, a exemplo do que já fizera com indivíduos da estação pré-histórica de Atapuerca. Por fim, foi sequenciado o genoma a partir do DNA antigo preservado nos ossos temporais, apurando traços essenciais da ascendência do indivíduo. Todos estes dados foram fornecidos ao ilustrador Filipe Franco, que os cruzou com dados de referência já acumulados na Europa para indivíduos do mundo romano. A partir daí, o rosto foi ganhando forma – primeiro, em 2D e mais tarde na versão em 3D.

VEJA O VÍDEO DA RECONSTITUIÇÃO
EM NATIONALGEOGRAPHIC.PT

O crânio totalmente digitalizado

Reconstituição dos músculos faciais

Ossos nasais essenciais para o rosto

Incorporação de traços femininos

Informação extraída a partir do DNA antigo

O retrato final

Entre os muitos biliões de árvores existentes neste planeta em aquecimento, qual delas cresce mais a sul? A nossa equipa enfrentou os ventos furiosos do cabo Horn para descobri-la.

A ÁRVORE

TEXTO DE **CRAIG WELCH**
FOTOGRAFIAS DE **IAN TEH**

DO FIM DO MUNDO

Sete árvores despontam de uma colina na extremidade meridional da América do Sul, espreitando o remoinho formado no ponto onde o oceano Pacífico se encontra com o Atlântico.

Não é um arvoredo impressionante – apenas um emaranhado de ramos nodosos de casca prateada, escondido por ervas finas. Algumas estão mortas. Nenhuma excede a altura da minha coxa. As que ainda estão vivas curvam-se e contorcem-se no solo, estendendo-se por alguns metros, como soldados rastejando num campo de batalha lamacento. Os ventos ferozes tornaram os troncos completamente horizontais.

É difícil conciliar estes espécimes desgrenhados com os enormes esforços que desenvolvemos para encontrá-los. Sobrevoámos oceanos, navegámos 32 horas de *ferry* e mais dez num navio de madeira alugado. Só então alcançámos o nosso destino – a ilha Hornos, a ilha do cabo Horn, o último pedaço de terra da Terra do Fogo. Fizemos esta viagem para cartografar uma fronteira nunca antes traçada por qualquer cientista. Viemos em busca da árvore mais meridional do mundo.

"É esta", comenta Brian Buma, ecologista da Universidade do Colorado. Da cabeça aos pés, Brian veste um equipamento cor de laranja e preto. Avançando entre outeiros, vai consultando a bússola e murmura: "Fixe."

Há poucas facetas no mundo natural que possam ser identificadas como o verdadeiro fim, a última de um certo tipo, o limite. "Impressiona-me que tenhamos agora de conhecer o lugar onde se encontram", diz.

EM PLENO SÉCULO XXI, pode parecer que já não há lugares para cartografar até ao último centímetro. Pilotamos submarinos até à fossa mais profunda do oceano, exploramos os desertos mais secos do planeta. Contudo, nunca identificámos – pelo menos, não de forma correcta – as últimas matas do topo, ou do fundo, do mundo.

As florestas encontram-se actualmente em movimento. À medida que o clima aquece, a fronteira superior da floresta vai subindo cada vez mais alto nas montanhas e as espécies de árvores estão a alargar os seus domínios a latitudes mais elevadas. À medida que as árvores se deslocam, os ecossistemas mudam. No Alasca, as temporadas de crescimento mais longas permitem aos salgueiros crescer tanto que, de Inverno, irrompem pela neve. Isso tem atraído os alces e as lebres até ao oceano Árctico. O Árctico e sectores da Antárctica contam-se entre as regiões do planeta que aquecem a maior velocidade.

No entanto, a maior parte do conhecimento disponível sobre essas grandes mudanças ecológicas resulta de investigações realizadas a norte do equador. O Sul do globo, diz Brian Buma, é frequentemente negligenciado.

Ao folhear livros de botânica e diários de exploradores antigos, o investigador descobriu uma oportunidade: eles continham uma quantidade

National Geographic Society
Empenhada em dar a conhecer e proteger as maravilhas do nosso mundo, a National Geographic Society financia o trabalho de Brian Buma, que examina como os ecossistemas da Terra estão a alterar-se.

Os ecologistas Brian Buma (à esquerda) e Andrés Holz examinam as saliências do promontório da ilha Hornos, o último local onde uma árvore pode crescer na América do Sul.

PÁGINAS ANTERIORES
Os cientistas atravessam a ilha Hornos, uma ilha varrida pelo vento. Por vezes, tiveram de caminhar sobre as copas densas de árvores e arbustos para evitar a queda.

incrível de afirmações sobre as localizações das últimas matas do hemisfério sul. Se ele conseguisse encontrar a árvore mais meridional, esta seria o ponto focal de um laboratório vivo que os cientistas poderiam visitar nos anos vindouros. Poderiam monitorizar a temperatura do solo e o crescimento das árvores. Poderiam estudar os animais que vivem neste ecossistema extremo. Com o tempo, poderiam descobrir se esse limite estaria a deslocar-se.

Antes, porém, Brian Buma teria de encontrar essa árvore. E encontrar o seu alvo neste arquipélago não seria fácil. A aproximação, só por si, seria uma dura tarefa.

BRIAN PREFERE a ciência que mistura investigação com adrenalina, idealmente em florestas de acesso difícil e condições deploráveis. Certa vez, no Parque Nacional da Baía dos Glaciares, no Alasca, andou de caiaque entre fiordes repletos de gelo, sob uma chuvada torrencial, abriu caminho entre arbustos com a sua altura e fugiu aos ursos-pardos. Fez tudo isso para encontrar minúsculas áreas de estudo vegetativo. Tinham sido criadas em 1916 por um botânico chamado William Skinner Cooper. As áreas de estudo tinham ficado cobertas de vegetação e perdidas para a ciência até Brian Buma retirar os mapas desenhados à mão por Cooper dos arquivos poeirentos onde se encontravam. Agora, estas áreas de estudo fornecem um registo centenário de como as plantas conquistam o solo deixado a descoberto pelo recuo dos glaciares.

Acompanhados pelo fotógrafo Ian Teh, atravessamos lentamente o estreito de Magalhães sob o céu azul-acinzentado de uma tarde de Janeiro. Lá fora, glaciares azul-claros escorrem pelos flancos dos Andes. Os pinguins amontoam-se sobre os rochedos costeiros. Estamos numa missão de um dia e meio entre Punta Arenas e Puerto Williams, no Chile, a cidade mais meridional da América do Sul. Temos encontro marcado com uma embarcação ainda mais pequena.

ILUSTRAÇÃO DE JOE MCKENDRY

Pinguins de Magalhães deslizam na costa rochosa da ilha, dirigindo-se às suas colónias após um dia de pescaria. Avançando entre a vegetação densa, os investigadores escorregavam em guano deixado pelos pinguins que tinham percorrido as mesmas fossas cheias de lama.

Alto e bronzeado, de camisa de flanela e calças de trabalho demasiado compridas, Brian mostra-se animado como um detective prestes a desvendar um novo mistério. Graças a uma bolsa concedida pela National Geographic Society, ele e o ecologista chileno Ricardo Rozzi reuniram uma equipa que espera estudar a floresta austral. Um investigador tentará elaborar um registo de morcegos. Outros dois vão escalar árvores para estudar as suas copas. Um arqueólogo planeia peneirar as areias em busca de sinais de povoados humanos primitivos. E uma pequena equipa vai ajudar Brian Buma a encontrar a sua árvore.

Brian abre um bloco de esboços, numa página onde se vê um desenho do nosso destino. Sob a luz crepuscular austral, parece um mapa de piratas. Brian confessa que, durante um breve período de tempo, pensou em procurar a árvore mais setentrional do mundo (muito provavelmente um larício no centro da Sibéria), mas a região é demasiado extensa para procurar seja o que for. Segundo afirma, queria assegurar-se de que "conseguíamos encontrar uma resposta e ter a certeza de que tínhamos razão".

NO HEMISFÉRIO SUL, há muito menos solo. A Antárctida foi florestada há dezenas de milhões de anos, na época eocénica, quando o planeta era mais quente: agora, porém, já não existem ali árvores. O oceano em redor apresenta-se pontilhado de ilhas e, em algumas, há juncos, brássicas e ervas, mas nenhumas árvores. As ilhas foram repetidamente cartografadas desde que, em 1775, James Cook afirmou não existirem árvores na Geórgia do Sul.

Esquadrinhando a Internet, Brian descobriu reivindicações da localização da árvore mais meridional do mundo literalmente em todo o mapa. Num sítio da Internet, sugeria-se que ela se encontrava em Navarino Island, onde se situa Puerto Williams, pelo menos 70 quilómetros a norte do cabo Horn. Noutro, afirmava-se ficar na ilha Hoste, 55 quilómetros a noroeste do cabo. Um artigo

À ESQUERDA

Na costa oriental da ilha, Brian Buma enfia a cabeça numa capela antiga para ver como estão alguns membros da equipa que ali se refugiaram de uma tempestade.

EM CIMA

A equipa travou conhecimento com os únicos habitantes a tempo inteiro da ilha Hornos, o segundo-sargento da Marinha chilena Andrés Morales e a família. Morales cumpre uma comissão de serviço de um ano, trabalhando num farol com vista para a passagem de Drake e fornecendo boletins meteorológicos aos navios em trânsito.

Escutado no *podcast* da National Geographic

Ouça o relato do escritor Craig Welch sobre a expedição em "The Tree at the End of the World", na terceira temporada do nosso *podcast*.

publicado numa revista científica na década de 1840, baseado num relatório do botânico Joseph Dalton Hooker, que navegou a bordo do HMS *Erebus* e do HMS *Terror*, concluiu, de forma confiante: "A ilha Hermite pode ser considerada o ponto mais a sul do globo onde é possível encontrar algo parecido com vegetação arborescente."

No entanto, Hooker nunca visitou a ilha a sul de Hermite, desenhada por Brian Buma no seu caderno: a ilha Hornos. Aquando da nossa viagem, a Wikipedia assegurava que era "completamente desarborizada". Por que razão haveria árvores em Hermite, mas não na ilha Hornos, a 15 quilómetros de distância? Brian ponderou a questão.

Quando expôs a sua ideia a Ricardo Rozzi, o investigador chileno mostrou-se entusiasmado. "Só dizia 'Oh sim, já lá estive'", recorda Brian. "'Há lá árvores'."

Em Puerto Williams, onde Ricardo é responsável por uma unidade de investigação gerida pela Universidade de Magalhães, carregamos o nosso equipamento a bordo do *Oveja Negra*. Construído com madeira de cipreste, o navio de 20 metros é pilotado por Ezio Firmani, o primo ruivo e frenético de Ricardo e antigo chefe de cozinha. Pouco depois, navegamos para sul, ao longo do canal de Beagle, assim nomeado em homenagem ao navio de Darwin. O comandante transborda de entusiasmo: "Nunca contornei o cabo!", grita. Sinto um frio na barriga.

AQUILO QUE OS TROUXE CÁ

A árvore mais meridional do mundo foi encontrada da ilha Hornos, a curta distância do cabo Horn. Pertence a um grupo de sete árvores e cresce numa encosta que lhes proporciona abrigo dos vendavais.

O cabo Horn é uma protuberância enorme, um promontório que avança cerca de 400 metros mar adentro, a partir da extremidade meridional da ilha Hornos. A sul, há uma faixa de oceano que se estica ininterruptamente, dando a volta ao planeta. Ventos predominantes de oeste sopram violentamente sobre a superfície do mar, agitando-a em vagas gigantes. Ao atingirem a pouco profunda plataforma continental, estas ondas colossais tornam o mar ameaçador. De vez em quando, há icebergues a vaguear nas redondezas.

Durante séculos, muitos marinheiros morreram a tentar "dobrar o Horn", sobretudo ao navegarem de leste para oeste, contra os ventos. Em 1788, antes do tristemente célebre motim da sua tripulação, William Bligh, capitão do HMS *Bounty*, demorou um mês a fazer essa tentativa, mas não conseguiu dobrar o cabo. Em 1832, "nuvens grandes e negras" desencadearam uma "violência extrema", obrigando Charles Darwin a retroceder.

Enquanto rumamos ao cabo, Brian abre o seu caderno para desenhar o promontório. O local mais a sul onde poderá estar a sua árvore fica aqui, no alto de uma saliência com centenas de metros de altura. Foi por isso que Brian trouxe cordas, equipamento de escalada e John Harley, um experiente montanhista. John está preparado para nos liderar, caso seja necessário. "Seria divertido", afirma Brian. Não sei se concordo.

DEZ HORAS DEPOIS de largarmos de Puerto Williams, a chuva emerge dos céus subitamente escurecidos. Há uma tempestade a caminho, mas estamos finalmente ao largo da costa leste da ilha Hornos. Se não chegarmos a terra agora, poderemos ficar presos a bordo durante vários dias.

Uma hora mais tarde, entramos a bordo de pequenos barcos insufláveis a motor e zarpamos para uma praia sob um penhasco. Depois de subirmos 160 degraus improvisados, chegamos a um pequeno passadiço que conduz a uma capela e a um farol mantido por um segundo-sargento da Marinha de Guerra chilena que vive no local com a família. Em manhãs límpidas, alguns meses por ano, a ilha é visitada por navios de cruzeiro. A maioria demora-se apenas uma hora ou menos.

O governo chileno proíbe o acesso à maior parte desta ilha. Com excepção de algumas equipas de investigação, no último meio século praticamente ninguém se aventurou a afastar-se do local encharcado onde agora nos encontramos.

A ilha Hornos tem cerca de 25 quilómetros quadrados e um formato vagamente parecido com o de um escaravelho. É atravessada por uma cumeada proeminente no sentido norte/sul, terminando numa baía em forma de ferradura. O lado ocidental da ferradura ergue-se até ao topo do promontório. O outro encaracola-se para leste, em direcção ao farol. Ao final da tarde subimos lentamente esse flanco oriental, seguindo por uma rota serpenteante de cinco quilómetros, rumo a oeste.

A caminhada é fácil no início. No entanto, à medida que subimos em altitude, a erva dá lugar a arbustos nodosos com a altura da nossa cabeça. Ramos densos semelhantes a dedos de bruxa quase impossibilitam a nossa passagem e acabamos por caminhar sobre os próprios arbustos.

Deslocando-nos a passo rápido, atiramo-nos de um emaranhado de ramos para o outro. Com o tempo, escolhemos pontos mais altos para pisar, de modo a impedir que os ramos nos batam na cara. Percorro algumas centenas de metros desta forma e as minhas botas nunca tocam no solo. De vez em quando, um pé escorrega pelo meio de folhas cerosas que me dão pelo queixo, como se tivesse posto um pé em falso numa ponte de neve, abrindo-lhe um buraco. Há alturas em que caio, enterrando-me na vegetação quase até à cintura.

SOREN WALLJASPER FONTE: BRIAN BUMA, UNIVERSIDADE DO COLORADO

Alcançamos um planalto fustigado pelo vento. As rajadas fazem tremer o meu casaco, que parece um motor a roncar. Temos de gritar para sermos ouvidos. Demorámos, pelo menos, uma hora a percorrer menos de um quilómetro e meio.

Começando a descer do lado ocidental, trepamos ainda mais alto para cima dos arbustos. Acabamos por esmagar delicadamente a parte de cima dos arbustos. Não sabemos se o solo fica a um ou cinco metros abaixo dos nossos pés. Caio entre ramos e fico encalhado, à altura da minha garganta, e tenho de esperar que Ian me liberte.

Ao nível do mar, o mato abre-se o suficiente para conseguirmos vislumbrar fossas íngremes. Em seguida, ouvimos um guincho e alguém grita: "Pinguins!" Pinguins de Magalhães passaram por baixo dos arbustos e correm agora sobre o solo, ao longo de canais repletos de excrementos, em direcção às suas colónias.

Por fim, chegamos a um prado amplo. Enquanto montamos acampamento, vejo Brian Buma a olhar fixamente para oeste, para o alto de uma encosta praticamente imperceptível, para as copas de árvores que se abrem no alto de cascas prateadas – as florestas mais meridionais do planeta.

EM CADA UM DOS DEZ DIAS SEGUINTES, vêem-se cientistas a emergir das nossas tendas, dispersando-se pelo terreno. Um investigador texano vasculha riachos ínfimos em busca de insectos. Um ornitólogo chileno usa redes de malha fina para capturar tentilhões e narcejas. Brian, John Harley e Andrés Holz, ecologista chileno especializado em florestas, caminham sobre turfeiras esponjosas e montículos de plantas rasteiras em busca de árvores.

Não é tão simples como parece. Não existe uma definição científica consensual de árvore. Na Internet, a página dos Serviços de Parques Nacionais dos EUA, por exemplo, afirma que as árvores têm, no mínimo, seis metros de altura. No entanto, isso exclui muitas variedades, consideradas árvores pela maioria das pessoas. A equipa de Brian usa uma definição mais intuitiva: uma árvore é uma planta perene com um único tronco de madeira e poucos ou nenhuns ramos baixos, enquanto os arbustos têm troncos múltiplos e ramos baixos.

Na ilha Hornos, os investigadores identificam três espécies: uma rara casca-de-anta e duas faias comuns. Noutros locais, estas árvores perenes atingiriam 20 metros de altura. Aqui, as que se encontram protegidas do vento podem alcançar dez metros. A maioria, porém, não consegue. Há grupos inteiros pouco mais altos do que eu.

Estas florestas anãs formam grupos dispersos sob uma cumeada a sudoeste do nosso acampamento. Depois de vários dias a explorar o perímetro, torna-se evidente que não será fácil localizar o indivíduo mais meridional. Se emergir do promontório, precisaremos que o céu esteja límpido para vermos a vertente e é forçoso que os ventos acalmem o suficiente para podermos escalar ou descer em *rapel*.

A última árvore também pode estar na ponta da floresta. No entanto, é mais provável que viva sozinha ou num pequeno grupo e que tenhamos de vascular o solo para a ver. Uma árvore solitária não se mantém vertical durante muito tempo.

Durante a nossa campanha, as rajadas de vento atingem 140 quilómetros por hora – o limite inferior da escala dos furacões. Rasgam uma tenda e quase atiram outra ao mar. Para secarmos a roupa, penduramo-la às costas imitando uma "vela estacionária" – de pernas e braços abertos, virados para a brisa.

Desempenhamos as nossas tarefas aproveitando as janelas de oportunidade meteorológicas. Numa tarde nublada, aventuramo-nos num bosque para recolher dados. A copa das árvores é tão densa e baixa que temos de nos ajoelhar e rastejar. No interior da mata, encontramos um tapete verde eléctrico de musgos e líquenes. Acima de nós, as árvores estão dobradas e torcidas em espirais, assemelhando-as a molas helicoidais. Parece um mundo criado por J.R.R. Tolkien e comprimido, de cima para baixo, por uma mão gigante.

Andrés mostra-se admirado com a vegetação luxuriante da ilha. Colhendo amostras de vários troncos, descobre que os seus anéis são quase brancos – um sinal de crescimento explosivo. "São árvores muito felizes", diz. Não correspondem ao que ele esperava em condições tão desfavoráveis.

Certa manhã, quando a neblina finalmente levanta, subimos ao promontório e espreitamos para baixo. Examinamos as saliências e as fendas em busca de troncos e rebentos. Não vemos nada, mas o ângulo impossibilita o reconhecimento de vegetação arborescente.

Ao fim de uma semana na ilha, na primeira manhã soalheira, contactamos o *Oveja Negra* por rádio. Depois de voltarmos a empilhar o equipamento nos barcos insufláveis e subirmos a bordo, passamos junto do cabo pela primeira vez. Excitado com a ideia de examinar a última árvore pendurado numa corda acima de um dos mares mais agitados do mundo, Brian ainda tem esperanças de encontrar o seu alvo. Eu não.

Somos sacudidos pelas vagas algumas centenas de metros a leste, examinando a rocha a partir da proa. Atrás de mim, Brian balança suavemente, de binóculo em punho. Continua sem ver árvores.

"Lá em cima é só erva?", pergunta John Harley.

"É só erva", confirma Brian. Vira-se para mim. "Mas ainda não vimos tudo."

Para fazê-lo, teremos de dobrar o Horn. Ezio Firmani, o comandante, prepara-se para a missão traiçoeira. Vemos as ondas rebentarem ao fundo. Enfrentamo-las e avançamos contra elas. De olhos esbugalhados, Ezio começa a gritar. Os ventos intensificam-se e o barco começa a vibrar. Alguém se baixa no convés para vomitar.

Passados poucos minutos, Ezio volta para trás. Já vimos o que precisávamos. Lá em cima, as saliências rochosas molhadas estão envoltas em vegetação. Contudo, é evidente que não há nenhuma árvore. Para meu alívio, os mosquetões e cordas que John Harley arrastou atrás de si não serão necessários.

DE VOLTA A TERRA, Andrés e Brian retomam a sua demanda. Descrevendo um padrão de grelha, esquadrinham a encosta atrás do promontório.

Dois dias mais tarde, Brian encontra a sua árvore: um emaranhado de ramos espreitando entre tufos emaranhados de vegetação. Consulta o seu dispositivo de GPS. Descreve outra grelha e encontra a árvore mais próxima, 17 metros a norte.

Brian regressa e ele e Andrés afastam a erva. Em vez de uma única árvore, contam um grupo de sete, das quais apenas algumas estão vivas. "Estamos numa encosta virada para nordeste, que é provavelmente o melhor local para uma árvore crescer aqui", resume Brian. Andrés acrescenta: "Recebe luz solar e está mais abrigada do vento."

A árvore mais meridional do mundo é uma faia de Magalhães (*Nothofagus betuloides*). Os anéis de crescimento apontam para uma idade de 41 anos. O seu diâmetro é pouco inferior a cinco centímetros e tem apenas 60 centímetros de altura. A partir daí, curva-se e cresce horizontalmente.

À ESQUERDA
O investigador Iván Díaz trepa por algumas faias de Magalhães. Aninhadas junto de uma encosta e protegidas do vento, as árvores atingiram uma altura invulgarmente alta para a ilha Hornos, onde a maioria das árvores pouco ultrapassa a altura do próprio Iván Díaz.

EM CIMA
De noite, os ventos que empurram as ondas altas e perigosas ao largo da costa obrigaram os membros da equipa a acocorar-se para comer, protegidos por arbustos e manchas de floresta anã.

Não é um carvalho enorme, mas Brian Buma está satisfeito. “É simplesmente fabuloso”, diz.

A BORDO DO *OVEJA NEGRA*, dias mais tarde, iniciamos o regresso, atravessando o plácido canal de Beagle. Depois de onze dias fustigados pela chuva e pelo vento, estou pronto para uma cerveja e um duche quente. Brian continua feliz. Ele e Andrés fizeram história. O trabalho definiu uma base científica para medir a migração das florestas.

Quanto terá este lugar mudado à medida que o planeta aqueceu? Não podemos afirmá-lo ao certo, mas Brian e Ricardo Rozzi vão acompanhar o que se segue. Irá esta paisagem semelhante à tundra transformar-se numa floresta próspera? Será que os ventos, modificados pelas alterações climáticas, deslocarão a fronteira da floresta? Poderão, um dia, as aves transportar sementes até às ilhas Diego Ramírez, 100 quilómetros a sudoeste, permitindo que as árvores criem raízes em locais hoje desarborizados? As alterações climáticas podem parecer abstractas, mas até as crianças conseguem compreender este processo. Se Brian Buma conseguir mostrar-lhes um pontinho no Google Earth que contém a árvore mais meridional do mundo, tornar-se-á mais tangível e significativo. “A nossa ideia sempre foi encontrar um ponto, um ponto físico que as pessoas possam ver e assinalar a fronteira”, diz. Depois, poderemos ver o mundo a deslocar-se além dele. ☐

A árvore mais meridional do mundo pertence a um grupo de sete faias de Magalhães, algumas das quais já mortas. Avançarão as florestas para sul, em direcção à Antárctida, à medida que o planeta aquece? O seu progresso poderá agora ser registado com base na directriz estabelecida por este modesto espécime.

Num salto, um macho atravessa um ribeiro no Refúgio Nacional de Vida Selvagem do Puma da Florida, no Sudoeste do estado. Raramente observados, os felinos, que totalizam apenas cerca de 200 indivíduos, estão a recuperar território a norte dos Everglades, mas o seu habitat está ameaçado pelo crescimento urbano.

ESTE FELINO AMEAÇADO ENCONTRA-SE EM RECUPERAÇÃO, MAS A EXPLOSIVA EXPANSÃO URBANA AMEAÇA A SUA SOBREVIVÊNCIA.

O regresso do puma da Florida

TEXTO DE **DOUGLAS MAIN**
FOTOGRAFIAS DE **CARLTON WARD JR.**

As estradas criam condições para o desenvolvimento suburbano, como no caso deste bairro nos arredores de Orlando, que se intromete na área de distribuição histórica dos pumas. Um estudo estima que mais de dois milhões de hectares – e a maioria das ligações não protegidas do corredor de vida selvagem da Florida – serão urbanizados até 2070, salvo se tiverem lugar grandes investimentos na conservação que empurrem o desenvolvimento imobiliário para as zonas urbanas já existentes.

“Bem-vindo à terra dos pumas”,

diz Brian Kelly, quando nos encontramos num cruzamento movimentado de East Naples, na Florida.

Este biólogo especializado em pumas aponta para leste, na direcção da vasta urbanização onde vive. Um indivíduo foi captado por uma armadilha fotográfica a apenas meio quilómetro e outro atravessou a estrada de seis faixas ao nosso lado.

Outro ainda, uma fêmea de 8 anos chamada *FP224*, vive nas redondezas. Já foi atropelada duas vezes e partiu uma perna em cada ocasião. Foi tratada por veterinários e libertada depois de cada acidente. No seu rasto, dirigimo-nos de carro até à casa de Brian, junto de uma mancha florestal onde o animal se instalou e pariu recentemente pelo menos três crias. Estamos na estação húmida e os rastos de pumas costumam ser apagados pela chuva, mas temos sorte.

“Ali está ela”, diz Brian, apontando para grandes marcas de patas, quase do tamanho do meu punho, na areia macia. Seguimos as pegadas entre pinheiros altos e palmeiras. A verificação da câmara equipada com sensor de movimento ali instalada revela que *FP224* passou pelo local mesmo antes das 21 horas, duas noites antes.

É emocionante ver o seu rasto, pois é um lembrete para a circunstância de, no estado da Florida, ainda existirem grandes felinos, alguns dos quais suficientemente resilientes para viverem, invisíveis, à margem dos subúrbios em expansão.

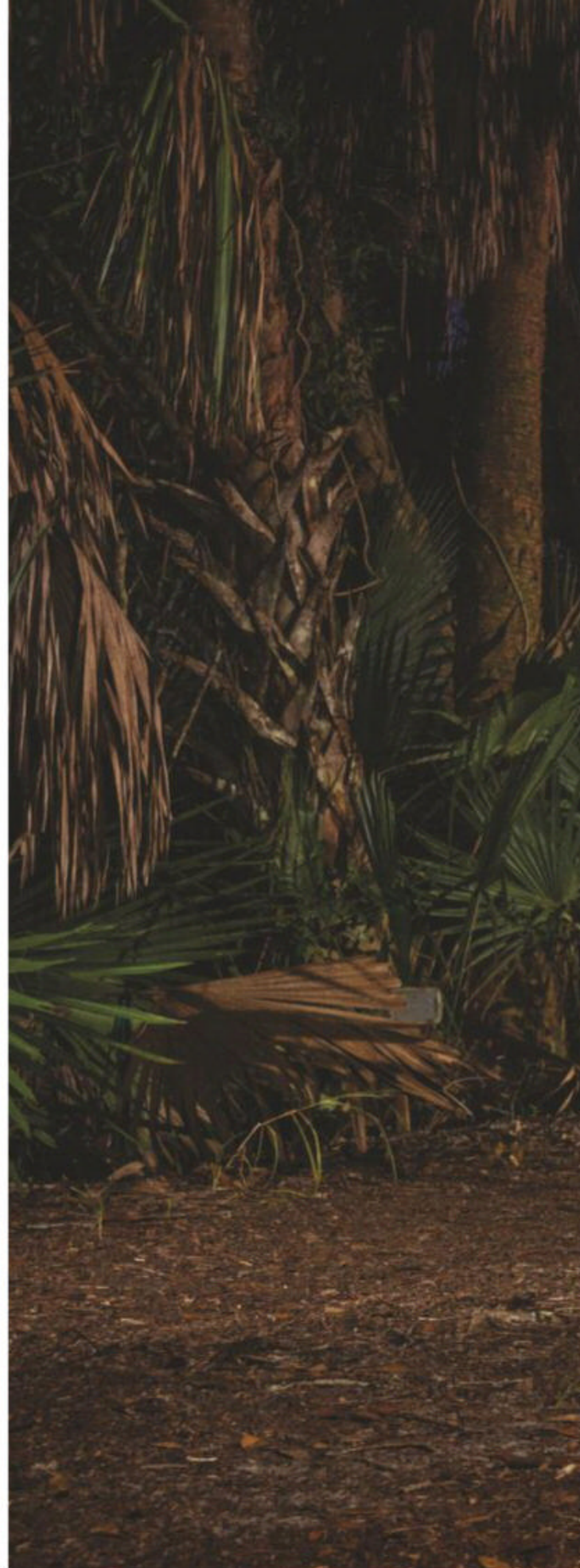
A maioria dos habitantes da Florida nunca verá sinais destes predadores, que pesam 30 a 75 quilogramas em adultos e que conseguem saltar quase dez metros num único salto. No entanto, o puma depende dos milhões de hectares de pântanos, florestas e campos do Centro e Sudoeste da Florida e essas condições ambientais estão em risco.

National Geographic Society
Empenhada em dar a conhecer e proteger as maravilhas do nosso mundo, a National Geographic Society financia o trabalho de Carlton Ward, Jr., que fotografa e conserva o Corredor de Vida Selvagem da Florida desde 2011.

ILUSTRAÇÃO DE JOE MCKENDRY

Uma fêmea e três crias exploram o Santuário da Zona Húmida de Corkscrew, uma reserva rodeada por subúrbios que ameaçam invadi-la por três lados. Muitas destas imagens demoraram anos até serem captadas pelas armadilhas fotográficas devido à raridade dos felinos, à imprevisibilidade dos seus movimentos e à dificuldade em conseguir a iluminação certa. O clima da Florida também apresenta desafios: uma das câmaras perdeu-se durante um furacão, embora fosse recuperada mais tarde.

PLANÍCIE COSTEIRA DO GOLFO

ALABAMA
FLORIDA
MISSISSÍPI
ALABAMA
MISSISSÍPI
LOUISIANA
Mobile
Pensacola
Gulfport
Nova Orleães
Panama City
GOLFO DO MÉXICO
Cabo San Blas

O puma da Florida é uma subespécie do leão de montanha, ou puma. Deambulou em tempos por grande parte da região sudeste dos Estados Unidos. Contudo, os animais foram caçados de forma agressiva e, em finais da década de 1970, já só existiam menos de 30 na Florida, o que os tornava altamente vulneráveis à consanguinidade. Estiveram à beira da extinção, lembra Brian Kelly, um homem magro frequentemente vestido com roupas com o emblema da sua entidade empregadora, a Comissão para a Conservação de Peixes e Vida Selvagem da Florida.

Nessa época, os cientistas conceberam um plano de salvamento inédito: em meados da década de 1990, contrataram o texano Roy McBride, possivelmente o melhor batedor de leões de montanha do mundo, para capturar oito fêmeas no Texas e libertá-las no Sul da Florida. Cinco reproduziram-se e esta infusão de diversidade genética inverteu a espiral descendente do puma.

As populações cresceram devagar e agora existem cerca de duzentos indivíduos, na sua maioria habitando uma extensão de terras contígua, a sul do rio Caloosahatchee, que se estende para leste a partir de Fort Myers. "É uma das mais bem-sucedidas histórias de conservação nos EUA", diz Carlton Ward, Jr., conservacionista e fotógrafo cujo trabalho é apoiado pela National Geographic Society.

No entanto, uma variedade de ameaças ensombra o futuro do puma, incluindo colisões com automóveis e lutas territoriais entre animais – as duas principais causas de morte. Cerca de 25 felinos são mortos por veículos todos os anos, um indicador palpável de como o crescimento demográfico humano ameaça a espécie, numa época em que cerca de novecentas pessoas estão a mudar-se para a Florida a cada dia que passa.

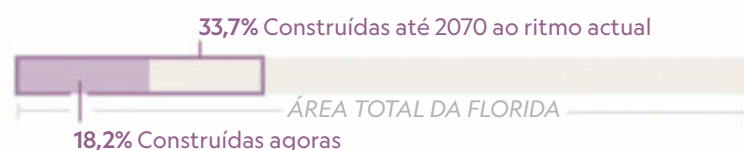
Além disso, uma nova e debilitante doença do foro neurológico, com causa desconhecida, afectou mais de uma dezena de pumas, alarmando os conservacionistas.

Ao mesmo tempo, também há boas notícias: os pumas estão a reivindicar parte do seu antigo território. Em 2016, os cientistas avistaram uma fêmea a norte do rio Caloosahatchee, pela primeira vez desde 1973. "Foi um marco", comenta a bióloga Jennifer Korn, referindo-se a um avistamento na Reserva do Rancho Babcock. Ao contrário dos machos, as fêmeas não se afastam muito do domínio das progenitoras, um factor que condiciona bastante a expansão da espécie.

Cerca de duas dezenas de pumas vivem agora a norte do Caloosahatchee, incluindo algumas fêmeas. A expansão para norte é necessária à sobrevivência dos pumas a longo prazo, mas, na opinião de Carlton Ward, só será possível se for preservado o Corredor de Vida Selvagem da Florida, uma manta de retalhos composta por terrenos públicos e privados que atravessa o estado. Para que tal seja possível, é necessário mais financiamento na área da conservação para ajudar os proprietários de terras, essencialmente criadores de gado, a impedir que os espaços abertos se transformem em urbanizações, parques de estacionamento e estradas.

No centro de recuperação do puma a norte, encontra-se uma paisagem conhecida como Nascentes dos Everglades, parte da bacia hidrográfica que abastece quase dez milhões de habitantes. Parte da água que aqui nasce atinge os pântanos a sul e os investimentos que forem realizados na conservação desta área também ajudarão os Everglades, defendem os conservacionistas.

MUITOS FELINOS da Florida vivem em terrenos públicos (estaduais ou governamentais), incluindo a Reserva Nacional dos Grandes Ciprestes, o Refúgio Nacional de Vida Selvagem dos Pumas da Florida, o Parque Estadual da Reserva de Fakahatchee Strand e a Floresta Estadual de Picayune Strand, num total de cerca de 3.680 quilómetros quadrados. (*Continua na pg. 100*)

ESPAÇO VITAL
A população de pumas da Florida está a aumentar, embora se depare com dificuldades num habitat dominado pela presença humana. Como cada felino pode precisar de cerca de 500 quilómetros quadrados de território, a espécie terá de alargar o seu domínio dentro do estado e mais além para sobreviver. À medida que avançam para norte, enfrentam muitos perigos, desde auto-estradas até caçadores. Para ajudarem os pumas a circular, os conservacionistas criaram uma rede de habitat protegido em terras públicas e privadas no interior do estado, denominada Corredor de Vida Selvagem da Florida. Grande parte dos terrenos pertencem actualmente a rancheiros, a maioria dos quais apoia a conservação dos pumas.
Corredor de Vida Selvagem da Florida
Áreas protegidas
Habitat não protegido
Ranchos
25 km
Área urbana
Observações documentadas de pumas fora do habitat tradicional 1972–2020
Habitat primário (2017)
Pumas atropelados (1972–2020)
Daqui a 50 anos...
Se as tendências de crescimento se mantiverem, incluindo uma rede de auto-estradas com 530 quilómetros, a Florida poderá tornar-se demasiado urbanizada para os pumas. Os felinos ficariam confinados a uma área a sul, demasiado exígua para as suas necessidades.
33,7% Construídas até 2070 ao ritmo actual
ÁREA TOTAL DA FLORIDA
18,2% Construídas agoras
SOREN WALLJASPER
FONTES: 1000 FRIENDS OF FLORIDA; COMISSÃO PARA A CONSERVAÇÃO DE PEIXES E VIDA SELVAGEM DA FLORIDA; INVENTÁRIO DE ÁREAS NATURAIS DA FLORIDA; OPENSTREETMAP; USGS
Áreas protegidas fora da Florida
Valdosta
GEÓRGIA
FLORIDA
Zona Húmida
Okefenokee
Centro de Conservação White Oak
Tallahassee
Pinhais Costeiros
Jacksonville
Suwannee
Baía Apalachee
OCEANO ATLÂNTICO
St. Johns
Gainesville
Terras Altas
Daytona Beach
Ocala
Orlando
Cabo Canaveral
Tampa
Lagoland
Cord. Centrais
St. Petersburg
Nascentes dos Everglades
Pinhais Nativos de Sudoeste
Buck Island Ranch
Sarasota
Arcadia
Habitat vital para o puma
Fisheating Creek
Lago Okeechobee
Reserva do Rancho Babcock
Caloosahatchee
FL-80
LaBelle
Fort Myers
West Palm Beach
Santuário da Zona Húmida de Corkscrew
Refúgio Nacional do Puma da Florida
Naples
I-75
FL-29
RESERVA NACIONAL DOS GRANDES CIPRESTES
Fort Lauderdale
US-41
Everglades
GOLFO DO MÉXICO
Floresta Estadual Picayune Strand
Miami
Parque Estadual Fakahatchee Strand
P.N. EVERGLADES
Cabo Sable
Baía Florida
Florida Keys
Key West

Funcionários do Centro de Conservação White Oak transportam duas crias sedadas cuja progenitora, *FP224*, partiu a perna ao ser atropelada por um automóvel. A progenitora foi acompanhada até recuperar a saúde e a família foi devolvida à natureza. Pouco depois da sua libertação, porém, as crias morreram atropeladas por automóveis no Sudoeste da Florida.

Um puma caminha sobre um parapeito recentemente construído para atravessar a State Road 80 junto de LaBelle, a sul do rio Caloosahatchee. As passagens de conservação protegeram, para sempre, terras de vários ranchos a norte e a sul. Os pumas precisam de atravessar por baixo das estradas para se deslocarem entre as terras protegidas a sul e os novos territórios a norte. Esta fotografia foi captada com luz infravermelha, fora do espectro visível, de modo a não incomodar os felinos.

Estas e outras áreas protegidas do Sul da Florida não conseguem sustentar uma população muito maior destes animais territoriais, afirma Dave Onorato, um biólogo especializado em pumas. Cada animal chega a precisar de cerca de 500 quilómetros quadrados de território onde possa deambular e caçar. Em simultâneo, as populações de veados-de-cauda-branca, uma das principais fontes de alimento do puma, diminuíram em algumas zonas da Reserva Nacional dos Grandes Ciprestes. Isso talvez se deva, parcialmente, às invasoras pitões birmanesas, que devoram veados e outras presas dos pumas.

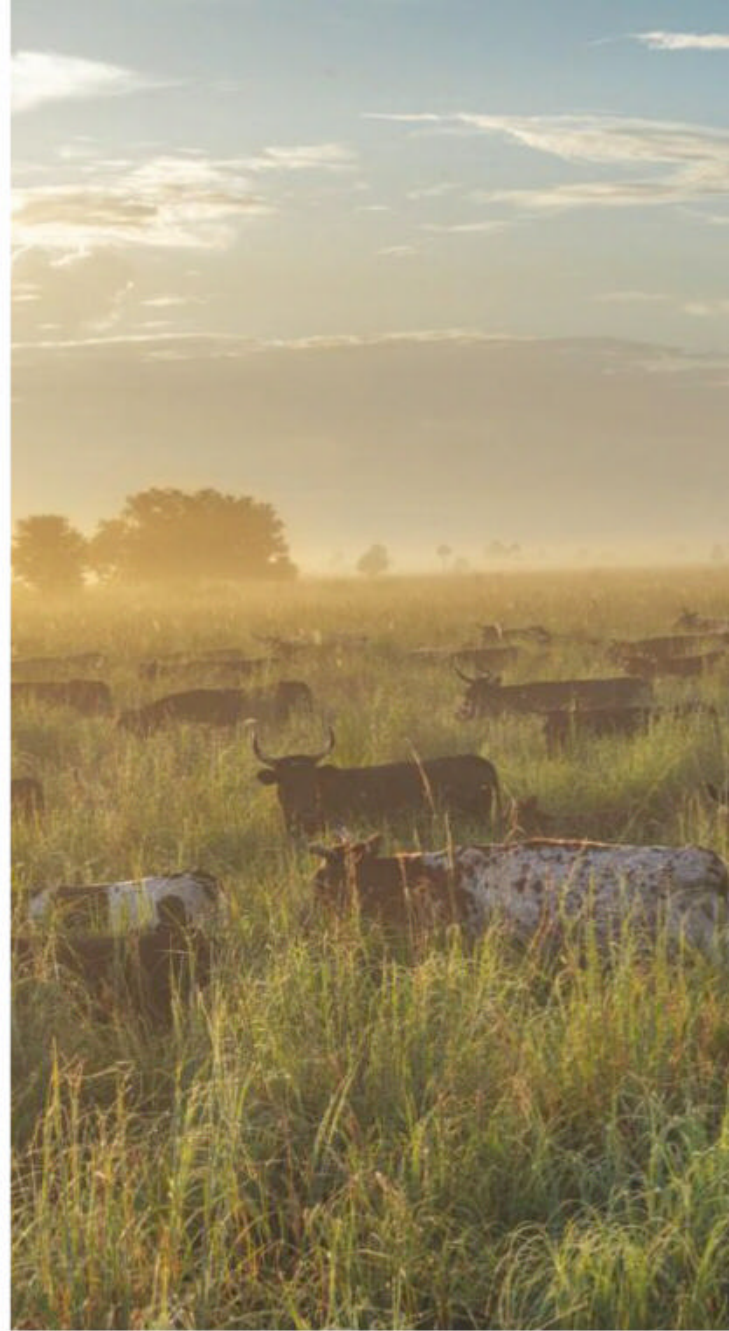
À medida que os pumas avançarem para norte do rio Caloosahatchee, encontrarão terras dominadas por grandes explorações de criação de gado e agrícolas. A região é cortada por estradas e salpicada de pequenas cidades, muitas das quais em expansão. Um dos ranchos ganadeiros mais conhecidos do centro-sul da Florida é Buck Island Ranch, com 4.200 hectares, gerido por Gene Lollis, um natural da Florida de sexta geração.

Numa manhã de Março, antes do nascer do Sol, junto-me a Gene, ao seu filho Laurent e a um grupo de vaqueiros. Montados a cavalo, vamos reunir o gado que se encontra em pradarias repletas de ilhas de palmeiras e carvalhos.

À semelhança de muitos ranchos, Buck Island (pertencente à Estação Biológica Archbold, uma unidade de formação e investigação ecológica da região) disponibiliza o habitat essencial aos animais selvagens, incluindo pumas.

Enquanto os cães ladram e o gado é reunido, pergunto a Gene, líder da Associação dos Ganadeiros da Florida, qual a opinião dos rancheiros sobre o puma. “Temos uma atitude positiva perante eles”, diz. “Fazem parte da paisagem.”

Em termos gerais, o criador de gado e o puma enfrentam um inimigo comum: o crescimento imobiliário. Gene conta que todos os proprietários de ranchos ganadeiros já receberam propostas de compra por parte de promotores imobiliários, acrescentando que se trata de um tema altamente pessoal – os ranchos situados nos arredores de Orlando onde trabalhou quando era mais novo foram loteados e são agora urbanizações.

Alguns consideram a presença dos pumas positiva porque dificulta a conversão de determinadas áreas em construção. “Na Lista das Espécies em Perigo, não vê as palavras “vaqueiro” ou “rancheiro”, mas nós beneficiamos das protecções concedidas ao puma”, explica Elton Langford, um criador de gado que vive a oeste.

Alguns rancheiros, porém, sobretudo mais a sul, onde existem mais pumas, mostram-se reticentes, explica Alex Johns, um rancheiro cuja família cria gado desde que os seus antepassados roubavam vacas aos espanhóis no século XVI.

Nesta região, os pumas comem bezerros ocasionalmente. Um estudo realizado num rancho concluiu que os pumas matam menos de um por cento dos bezerros, enquanto outro afirma que os predadores mataram cerca de cinco por cento.

Por vezes, os pumas são culpados por mortes infligidas por coiotes, ursos e até urubus, acrescenta Deborah Jansen, bióloga especializada em pumas da Reserva Nacional dos Grandes Ciprestes que trabalha com os felinos desde o início da década de 1980.

A perda de bezerros pode gerar ressentimentos e, até, conduzir a retaliações, acrescenta Alex Johns. Para agravar a situação, o programa federal que indemniza os criadores de gado pelas perdas causadas por pumas tem falhas, pois a burocracia é difícil e morosa e os reembolsos são frequentemente recusados.

À ESQUERDA
Laurent Lollis e outros vaqueiros reúnem o gado num rancho da região centro-sul da Florida. Ranchos como este ocupam cerca de um sexto da massa terrestre da Florida, mas estão em perigo. A sobrevivência do puma e o sucesso do Corredor de Vida Selvagem da Florida dependem da preservação destas terras agrícolas.

EM BAIXO
Um puma esgueira-se sob uma vedação no Santuário da Zona Húmida de Corkscrew, emergindo de um rancho vizinho. O santuário é demasiado pequeno para sustentar um macho adulto, que pode precisar de 500 quilómetros quadrados de território onde deambular e caçar. Embora o território de um macho possa sobrepor-se ao de outro, estes felinos solitários tendem a evitar-se.

David Shindle, responsável pelos pumas do Serviço de Pescas e Vida Selvagem dos EUA, concorda que o programa de reembolsos precisa de ser melhorado e vê ambos os lados como aliados. "Para salvar o puma, temos de salvar os rancheiros", resume. Na sua visão, os defensores dos pumas precisam de encontrar uma forma de incentivar a presença dos animais em terra – que é maioritariamente privada a norte do rio Caloosahatchee. Uma das formas de o fazer é incentivando o investimento público e privado em medidas mitigadoras, que adquirem os direitos de construção, mas permitem aos proprietários continuarem a cultivar as terras e a criar gado.

UM PERIGO MAIS IMEDIATO para os pumas, segundo os conservacionistas, é a proposta de construção de uma grande rede de auto-estradas conhecida como M-CORES. Parte dela destruirá um caminho de 225 quilómetros que liga os arredores de Orlando a Naples.

Firmemente contrariado por conservacionistas e muitos criadores de gado, este troço da estrada atravessará áreas do Corredor de Vida Selvagem e algumas das últimas regiões não urbanizadas do interior do Sudoeste da Florida.

Além disso, os cientistas descobriram uma doença do foro neurológico, a leucomielopatia felina, que afecta os pumas e os linces da Florida. Frequentemente, os animais doentes tropeçam ou têm dificuldade de locomoção e os casos graves podem resultar em paralisia, inanição e morte.

Pensa-se que 26 linces-americanos e 18 pumas tenham morrido da doença até Dezembro de 2020, segundo os biólogos do estado da Florida, sendo provável que três pumas tenham morrido devido à doença só na Reserva Nacional dos Grandes Ciprestes. A causa da síndrome é desconhecida, mas as teorias incluem exposição a químicos tóxicos ou a agentes patogénicos, como vírus.

A maioria dos animais doentes tem sido encontrada em regiões de fronteira com terrenos em urbanização. Segundo Deborah Jansen, a detecção de casos destes em áreas prístinas, como Reserva Nacional dos Grandes Ciprestes, é preocupante. Devido às ameaças enfrentadas pelos pumas, a bióloga não tem dúvidas que "o futuro dos pumas está em risco" e essa é uma das principais razões que torna essencial o aumento do habitat do felino.

Brian Kelly mostra-se mais optimista. Se um número suficiente de espaços verdes e corredores de vida selvagem forem protegidos, os pumas poderão avançar para norte da Florida em poucas décadas e, potencialmente, alcançar outros estados com bons habitats, incluindo a Geórgia. Em 2008, um macho de puma nascido perto dos Everglades chegou à região ocidental da Geórgia, cerca de 160 quilómetros a norte da fronteira com o estado da Florida, antes de ser abatido por um caçador de veados.

Entretanto, Brian e alguns colegas instalaram cerca de cem câmaras em vários locais a norte de Caloosahatchee para descobrirem mais sobre a maneira como os pumas se deslocam e para onde se dirigem. Uma fêmea deambulou recentemente na zona de Fisheating Creek e outra em Babcock. Ambas foram vistas com machos. É um motivo para celebrar porque os casais de pumas geram frequentemente crias.

A veterinária Lara Cusack carrega ao colo mais crias da *FP224*. Os jovens felinos foram medidos e receberam reforços imunitários enquanto a progenitora caçava, longe da toca. Quando dispõem de espaço e habitats protegidos, as populações de puma conseguem crescer. Em média, apenas uma em cada três crias sobrevive até à idade adulta.

Numa tarde de Outono, caminho com Brian por uma mata densa até à margem de um ribeiro na Reserva do Rancho de Babcock. Apontando para um grupo de palmeiras, o investigador lembrou-se de que vira ali um puma um mês antes.

"Olhámo-nos fixamente durante 20 minutos", diz Brian, que rapidamente percebeu que se tratava de uma fêmea devido à sua dimensão e porque ela estava a gemer – sinal de estar com o cio. Foi um momento muito importante – o primeiro avistamento de um puma a norte do rio Caloosahatchee, pessoalmente confirmado, desde que o batedor de pumas Roy McBride encontrou uma fêmea idosa em Fisheating Creek, em 1973.

Mais tarde, visitámos a região a norte, num *buggy* devidamente equipado para circular nos pântanos, atravessando campos alagados e serpenteando entre moitas de palmeiras e aglomerados de ciprestes. A vida selvagem abunda por estas paragens: num bom dia, é possível ver ursos, lontras, aligátores e espécies de aves como carcarás e gaviões-tesoura, todos tão dependentes destas zonas húmidas como os pumas.

Brian faz uma pausa para verificar uma câmara recentemente instalada, fixada em redor de um tronco de carvalho. Vê as imagens e, no meio de todos os suspeitos do costume (coiotes, javalis, mapaches, veados) está a fotografia de um puma, que passou por ali semanas antes.

E não era um puma qualquer: era uma fêmea alta e esguia, nunca antes detectada pelos biólogos, que avançava no lado setentrional da vedação que separa o ribeiro do rancho adjacente e talvez rumo a uma nova vida mais a norte. ◻

Cidades Perdidas: Dilúvio

ESTREIA: 21 DE JUNHO, ÀS 23H

Estreia em Junho uma nova série que combina tecnologia e arqueologia, efeitos visuais de cortar a respiração e exploração genuína. Albert Lin investiga alguns dos mais extraordinários locais da Antiguidade e conta histórias emocionantes sobre eles, procurando resolver os mistérios do passado.

Décima Temporada, O Incrível Dr. Pol

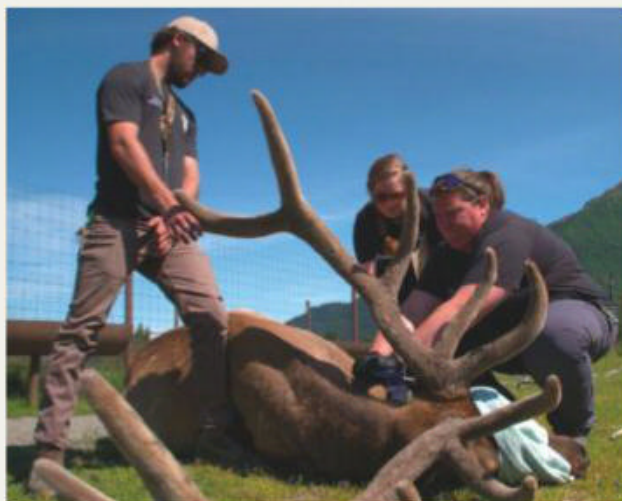
ESTREIA: 6 DE JUNHO, ÀS 19H30
TODOS OS DOMINGOS

Vem aí mais uma temporada atarefada de "O Incrível Dr. Pol", o veterinário mais famoso da National Geographic. Não há tempo a perder enquanto se resolvem questões críticas numa clínica ou emergências em quintas. Prepare-se para uma viagem emocionante com a equipa do Serviço de Veterinários Pol, que trabalha sete dias por semana, ajudando partos de bezerros, resolvendo prolapsos e procurando minimizar o caos do território central do Michigan. Nos primeiros episódios da temporada, a clínica debate-se com falta de pessoal e uma equipa veterana tem de assumir o controlo.

Pesca no Limite

ESTREIA: 15 DE JUNHO, ÀS 23H. TODAS AS TERÇAS-FEIRAS

Na décima temporada desta aclamada série, acompanhamos um grupo de pescadores que compete na pesca do cobiçado atum do Atlântico Norte. A frota de Gloucester tem agora de ser persistente para ultrapassar obstáculos imprevistos.

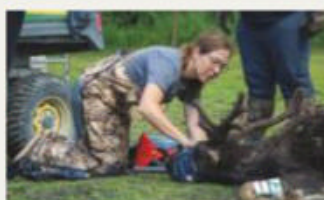
NATIONAL GEOGRAPHIC (NO TOPO E AO CENTRO); PFTV (EM BAIXO)

Alaska Animal Rescue

ESTREIA: 23 DE JUNHO, ÀS 17H
TODAS AS QUARTAS-FEIRAS

Está de volta a segunda desta série que acompanha os heróis da conservação no Alasca que voltam para resgatar, reabilitar, pesquisar e libertar os animais selvagens da última fronteira da América. As aventuras nunca cessam num dos territórios mais inóspitos da América do Norte.

Especial Austrália

TODOS DOMINGOS, A PARTIR DAS 17H

O National Geographic Wild dedica os domingos do mês de Junho à Austrália, um dos países com maior biodiversidade do planeta. É o lar de mais de um milhão de espécies de plantas e animais, muitas das quais não foram encontradas em qualquer outra região e só cerca de metade foi descrita cientificamente. A natureza surpreendente da Austrália é o foco deste bloco de programação especial, onde se mostram ambientes conhecidos e outros surpreendentemente novos para que o público sinta a vida selvagem da Austrália como nunca antes viu. Entre os diferentes programas podemos destacar "Wild Australia: Will to Survive", "Wild Australia", "World Deadliest Animals: Australia", "The Kangaroo King", "Sky Safari: Australia", "Australia Deadliest: Shark Coast" e "Wild 24: Australia – After the Monsoon".

Yukon Vet

ESTREIA: 7 DE JUNHO, ÀS 17H

Cada dia é um desafio para Michelle Oakley, a única veterinária em centenas de quilómetros de Yukon. Seja a lutar contra bisontes, à procura de cabras nas montanhas, a operar glutões ou a devolver alces à natureza, Michelle Oakley fará tudo para manter os animais seguros e saudáveis.

WILDBEAR ENTERTAINMENT PTY LTD/JENS WESTPHALEN/THORALF GROSPTIZ (NO TOPO); NATIONAL GEOGRAPHIC (AO CENTRO E EM BAIXO)

Demasiado calor para viver

Prevê-se que, ao longo do século XXI, a subida nos termómetros e o aumento das ondas de calor no planeta empurrem milhões de pessoas para fora das suas zonas de conforto e dos seus lares.

A importância da sombra

Em Los Angeles, a presença ou ausência de árvores marca a diferença entre bairros ricos e pobres. Criando mais zonas de sombra, podem reduzir-se os efeitos letais do aquecimento global.

Can Mata: um tesouro de fósseis

O sítio arqueológico de Can Mata, em Espanha, guarda um importante registo fóssil. A sua ampliação resultou em novas e valiosas pistas sobre alguns dos nossos antepassados.

Safari ao serviço da conservação

Quando a pandemia atingiu com força o turismo de safari no Quénia, as comunidades locais desenvolveram um plano para proteger a fauna e não prejudicar as comunidades humanas.

XINHUA/EYEVINE/REDUX